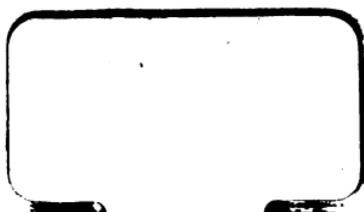
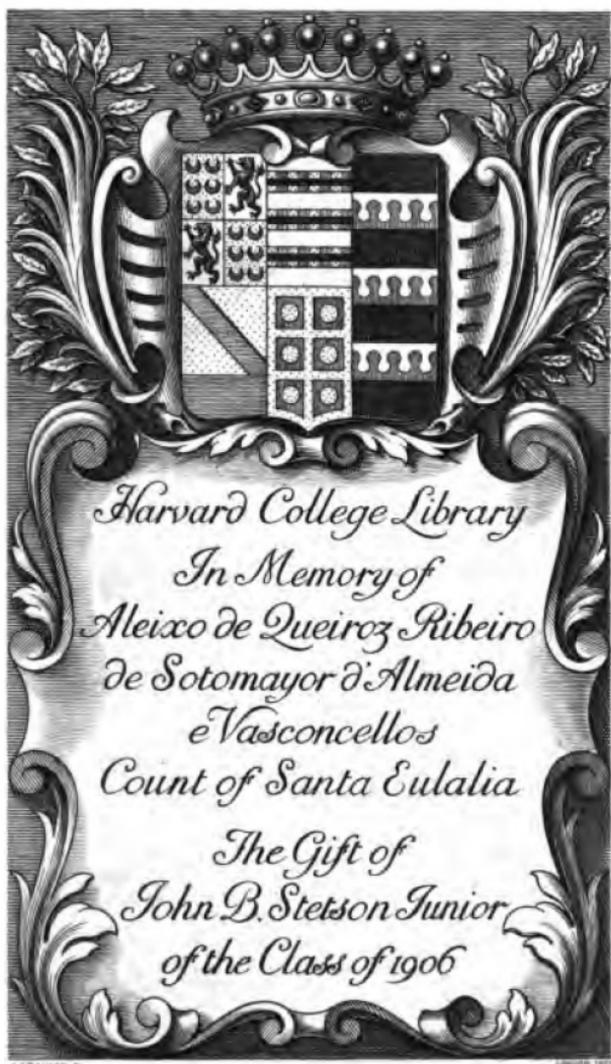


[The page is mostly blank with extremely faint, illegible text visible.]

ort 3085, 15



ALBERTO PIMENTEL.

106

O PORTO NA BERLINDA

MEMORIAS D'UMA FAMILIA PORTUENSE



PORTO

Livraria Intelectual Bibli de Ernesto Chaves

CASA EDITORA

M. LOGAN, Impressor

1894

Copyright by the author

O PORTO NA BERLINDA

PORTO: TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Cancellaria Velha, 70

ALBERTO PIMENTEL

O PORTO NA BERLINDA

MEMORIAS D'UMA FAMILIA PORTUENSE



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardon

CASA EDITORA

M. LUGAN, Sucessor

1894

Todos os direitos reservados

Port 3085.15
✓

**HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION**

**GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.**

AUG 14 1924

PROLOGO

Foi no Porto que eu nasci, foi no Porto que eu aventurei as minhas primeiras tentativas litterarias, foi no Porto que eu soffri as primeiras contusões da critica espancadôra.

N'aquelle tempo a melhor penna de lódão que havia no Porto, penna rija como um cacête, era a de Urbano Loureiro, a quem sobejavam aptidões d'escriptor para desancar um pimpão de feira, postoque ás vezes se limitasse generosamente a trocar, á *Porta Ferrea* da imprensa, os caloiros que iam chegando.

Urbano Loureiro, nos ultimos tempos da sua vida, indemnizou-me largamente dos beliscões

com que havia mordiscado a minha vaidade de principiante ¹.

Mas, cem furos abaixo do valor litterario d'este critico, que levantava a viseira para atacar lealmente, vadiava anonymamente nas encruzilhadas do jornalismo uma canzuada pilharenga, que, faminta de talento, enganava a lazeira esburgando os ossos da ração alheia.

E tão reles era a matilha, que pagava com ingratição o favor de se lhe dar assumpto para

¹ No livro *Atravex do passado* publiquei algumas cordealissimas cartas de Urbano Loureiro.

encher uma columna de prosa enxacôca: ainda por cima, mordida.

Sempre estivera nas tradições do Porto este assalto da inveja raivosa ás canellas d'aquelles que afoitamente se propunham abrir caminho pelas letras.

Parecia que a peor recommendação para os aristarchos portuenses de meia tigela consistia no facto de ser tambem portuense o novato que vinha trazer a lume as suas primicias litterarias.

Arnaldo Gama, que pertenceu á geração que precedeu a minha, queixou-se em publico d'esse brutal desamor dos seus patricios.

*

«Tem-me ladrado ás pernas — diz elle no *Genio do mal* — muito cão vadio da litteratura do Porto, tenho sido alvo das mais desacreditadoras verrinas da villanagem litteraria d'esta grande terra — se porventura tal gente póde desacreditar alguém. Fico sempre na mesma; do mesmo tamanho nos elogios que nas diatribes; com a mesma intelligencia e com o mesmo valor n'uma como na outra coisa».

Ora toda a paixão litteraria d'este escriptor era revolvêr archivos d'onde podesse desentranhar noticias historicas que celebrissem a cidade do Porto.

Como homem de letras, Arnaldo Gama foi um portuense dos quatro costados, que, trabalhando e soffrendo, não deixou nunca de amar a sua terra.

Os rafeiros que lhe morderam passaram na onda anonyma dos insignificantes, ao passo que *O motim ha cem annos*, *A ultima dona de S. Nicolau*, *O Balio de Lessa* são padrões immorredouros do talento, do saber de Arnaldo Gama, e do seu amor ao Porto.

A tradição tem muita força. O odio do critiquelho portuense ao escriptor portuense é tradicional, está arreigado nos costumes, ha de vir sem-

pre á suppuração como um humor ruim, vesicado pela inveja.

Eu mesmo, ao cabo de vinte annos de ausencia, acabo de o sentir em repuxo fétido sobre um livro, que tinha o innocente defeito de tratar assumptos do Porto sem magoar um unico portuense.

Esta intencional mansidão da minha prosa fez suppôr aos critiqueiros do Porto que podiam carregar á vontade em cêra molle, porque os seus dentes haviam de ficar assignaladamente cravados n'uma edição prejudicada por elles.

Enganaram-se redondamente. Foi raro o portuense illustrado, que não comprou o livro.

A brecha por onde resolveram enfiar o ataque foi o erro palmar que eu perpetrára dando como arrasada a rua da Reboleira ¹.

Ora já muito antes de mim, em 1887, Ramalho Ortigão havia escripto nas *Farpas*:

«Deixou de existir a antiga rua do Souto, a das Congostas, a dos Mercadores, a da Banharia, e a tão pittoresca e tortuosa rua da Reboleira,

¹ *O Porto ha trinta annos*, pag. 39.

com o seu arco da Porta Nobre, as suas janellas em resalto como a das velhas casas flamengas, e as suas tanoarias, por entre cuja frescura era tão bom no verão passar á sombra, no picante cheiro da aduela e dos vimes do vasilhame, ao vir da Foz em *char-à-bancs* sob o sol a pino».

Mas, por maior má vontade que os aristarchos portuenses de meia tigela tivessem a Ramalho Ortigão, toleraram que corresse sem replica a affirmativa categorica das *Farpas*, de que a rua da Reboleira *deixára de existir*, receiosos talvez das represalias causticas do fegoso escriptor.

Quando, porém, viram passar n'um relance

do meu livro, que aliás não visava ao rigor historico, a mesma affirmativa, apalavraram-se na sanna com que me anavalharam por esse delicto, sem repararem que o facto de a terem deixado abeberar incontestada desde 1887 até 1893 uma de tres coisas devia significar: ignorancia, cobardia ou má fé. Ou não leram as *Farpas* ou receiaram Ramalho Ortigão ou com ruim proposito, sem justificação de vindicta, me que-riam ferir.

Se os criticos do meu delicto, aliás protegido por boa sombra, me tivessem prejudicado grandemente, se tivessem conseguido desacreditar o livro,

era natural que eu me houvesse apressado em desculpar desde logo com argumentos, que me não faltavam, o texto incriminado.

Mas não se deu esse caso, e eu deixei-os refo-cillar um semestre na dôce illusão de terem mettido uma lança em Africa.

Agora, publicando outro livro sobre o Porto, pareceu-me occasião azada de accentuar um assumpto que tem mais valor como palestra archeologica do que como desfôrra pessoal, que não valia a pena do trabalho.

Em primeiro logar, importa saber se a Rebo-leira era um bairro ou uma rua.

É licito suppôr que aquella denominação ca-
bia ao bairro que se estendia desde a Fonte Tau-
rina até á Porta Nova, abrangendo por isso a ex-
tincta rua dos Banhos.

Póde fundar-se esta asserção n'um texto da
*Descripção topographica e historica da cidade
do Porto*, escripta no seculo passado pelo padre
Agostinho Rebello da Costa.

Diz elle:

«Entre estes dois montes (o da Sé e o da Vi-
ctoria) medeia uma dilatada planicie, que se divi-
de em tres valles sobranceiros uns aos outros: o
primeiro, dilata-se desde o convento de S. Bento

das Freiras até S. Domingos: o segundo continúa por toda a rua Nova de S. Nicolau; o terceiro abrange a Ribeira, Fonte Taurina, e toda a *Reboleira, até á Porta Nova*».

Tenho presente uma carta do snr. Antonio Maria Pinto, illustrado official da camara municipal do Porto, que corrobora o texto do padre Rebello.

«Não sei por que — diz-me o snr. Pinto — era vulgar n'outro tempo, e ainda hoje o é, fallando-se d'aquelles sitios, chamar Reboleira a tudo, a S. Nicolau, Banhos, etc.»

Sendo assim, pôde dizer-se que o que actual-

mente subsiste da longa rua da Reboleira, tão extensa que se estendia desde a Fonte Taurina até á Porta Nova, constituindo por isso um bairro, que absorvia o nome de todas as outras ruas, póde dizer-se, repito, que o que actualmente subsiste é uma insignificantissima parte, porque o resto foi arrasado desde 1870 a 1879 para a abertura da rua da Nova Alfandega.

Consta das respectivas escripturas existentes no archivo municipal que, para esse fim, foram expropriadas, n'aquelle periodo de tempo, cento e trinta e duas casas, sendo cinquenta e quatro da

rua dos Banhos, doze da rua de S. Nicolau, vinte e nove de Cima do Muro, duas da rua da Reboleira, tres da viella de Calca Frades, duas da rua do Forno Velho, uma das escadas do Forno Velho, oito da rua de Miragaia, quinze da rua de S. Francisco, quatro da rua da Ferraria, uma do Postigo do Pereira e uma da Porta Nova.

D'onde proviria o nome do bairro?

Talvez d'ahi residirem numerosos cutileiros e amoladores, pois que a palavra reboleira é synonima de moláda, o lodo dos rebolos de amolar.

Gil Vicente diz na farça do *Clerigo da Beira*:

E vejo-vos, mano, morto,
E tendes ar de mirrado.
Vós estais mais aguçado
Que canivete do Porto.

A cutelaria portuense, que já tinha nome no seculo XVI, como se vê d'esta passagem de Gil Vicente, ainda no seculo passado era importante, como noticia o padre Rebello.

A não querer acceitar-se esta hypothese, teremos de suppôr que o nome dado ao sitio proviria

de ser frequentado por matalotes e outros *rebolões* da ribeira.

Consideremos agora a Reboleira, não como sendo um bairro, mas apenas uma rua.

Consta de documentos archivados no cartorio municipal que foram demolidos na rua da Reboleira dois predios para a abertura da rua da Nova Alfandega.

Ora esses dois predios eram os seguintes: um com os n.^{os} 63 a 65 (antigos numeros 4 e 6) pertencente a Joaquim Gonçalves Taveira d'Azevedo, e outro com o n.^o 67 (antigo numero 7) pertencente ao reverendo Antonio Joa-

quim Soares, abbade de S. Nicolau (o famoso Gondellães).

Não subsiste, pois, a rua da Reboleira na sua antiga integridade.

O camartello municipal, em nome do progresso, roubou-lhe, arrasando-os, alguns dos seus primitivos arcos manoelinos e balcões flamengos.

No *Minho Pittoresco* vem a pag. 689 do II volume uma estampa representando a parte demolida da Reboleira. E para que se não diga que a estampa reproduz um trecho do bairro, não da rua, transcrevemos o texto que a acompanha.

« Uma outra gravura nossa — diz o auctor —

representa parte da antiga e tortuosa rua da Reboleira demolida em 1872 ».

Esta data cabe dentro do periodo 1870-1879 em que se fizeram as expropriações para a abertura do *boulevard* da Nova Alfandega.

O snr. Abrahão Queiroga, que eu induzi a chorar lagrimas como punhos pelo *arrasamento* da Reboleira, e que tão beliscado foi dos aristarchos portuenses pela sua ingenua sensibilidade, deve consolar-se agora, porque não perdeu de todo as candidas lagrimas. Feitas as contas não chorou mal,—quer pranteasse os cento e trinta e dois predios do bairro da Reboleira, demolidos de

1870 a 1879, quer lastimasse aquelles balcões flamengos e arcos manoelinos de que resta memoria na gravura do *Minho Pittoresco*.

Deixe lá o snr. Abrahão Queiroga retouçar-se o enxame dos trombeteiros da critica portuense no brejo em que zumbem, e, a querer chorar por alguma coisa, aconselho-lhe que antes chore pelas pedras do que por elles, que valem menos.

Algumas outras passagens do *Porto ha trinta annos* foram atacadas a pretexto de inexactidão.

Uma me lembra agora: a que se refere aos presentes de vitualhas feitos, por occasião do fallecimento de uma pessoa amiga, á familia do fal-

*

lecido. Mantenho intacta esta asserção. Quem a contestou deve ser uma pessoa tão infeliz, que vive isolada no meio da sociedade portuense, sem relações e sem amigos.

O livro que hoje público pertence a um genero muito conhecido em França. As compilações de diversos textos relativos a um unico assumpto são, em geral, recebidas com agrado, porque reu-nem o deleite da variedade á unidade do pensa-mento.

A respeito do Porto é, porém, cuidou eu, este o unico livro que da primeira á ultima pagina sustenta a indole de uma larga compilação.

Denominei-o *O Porto na berlinda*, porque o texto é umas vezes favoravel, outras desfavoravel ao Porto, e porque nos *jogos de prendas* «estar na berlinda» vale o mesmo que estar no banco dos réos, ter de ouvir o que todos os outros nos querem mandar dizer de agradavel ou desagradavel, do mesmo modo que, no tribunal, o réo tem de ouvir tanto o advogado da defeza como o da accusação.

Ligeiros commentarios meus glosam o texto, intercalados n'elle.

Posto isto, só me resta dizer adeus aos criticos do Porto. Mas como o sentimento do amor pa-

trio deve fazer calar todos os outros sentimentos que valham menos, eu quero adoçar a phrase com que por agora me despeço dos aristarchos meus patricios. Dir-lhes-hei « adeusinho », sem que o vocabulo envolva o sentido ironico com que a moçoila de S. Cosme acompanha de um manguito a despedida, muito realista, com que manda bugiar um perseguidor atrevido.

Não, senhores. Este « adeusinho » é dôce como um rebuçado, e terno como uma saudade de conterraneo ausente.

Lisboa — 1893.

ALBERTO PIMENTEL.

O PORTO NA BERLINDA

I

Origens historicas — O Porto primitivo — *Portuscalles* — Cidade da Virgem — Tripeiros — Genio e caracter tradicional dos portuenses — Sentimentos religiosos — Amor ao trabalho — Commercio — Espirito liberal — O burguez antigo e o moderno — Apêgo ao dinheiro — Cuidado no trajar — O grande aldeão — O Porto e Lisboa.

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem, como é fama, o nome eterno
De Portugal....

(*Lusiadas*, canto vi).

CAMÕES.

..... D'aqui, d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá.....

(*Lyrical*).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

«Cidade gloriosa, illustre berço do reino de Portugal, a quem deu o nome: riquissima, pelo seu impor-

tante commercio: conhecida no orbe, como segunda d'este reino: magnifica, e magestosa por todos os titulos ».

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

« O Porto, essa terra que dera o nome a este paiz, e que, por assim dizermos, estava predestinada para tambem lhe dar, na successão dos seculos, grandes exemplos do amor de independencia e de uma crença viva na dignidade moral do homem, abria a serie d'estes exemplos continuando, apesar de tudo, a combater em defeza dos seus fóros ».

(*Historia de Portugal*, vol. II).

ALEXANDRE HERCULANO.

Sim! o Porto, esse povo heroico e bravo,
Da Lusitania a terra mais briosa,
Que ao proprio Portugal deu honra e nome!

(*Poesias*).

A. PINHEIRO CALDAS.

« O senhorio do Porto pertencia aos bispos d'aquella diocese desde o tempo do celebre amigo e panegyrista de Diogo Gelmires, o francez Hugo. O dominio real limitava-se ao Porto primitivo, isto é, á povoação da margem esquerda do Douro, hoje Villa-nova de Gaia. O burgo, villa, ou cidade episcopal foi crescendo rapidamente pela margem direita do rio, á sombra dos privilegios que na carta de couto, concedida a Hugo por D. Thereza, e confirmada por seus successores, se lhe liberalisaram. Hugo attraiu para ali moradores conce-

dendo-lhes importantes exempções e regalias no seu foral, passado em 1123. Tão rápido foi o incremento da povoação, que em pouco mais de cem annos ella se dilatou por tal modo desde o pequeno burgo, que se pendurava pela encosta em volta da cathedral, que ia já entestar com o couto de Cedofeita por uma linha que, partindo do Douro junto de S. Pedro de Miragaia, se internava para o norte. D'este prompto augmento do burgo episcopal se infere quão importante logar seria na primeira década do seculo XIII ».

(*Historia de Portugal*, vol. II).

ALEXANDRE HERCULANO.

« A principal causa, porém, da discordia (entre Affonso III e o bispo D. Julião) parece ter sido uma questão acerca dos direitos que pagavam as mercadorias que desciam o Douro, e do logar onde deviam ser desembarcadas, se em Gaia, burgo da corôa na margem esquerda do rio, se no burgo episcopal.

.....

« A irritação do rei fôra tal, que occupára militarmente a cidade, exigindo que se lhe entregassem as chaves do castello e das torres que defendiam a cêrca. Recusou-se a isso o alcaide do burgo, mas, na impossibilidade de resistir, foi deposital-as no altar-mór da cathedral, declarando a Affonso III que ali as podia ir buscar, mas que elle não quebraria o preito que fizera a seu senhor o bispo ».

(*Historia de Portugal*, vol. III).

ALEXANDRE HERCULANO.

« A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua desde o Seminario até além de Miragaia, ou antes até á Foz pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do seculo xiv os elementos distinctos de que se compõe. Ao oriente o *burgo do bispo*, edificado pelo pendor do monte da Sé vinha morrer nas hortas, que cobriam todo o valle onde hoje estão lançadas a praça de D. Pedro, e as ruas das Flores e de S. João, e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente, a povoação de Miragaia, assentada ao redor da ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival, e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita, e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja — o municipio — e a monarchia entre esses limites pelejaram por seculos suas batalhas de predominio, até que triumphou a corôa. Então a linha que dividia as tres povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica ».

(*Arrhas por fóro de Hespanha*).

ALEXANDRE HERCULANO.

« Quem o visse (o Porto) coroado da sua cathedral semi-arabe, semi-gothica, em vez do alcácer ameiado; sottoposta, em vez de torre de menagem aos dois campanarios lisos, quadrangulares e macissos, tão differentes dos campanarios dos outros povos christãos, talvez porque entre nós os architectos quizeram deixar as

almadenas das mesquitas estampadas como um ferrete da antiga servidão na face do templo dos nazarenos; — quem assim visse o *burgo* episcopal do Porto, pendurado á roda da egreja, e defendido antes por anathemas sacerdotaes que por engenhos de guerra, mal pensaria que d'esse burgo submisso nasceria um emporio de commercio onde dentro de cinco seculos mais que em nenhuma outra povoação do reino essa classe, então fraca e não definida, a que chamavam burguezes, teria a consciencia da sua força e dos seus direitos, e daria a Portugal exemplos de um amor tenaz de independencia e de liberdade».

(*Arrhas por fóro de Hespanha*).

ALEXANDRE HERCULANO.

«O Porto primitivo, da mesma fôrma que a primitiva Lisboa, do mesmo modo que todas as cidades, que brotam á beira dos rios, agrupou-se timidamente, mirando-se no torvo espelho do seu Douro, como a donosa Lisboa mirava os seus encantos no limpido cristal do Tejo; mas não foi tão imprudente n'esses enlevos de vaidade, que espairasse as suas casas por toda a margem, formando longa fila parallela á corrente, e perdendo a segurança com a extensão. As habitações foram trepando pelos penhascos, que se empinavam tremendos á beira do rio apertado n'este leito de fragas, até ficarem todas á sombra do paço episcopal, que se ergueu entre ellas com o seu aspecto mais de castello roqueiro, do que de residencia ecclesiastica. Assim devia de ser, attendendo a que o bispo era não só pae

espiritual, mas senhor temporal, e que, possuindo os habitantes do Porto em corpo e alma, por tal fôrma os tinha seguros no seio da Egreja, que muito arteiro havia de ser o demonio, se fosse capaz de se aposar d'uma perna, só que fosse, d'um cidadão portuense.

«Por não tomarem as outras cidades estas precauções, andava n'ellas á solta o inimigo do genero humano, que, se bem não podia entrar com as almas, divertia-se em pegar pirraças aos corpos, como é sabido que fez em França á mão direita do *sire* de Giac, cuja chronica foi narrada por Alexandre Dumas, que, prestemos-lhe justiça, tem narrado tudo quanto é possível narrar-se, e principalmente o que é impossível.

«Assim, pois, como vassallos humildes, e cautelosos christãos, aninharam-se os moradores do Porto em torno da sagrada habitação de seu bispo e senhor, chegando-se bem uns aos outros, fazendo negaças ao sol, que difficilmente se poderia aventurar nas estreitissimas viellas da cidade, a qual não faltava por este modo aos usos e costumes da idade-média, que, sendo uma éra de gigantes, folgava em não caber por estas ruas e portinhas de anões».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

«O centro e nucleo da cidade, como se lê no *Roteiro de Antonino*, era *Calle*, hoje *Gaia*, ao sul do Douro, e o seu porto era a praia de Miragaia na margem norte e fronteira ao castello romano, por ser a dita

margem plana e se prestar melhor para ancoradouro e armazens e deposito de rêdes e mercadorias.

«Durante muito tempo a cidade do Porto comprehendeu a população das duas margens e se denominou *Portuscalles*; depois este nome passou para o condado de Portugal e do condado para o nosso reino.

«Tambem com o volver do tempo a cidade se dividiu, ficando a povoação da margem sul com o nome de *Gaia*, reminiscencia da velha *Calle*, e a da margem norte só com o nome do velho *Portus* — Porto — circumscripta a *Miragaia*, nome relativamente moderno, porque prende com a lenda de D. Ramiro II de Leão, que reinou pelos annos de 931-950.

«A desmembração da velha *Portus-Calle* accentuou-se no seculo VI com a invasão dos barbaros do norte, pois ficando os suevos com a Galliza, que tinha então a capital em Braga e se estendia para o sul até á margem direita do Douro, comprehendendo *Miragaia*, o *Portus de Calle*, os alanos com a Beira e parte da Estremadura, tendo a capital em Coimbra e prolongando-se os seus Estados até á margem esquerda do Douro, comprehendendo o castello romano de *Calle*, em breve os dois povos travaram entre si a guerra. Os suevos trataram de fortificar as suas fronteiras e, como o seu *Portus* (*Miragaia*) era baixo, abafado e pouco defensavel, foram cercar de muros o pinçaro proximo, onde hoje está a Sé, por ser alto, escarpado e muito defensavel no tempo das armas brancas, ficando *extra-muros* e algum tanto distanciada a povoação do *Portus* — *Miragaia*.

« Em breve se encheu de edificações o pequeno recinto murado ou bairro da Sé — e com o tempo a população foi irradiando, pelo que os nossos reis D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, para abrigarem a população *extra-muros* e os conventos de S. Francisco e S. Domingos, fizeram nova cinta de muros mais larga, que se prolongou até Miragaia, ficando já então dentro dos novos muros a parte léste de Miragaia, desde a *Porta Nobre* até o *Postigo dos Banhos*.

« Os novos muros deram ao Porto o caracter de uma soberba praça de guerra, pelo que a população rapidamente encheu todo o vão interior e se prolongou desde a Sé até Miragaia; posteriormente avançou até Massarellos e Cedofeita, depois até Lordello e Foz, e hoje até Mathosinhos e Leça, villas que tendem a formar, em praso breve, um dos bairros mais importantes d'esta cidade, principalmente depois que se ultimem a doka e o porto de Leixões, pelo que — seja dito de passagem — a estrada de circumvalação do Porto não devia terminar no Castello do *Queijo*, mas avançar do alto do *Viso* para norte e comprehender Mathosinhos e Leça ».

PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

(Abade de Miragaia).

*Linda cidade da virgem,
Linda terra sem igual!...
Ella foi quem deu origem
Ao nome de «Portugal»!*

— É a patria dos amores,
Com seu manto de mil côres
A sorrir entre òs verdores
D'este solo divinal.

(*Poesias*).

A. PINHEIRO CALDAS.

«Cidade mercantil e navegante, cidade trabalhadora e cambial, cidade da lucta e da honra, cidade da industria e commercio, eu te saúdo! porque, além de tudo isto e acima de tudo isto, és a cidade leal e patriótica, a inclita e eterna *Cidade da Virgem*. Tu abalissas-te um povo egregio, um povo de eleição; tens o raro merito dos portuguezes antigos — o merito da crença, e tens a alta virtude dos povos modernos — a virtude do trabalho. O trabalho é o sangue do teu sangue; a crença, vida da tua vida. A crença e o trabalho symbolisa-te typicamente e nobremente, encarnam primacialmente e genialmente em ti; cinzelam a tua estatura e a tua fama, o teu musculo e a tua historia; és um povo assignalado, um impulsor e um conductor, um Hercules, um Apostolo, um paladino de raça e um crente intemerato: *Fortis et Fidelis*. Conhecia-te devéras o grande historiador que disse: — «Não encontro já portuguezes em Portugal, mas encontro portuenses no Porto». — Pois bem, campeador indefesso e heroico, athleta indomavel e invicto; tu que pompeias os trophéos da religião e afestoas as conquistas do progresso; tu que tens o braço dominado pelo espirito e o espirito pharolisado pela fé; tu que dás uma lição d'estas e talhas um exemplo assim; tu, Porto glorioso, continúa-nos

no melhor de todos os exemplos a maior de todas as lições, rebrada commigo e com o Evangelho: Na Virgem está a união, porque na Virgem está o amor; na Virgem está a vida, porque na Virgem está a mãe; e, portanto, individuo ou reino, homem ou humanidade, eis a tua grande Valedora, a incomparavel, a preexcelsa, a insignissima Virgem-Mãe: — *Ecce Mater tua* ».

(A Questão Suprema).

ALVES MENDES.

Diremos de relance a razão de se chamar ao Porto a *Cidade da Virgem, Civitas Virginis*.

Arrasados os muros do Porto pelo exercito de Almançor, no anno de 999 entrou a foz do Douro uma armada de fidalgos gascões, que de França vinham a procurar fortuna contra os infleis. Capitaneavam a armada D. Moninho Viegas, de quem descendeu Egas Moniz; D. Sisnando, seu irmão, depois bispo do Porto, e D. Nonego que para acompanhar esta empreza havia renunciado a mitra de Vendôme em França.

Desembarcados os audazes gascões, trataram de reedificar a cidade, onde, depois de reconstruida, deixaram uma escolhida guarnição, saindo elles a correr os mouros pelas terras visinhas, que punham, á medida que eram conquistadas, sob a invocação de Nossa Senhora, dando-lhes o nome de *Terras de Santa Maria*.

Os gascões, ou antes o bispo D. Nonego, haviam trazido de França uma imagem da Virgem, que foi collocada em oratorio sobre uma porta da primeira cêrca

de muros da cidade, a qual porta, por esta razão, tomou o nome de *Arco de Vandoma*.

Não se contentaram os nobres gascões com dar por altar à sua Protectora a cidade reedificada: tomaram por brasão a sua imagem, com a de seu Unigenito reclinado no peito, e collocada entre duas torres.

« Como sobre um circo convertido em naumachia, o Porto ergue-se em amphitheatro sobre o esteiro do Douro, e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de tres provincias, e tendo nas mãos as chaves dos haveres d'ellas, o seu aspecto é severo e altivo como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não lhe façaes cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o á prova, e achar-lhe-heis um coração bom, generoso, e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras, e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarde ainda maior porção da desbaratada herança do antigo character portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava d'algumas demasias de orgulho ».

(*Arrhas por fóro de Hespanha*).

ALEXANDRE HERCULANO.

« O Porto tem o apódo de *Tripeiros*, por serem as tripas guizadas um prato caracteristico da culinaria local; a independencia burgueza do Porto antigo suscitou o odio, que transparece n'este ditado :

3

Deus me livre do mouro
 E do judeu,
 E da gente de Vizeu;
 Mas lá vem o braguez,
 Que é peor que todos tres;
 E o Porto no seu contracto
 É peor que todos quatro ».

(O povo portuguez nos seus costumes,
 crenças e tradições, vol. 1, pag. 99).

THEOPHILO BRAGA.

Assignala-se geralmente outra origem á designação de *tripeiros*, dada em todo o paiz aos naturaes do Porto.

Diz-se que a alcunha proviera do facto de ficarem os portuenses reduzidos por muito tempo apenas á alimentação das miudezas do gado, que abateram e prepararam para abastecer sufficientemente a armada que o infante D. Henrique equipou no Porto com destino a Ceuta. De tal modo ficou desprovido o mercado, que não havia outra coisa que comprar para o consumo diario da população.

Esta origem, longe de ser irrisoria, é honrosa.

N'aquelle tempo o patriotismo levava a comer pouco, e mal; hoje obriga exactamente ao contrario: a comer... muito, e bem.

A meu vêr, o epitheto *tripeiros* ficou como apódo não das tripas que os portuenses comem ainda (porque tambem os alfacinhas saboreiam com agrado a *dobrada* nos seus restaurantes de meia tigela), mas das que comeram, por sacrificio patriotico, no reinado de D. João I.

O proloquio satyrico, tal como o cita o snr. Theophilo Braga, está incompleto. Reproduzimos-o integralmente :

Foge do mouro
E do judeu
E do homem
De Vizeu.

Porém lá vem o braguez,
Que é peor que todos tres.
E se fôr de Braga ao pé,
Libera nós e Dominé.
Mas o do Porto
Com seu contracto
É peor que todos quatro.

« Geralmente fallando são os portuenses de estatura mais que mediana, têm a côr do rosto alguma coisa morena, mas animada de um rubicundo agradável, olhos e cabellos pretos, rostos compridos, corpos bem feitos, e constituição robusta. Têm a alma nobre, sentimentos honrados, e acções civis. São dominados pela maior parte do temperamento fleugmatico, que os conduz á quietação e brandura, de sorte que sendo esta cidade a mais populosa do reino, depois da côrte, passam-se muitos mezes, e ainda annos sem que entre elles haja briga alguma, ou a menor effusão de sangue. Ainda que a policia não atalhasse estes excessos, elles mesmos os aborrecem como incompativeis com os seus mansos costumes. Nas companhias de divertimento não ha quem introduza com mais galanteria os bons ditos,

*

o humor jovial, a honesta graciosidade. Fartos quasi até á profusão nos convites em que se ajuntam, elles não são menos grandiosos no asseio exterior, e adorno das suas casas, na riqueza dos seus moveis e no tratamento dos seus domesticos. Nas adversidades não os ha mais soffredores, nos perigos mais valentes, na prosperidade mais modestos ».

(*Descripção topographica e historica da cidade do Porto*).

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

Quanto ao *rubicundo* de que falla o padre Rebello... foram tempos! A raça portugueza tem-se depauperado miseravelmente tanto ao norte como ao sul do paiz. A syphilis terciaria e outras diátheses hereditarias têm descórado as faces e amolgado a compleição dos mais robustos portuguezes, sem excepção dos portuenses.

Ha pouco tempo dizia-me um cirurgião militar, que acabava de inspecionar, no Porto, os mancebos recrutados :

— Em todo este districto, que era um grande viveiro de mocetões, já não ha gente que preste !

« É a gente d'esta cidade (Porto) geralmente dotada de honradas qualidades, pia, devota, liberal, e bem inclinada ».

(*Historia de S. Domingos*,
liv. III, cap. X).

FREI LUIZ DE SOUSA.

« Uma das mais preciosas qualidades dos habitantes do Porto é a franqueza. N'esta casa (*onde o apresentaram*) fui recebido pelos donos d'ella, como se fosse um parente que não viam ha muito tempo. Trataram-me com tanta delicadeza e bondade, que sempre me lembrarei do acolhimento lisongeiro que me fizeram, quando eu me julgava n'um paiz de barbaros ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

A *Viagem ao Minho*, de Gomes de Amorim, principiou a ser publicada no volume x do *Panorama* (1853).

Diz o auctor que tendo lido as *Viagens na minha terra*, de Garrett, lhe occorrera a lembrança de escrever um « ensaio n'aquelle genero ».

Ora *aquelle genero* é tudo o que ha de mais difficil em litteratura.

Gomes d'Amorim naufragou a meu vêr no peor escolho de um viajante, sobretudo quando esse viajante se propõe navegar na esteira de Garrett, o mais leve, o mais gracioso, o mais abandonado artista que jámais escreveu chronicas de viagem.

O auctor da *Viagem ao Minho* foi excessivamente prolixo. As *tirades* succedem-se, estiram-se a proposito de tudo: da casa de pasto do Rainha, do café, do espirito de nacionalidade, do typo do burguez, da vida litteraria, do uso dos banhos do mar, etc. O romancesinho sentimental, da *Virgem dos tumulos*, que entrecha na chronica, tomando por pretexto o Prado do Repouso, tem o que quer que seja de forçada inverosimilhança,

que pesa, e não prende como aquella tão facil e encantadora historia da *Joanninha* do Val-de-Santarem, que Garrett idealisou para deixar espanejar-se a propria imaginação na esphera do romanesco.

Gomes d'Amorim foi, não ha duvida, um escriptor distincto. Mas faltava ao seu espirito a graça, a leveza, o brilho, o abandono elegante e maneiroso, que constituíam a principal característica do Garrett prosador.

« O portuense é o homem mais dedicado, mais servil, mais bom homem. Sómente ha tres coisas de que elle não gosta — e n'esse ponto é mau brincar com elle. Não gosta da auctoridade. Da auctoridade vinga-se, desprezando-a. Da policia vinga-se, resistindo-lhe. De Lisboa, vinga-se recebendo os lisboetas com a mais amavel hospitalidade e com a mais obsequiosa bizarria ».

RAMALHO ORTIGÃO.

« Em Lisboa falla-se muito, grita-se muito, préga-se, exorta-se, não se faz nada, ou fazem-se *meetings*. O Porto é socegado, quieto, pensador, e, quando resolve fazer qualquer coisa, leva-a aq cabo. Lisboa é turbulenta, o Porto é temivel! Para guardar o edificio liberal, para defender os fóros e os privilegios do paiz, Lisboa procede como o cãosinho fraldeiro que, ao sentir a minima bulha, grita, salta, ladra, e que foge, quando apparecem os ladrões; o Porto é como o cão de fila, que

rosna, deixa approximar o assaltante, salta-lhe ás guel-
las, e mata ou é morto ».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

«O Porto é sincera e lealmente religioso. Entrei em
alguns templos, todos estavam cheios de povo e reza-
va-se com grande devoção ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

«Em Lisboa dorme-se muito, dorme-se extraordina-
riamente, desafortadamente, despejadamente! Se não ha
nada que fazer!... No Porto não é bem assim, porque
no Porto tem toda a gente tanto de que tratar, que não
póde dedicar-se ás delicias do somno. Logo pela manhã
a cidade tem o ar inquieto, agitado, activo. Toda a
gente anda depressa, ninguem lê cartazes, apenas se diz
adeus por um leve aceno de cabeça. Não ha por lá
massadores como em Lisboa... »

«No Porto tudo tem a sua razão de ser; tudo está
marcado, convencionado, determinado; ás tantas horas
come-se, ás tantas horas trabalha-se, ás tantas horas
conversa-se, ás tantas horas dorme-se; mas, o que lá
não se usa é dormir á hora de trabalhar, trabalhar
á hora de dormir, e sobretudo conversar á hora de
dormir e de trabalhar ».

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

«O homem inerte, aqui no Porto, é desconsiderado: devia sel-o assim em toda a parte onde fosse um e unico o padrão da honra».

(*Estrellas propicias*).

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

«A sua paixão dominante (dos portuenses) é o commercio e a navegação, tanto assim, que muitos filhos familias, seguindo por ordem de seus paes o caminho das letras, chegando a recêber o grau e capello de doutores em diversas faculdades com approvação geral dos seus mestres e lentes, que louvam a sua litteratura, e talentos, elles desistem d'este caminho, e applicam-se inteiramente ao commercio em que fazem vantajosos progressos».

(*Descripção topographica, e historica da cidade do Porto*).

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

Isto tem mudado muito.

O *bacharel* é uma praga nacional, que actualmente tanto sai do commercio do Porto como da aristocracia de Lisboa. O filho do negociante da rua das Flores, se vai para Coimbra, vem de lá olhando de revés para os pannos que o pae tem na loja. Resultado: Os cabedaes, que o pae amontou á custa de trabalho e economia, não chegam agora á terceira geração. Somem-se por entre os dedos da segunda, que é a do *bacharel*. As grandes casas commerciaes do Porto têm dado em dro-

ga, depois que os filhos dos opulentos banqueiros deram em pedir aos paes grau e cavallo.

« Quem chegar á cidade do Porto, apanhe o primeiro fragmento de papel que encontrar ao acaso, em uma rua qualquer; e já d'aqui lhe affianço, que por mais pequeno que este seja, estará cheio de calculos, dominado sempre por um implacavel *deve e ha de haver*. Ha sitios em que nem as paredes escapam ás subtilezas engenhosas d'essas machinas de *contar*, chamadas negociantes. Nas visinhanças da alfandega, os muros e as portas apresentam um curso completo de contabilidade. A arithmetica reina despoticamente com todas as suas potencias ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Tambem foram tempos!

Agora, o *touriste* que, em observação, passeiar as ruas do Porto, e apanhar do chão o primeiro papel que se lhe depare, corre o risco de encontrar um fragmento da *Voz Publica*, folha republicana, ou um trecho de *Manifesto ao paiz*, assignado pelo snr. João Chagas, e outras celebridades vermelhas.

« Dando o nome á brilhante patria antiga deu, com o sangue, a liberdade á querida patria moderna. Filho,

nenhum deu mais a sua mãe; nem qualidade tão excelsa ha, que possa valer a ultima ».

(*O Minho pittoresco*).

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

« O Porto é a Carthago moderna; e como a antiga cidade onde a *miserrima Dido buscava em vão o prófugo Dardanio*, tem dentro de seus velhos muros um povo commercial, marítimo e guerreiro. As virtudes cívicas de seus habitantes fizeram d'elle o berço classico da liberdade patria, e mereceram-lhe o nome distincto de *cidade invicta* ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Quem no Porto nasceu, entre montanhas,
Peleja livre, — não succumbe escravo!

(*Poesias*).

A. PINHEIRO CALDAS.

« Desde os primeiros tempos da nossa vida nacional, o Porto tornou-se famoso na historia portugueza pelo espirito liberal que sempre animou os seus naturaes. Estes altivos e orgulhosos burguezes nunca abaixaram voluntariamente a cabeça a desigualdades que rebaixam o homem diante do homem, e que inspiram sempre os vexames e as baixezas, que, requintadas pela rudeza brutal da idade-média, ainda hoje são como nodoas indeleveis, que não de manchar eternamente as paginas da historia das nações, que mais valem na Europa da

actualidade. Desde os nossos primeiros tempos, o Porto luctou continuamente para realisar, para fazer entrar na ordem dos factos indiscutíveis a liberdade, que o animava como instincto e como qualidade essencial. Luctou contra os bispos, luctou contra os nobres, e obrigou os reis a reconhecê-la ».

(*Um motim ha cem annos*).

ARNALDO GAMA.

A terra que pisaes, Senhora, é o Porto!
O Porto, que deu nome e liberdade
E gloria a Portugal! — baluarte heroico
Dos triumphos d'um povo ennobrecido!
— Theatro colossal de mil victorias,
De rasgos immortaes, feitos pasmosos
Do grande Imperador, do Rei-soldado!

(*Poesias*).

A. PINHEIRO CALDAS.

« ... legou (D. Pedro IV) o seu corpo á terra de seus paes; ao Creador a sua alma; o seu coração aos homens gigantes da liberdade, aquella raça antiga e não degenerada que attraiu á sua cidade victorias impossiveis, e o nome de *Eterna* ».

« Que não deve augurar ao imperio portuguez o coração de D. Pedro no santuario do fogo da Liberdade, guardado em amor por um povo que a conhece, que a quer, que sabe morrer mas não render-se! Aquelle co-

ração se tornará a Divindade Indigete d'aquelles romanos presentes, e futuros ».

(Tributo portuguez á memoria do Libertador).

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.
(1.º Visconde de Castilho).

Pois, senhores, houve aqui ha tempos, no Porto, quem alvitrasse a idéa de devolver a Lisboa o coração de D. Pedro iv. Os romanos authenticos tambem degeneraram. Mas, honra seja feita ao Porto! podendo vender a um inglez excentrico o coração do imperador-soldado, limitava-se a recambial-o sem ganancia. Isto era ahi por 1891. Pois a esse tempo já os Bancos do Porto estavam escalavrados, e o dinheiro não abundava na praça. Bonita acção!

« O Porto havia mandado a Lisboa mais alguma coisa, assim uma coisa insignificante como a liberdade; mas essa remessa fôra uma dadiua atirada, por sobre toda a monarchia, com pulso de ferro; e pulso de ferro é idéa muito material, quasi a antithese de adelgaçamento intellectual ».

(Esboços de apreciações litterarias).

C. CASTELLO BRANCO.

Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua a magestade
Heroica e martyr morreu.
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro ¹.

(*Avè, Caesar !*)

MENDES LEAL.

Porto, que viste o fogo, o sangue e os lutos,
que formaram cortejo ao novo solio
da augusta liberdade :
da arvore que plantaste colhe os fructos,
tu, que lhe foste berço e capitolio,
sempre leal cidade !

(*Sons que passam*).

THOMAZ RIBEIRO.

E o Porto é quem sempre se ostenta guerreiro
Na santa cruzada do bem contra o mal ;
Aqui, vel-o-heis caminhar na vanguarda
Da honra, empunhando pendão immortal.

(*Poesias*).

A. PINHEIRO CALDAS.

¹ Referencia á morte do rei da Sardenha Carlos Alberto, no Porto.

«... o Porto é um cavalheiro filho de um burguez, mas é um cavalheiro!...

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

«Creatura feliz, a quem os acontecimentos não tiram o somno, apesar de dizer mal de todas as coisas, o burguez do Porto é digno de ser estudado pela differença absoluta, que ha entre elle e os outros individuos da especie humana. Naturalmente negociante, a sua vida começa ao pé do *mostrador*; desenvolve-se sobre um banco de pinho, junto á secretária de acajú ou de vinhatico; e acaba nas grandes lidas da alfandega, entre as especiarias da India e do Brazil. Methodico em tudo, atravessa a existencia de penna atraz da orelha e de lapis na mão, olhando estoicamente para tudo, que não seja calculo de ganhar, e não deslizando nunca uma pollegada dos seus habitos invariaveis. Ás sete horas da noite está deitado, e ás seis da manhã toma gravemente o fresco á porta da sua loja. Ordinariamente avarento, sempre sóbrio por economia, não ha nenhum facto de morrer de indigestão. Parco dos prazeres do mundo, como das delicias gastronomicas, abstem-se de todos os divertimentos que lhe possam custar dinheiro, mas extasia-se diante da mais estúpida palhaçada, que o não obrigue a abrir a bolsa. As artes e as sciencias podem morrer de inanição junto d'elle, porque lhe não prestará o menor auxilio; gozando, directa ou indirectamente, dos beneficios que ellas produzem, contempla-as com a mesma indifferença que Zeno aconselhava e en-

sinava para supportar a desgraça. A litteratura detesta-a, aborrece mortalmente a poesia, porque não comprehende o uso de escrever senão para as contas correntes e as operações de arithmetica ».

« O typo burguez está hoje bem longe do que foi em outra época. Se agora resuscitasse um d'aquelles honrados habitantes do burgo do Porto, nos tempos heroicos da monarchia, tornava logo a morrer, envergonhado de vêr a raça degenerada que o substitue ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

« Ponderam alguns auctores que a morigeração dos costumes portuenses é o necessario effeito do atrazo da civilisação e policia da classe média, em que as outras no Porto se embaralham e perdem. Esta palavra « civilisação » anda mal trazida para tudo. Se o refinamento das industrias, - se a arte de crear capitaes, no minimo do tempo e com diminuto trabalho, constitue a maxima civilisação material, o Porto ganha a aposta aos mais ambiciosos prospectos de riqueza aventados pelos economistas. E assim é que ali enxameiam os Midas no ouro e nas orelhas; porém, menos castigados que o fabulado Midas da theologia grega, logram digerir o boi e o toucinho na succulenta substancia que a natureza lhes deu.

« Os que negam ao Porto a vanguarda do progresso industrial, que é a mesma civilisação, irmã gêmea da intellectiva, e fonte da sã moral, derruem desde os ali-

cerces a sciencia moderna, confessando assim a utopia do systema vulgarizado nas escôlas, nas gazetas, e nas fórmas de governar das nações mais cultas. No Porto dão-se as mãos a riqueza e os costumes edificativos, para se justificarem estes por aquella, e a primeira pelos segundos. A industria é a de hoje; os costumes são os de ha um seculo. O chefe de familia poderá ser moedeiro falso, negreiro aposentado com exercicio na casa real, alliciador de escravos brancos, contrabandista tolerado; mas a filha d'esse homem da época vive intemerata como a filha de Virgínio; cuida que seu pae, recolhendo a casa encalmado e suado, vem de servir a patria como Cincinnato; e, chegada a occasião de exercitar as virtudes antigas, não duvidará ser Lucrecia, e Lucrecia menos equivoca que a de Colatino ».

(*Annos de prosa*).

C. CASTELLO BRANCO.

«Cancei-me de ouvir dizer que a segunda cidade de Portugal é um enxame de moedeiros falsos, de contrabandistas, de mercadores de negros, de exportadores de escravos, e de magistrados de alquilaria. Venalidade, crueza e latrocínio são os tres eixos capitaes sobre que roda, no entender da critica mordente, o machinismo social de cem mil almas.

«A minha analyse aprofunda mais o espirito vital do Porto.

«Ali, o viver intimo tem faces desconhecidas ao olho da policia, e da economia social. Conhecem-se as librés dos chatins de negros; discrimina-se pelo brasão

o fabricante de notas falsas, do outro seu collega heraldico, opulentado em roubos ao fisco; ignora-se, todavia, o mais observavel e ponderoso da biographia d'esses vultos, que a fortuna estúpida collocou á frente dos destinos e da civilisação do Porto ».

(Coração, cabeça e estomago).

C. CASTELLO BRANCO.

« Quanto á probidade mercantil, Athanasio José da Silva é contrabandista, e, algum tempo, ia mensalmente á estalagem da Ponte-da-Pedra, em tres carruagens de recreio, com sua familia e as familias dos dois amigos presentes, receber córtes de sêda, cambraias, rendas e pellames inglezes. Conforme á justiça e ás manhas do Porto, a firma de Athanasio é das mais acreditadas na praça, e as gazetas, quando escrevem *Athanasio José da Silva*, antepõem-lhe ao nome os adjectivos *honrado* e *probo*; e, se acontece ir para as Caldas ou praias com a mulher, vai sempre « o honrado capitalista com sua virtuosa esposa ».

(Os brilhantes do brasileiro).

C. CASTELLO BRANCO.

« Convém saber que em toda a parte do mundo sub-lunar a *honestidade* é synonimo de «decoro, compostura, pejo e decencia». No Porto, a palavra *honestidade* soa como *hypocrisia velhaca* ».

(Coração, cabeça e estomago).

C. CASTELLO BRANCO.

Camillo era uma organização vibratilmente impressionavel. O que assombra mais na sua obra é essa conflagração constante de opiniões, de perspectivas, de modalidades, que a tornam caprichosa, variada e vasta como o oceano. Passando a maior parte da sua vida no Porto, recebia, directamente, da sociedade portuense as impressões, que o faziam convulsionar na epilepsia do riso ou do desespero, segundo o estado desanuveado ou sombrio do espirito, que se queimava dia a dia dentro de um corpo doente. Não havendo um intermediario que attenuasse a intensidade dinamica das impressões recebidas, Camillo exaltava-se na vibração que ellas lhe produziam, e escrevia durante a violencia do choque, exagerando o azedume ou a complacencia.

Muitas vezes reconhece-se nas suas opiniões esse impressionismo, que a critica imparcial deve conjugar com os mais tempestuosos lances da sua existencia. A obra de Camillo tem na sua biographia uma exegése cabal.

« Supprimam, se podem, da vida social do Porto e das provincias do norte, theatro habitual dos romances de Camillo, os argentarios com o cortejo das paixões que inspira a riqueza rapidamente alcançada; eliminem as ligações anti-canonicas, em que as ingenuas costureiras se deixam enredar, deslumbradas pelo ouro, que é tantas vezes a deshonra, a infamia e a desgraça; subtraiam da vida contemporanea toda a ramificação de ardis, todos os meandros por onde circulam em on-

das de libras esterlinas os casamentos, os raptos, as mancebias, as perfilhações; e terão mutilado todo o quadro da existencia hodierna na zona sujeita á analyse do romancista ».

(Phantasias e escriptores contemporaneos).

VISCONDE DE BENALCANFOR.

« Eu curvo-me, senhores, perante o Porto laborioso! Admiro as luctas incessantes do seu trabalho; tanto como essas admiro as luctas ingentes dos seus combates celebrados na historia dos seus feitos; os heroismos de suas glorias; suas voluntarias hecatombes nas pelegas titanicas em favor de suas liberdades! Admiro, e curvo-me, a esta ancia de saber, de produzir e de crear, que se bebe a todo o momento e a todo o instante, n'esta atmosphaera fecunda, homicida dos ociosos! Eu admiro o Porto, e acompanho-o, nos gratos respeitos com que elle orgulhosamente acautela o coração de D. Pedro iv; nos estremecidos affectos com que elle fez da saudade de D. Pedro v uma saudade de familia; e curvaria com elle o meu joelho diante da estatua de Passos Manoel, que a gratidão e o orgulho publico mandou justamente erigir em face do mar, se aquelle grande espirito, eminentemente democrata, nos não estivesse dizendo a ambos do alto das suas memorias, que as unicas apothéoses que engrandecem são aquellas que se elevam, e não aquellas que se dobram!

« É esse, senhores, o Porto perante o qual eu me curvo!

*

«Mas não me curvo, mas detesto, os antipodas d'esses heroes, os vilipendiarios da honra publica, os cerbéros da estyge da calumnia, os que agglomeram fortunas por *portas falsas*, os sicarios da honra, dos bens, e da fazenda alheia; os roubadores impunes dos haveres publicos e dos haveres particulares, duplamente salteadores contra a bolsa dos seus visinhos e contra a bolsa da sua patria!»

(Discurso no meeting realisado no Porto
em 25 de julho de 1869).

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

«No Porto, as commoções que sacodem os nervos da grande cidade, são raras; mas, se rebentam, são a valer!»

(Noites de insomnia).

C. CASTELLO BRANCO.

«Não questiono brasões de elegancia entre Porto e Lisboa, mas atrevo-me a assegurar que se é mais escrupulosamente aceado alli. É preciso que o leitor não cuide por isso que toda a gente na cidade invicta faz profissão de ser elegante; ao que se attende principalmente, é ao que os francezes chamam ser *soigné*; isto é, andar sempre de luvas, não arriscar um colleirinho menos engommado, e evitar cautelosamente uma bota *cambaia*, uma calça com joelheiras, ou uma gravata pouco fresca».

(Scenas da minha terra).

JULIO CESAR MACHADO.

O janota do Porto é, por via de regra, um producto requintado de elegancia hyperbolica. Teve sempre muito cuidado com os collarinhos e com as joelheiras. Mas faz lembrar um quadro *lambido*, como dizem os pintores modernos. O de Lisboa, que veste com mais desaffecteda elegancia, é mais lambedor do que lambido. Sob este ponto de vista, o janota de Lisboa é mais damninho que o do Porto, apesar de menos arreado.

E em que pensas, amigo, que se occupa
 N'este grande aldeão que chamam Porto,
 O teu G... amigo? — Come e ronca,
 Come e torna a dormir.

(Lyrica).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Grande aldeão! Ó maldita palavra! que, em revendida, fez com que Garrett perdesse uma eleição pelo Porto...

Elle compozera em junho de 1819, no Porto, essa *epistola* «que era de um senhor estudante zangado de se não divertir nas ferias quanto desejava». Pois nem esta desculpa, e as mais que deu, lhe poderam valer para salval-o da vingança da urna.

«Sempre hei de consignar aqui todavia — diz Garrett — como verdadeira curiosidade litteraria, digna da colleção de D'Israeli — e não menos interessante curiosidade politica — o ter eu perdido uma vez a minha

eleição no Porto porque um zeloso e integerrimo patriota bozinou com estes pobres versitos ás orelhas dos eleitores — que deviam de ser boas e grandes orelhas para lhes fazer crêr que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta ».

Camillo commentou a *epistola* de Garrett e a vingança do Porto no livro *Cavar em ruínas*.

Oh! quando te hei de eu vêr, patria querida,
 Limpa de inglezes, safa de conventos,
 E varridas tuas ruas da immundicie
 De fidalguesco lixo!
 Irá com elle a sordida ignorancia,
 E o seu teimoso *bé*, nasal resfol'go
 Que arripia, náuséa, aturde e zanga;
 Irá co'esses gallegos
 Coachar no lodo vil d'onde a mofina
 Nos trouxe o sestro brácharo maldito
 Que o « rotundo fallar » da nossa origem
 Tam feio corrompeu.

(Lyrica).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

O proprio Garrett commentou este trecho, dizendo: « Se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão ». E explica n'uma notasinha o que seja o *rotundo fallar*, que o *sestro brácharo* cor-

rompeu: « Do Porto contam os nossos bemaventurados antiquarios que foi colonia grega ; e dos gregos contou Horacio que fallavam *ore rotundo* ».

Ora o *sestro bracharo* personificou-o Garrett no caixeiro minhoto da *Sobrinha do Marquez*.

Na comedia diz o patrão ao caixeiro :

SIMÕES

« Não sacudas assim, bruto, que tiras a flôr ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-Nova-de-Famalicao para andar atraz dos bois, gallego ! . . . »

E responde o caixeiro :

ZÉ-BRAGA

« Num sou gallego, sô patrão, nem sou lá de Famalicao, sou de Vraga nado e criado : canté o tio avade vem n'ô save ».

E replica o patrão :

SIMÕES

« Sejas tu de Vraga ou de Voigas, cala-te, que não estou para te aturar, etc. »

Camillo ironicamente defende Braga do *maldito sestro* que Almeida Garrett lhe imputou : « Em Braga, tirante a gente miuda, fallam o portuguez limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito grau as instruidas. O auctor da *Filha do Marquez* (aliás *Sobrinha*) á

fina força queria que os bracharenses fossem gallegos ». E com respeito ao *teimoso bé* accentúa a ironia: « *A sordida ignorancia*, d'essa não ha vestígios, nem do *bé*, nem do *resfôlego nasal*. Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o *v*. Tudo é *vom* e *vonito*. As damas principalmente, mais communicativas com as de Lisboa, já penduram uma chroma de sons de cada palavra interrogativa. *Passou vem?* Este *vem* é um zunido, que dura o tempo necessario para o interrogado responder com a historia de uma anasarca em si e duas hepatites chronicas na familia ».

« Tem grassado em Lisboa o boato de que ninguem no Porto ensina o caminho aos estrangeiros que lhe perguntam por onde devem dirigir-se a esta ou áquella rua. Tudo péta! Eu não fiz por lá senão perguntar, e sempre me deram resposta satisfatoria ».

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

« Lisboa tem sempre, mais ou menos, preocupado o Porto; mas o Porto n'esse momento preocupou Lisboa.

« O acolhimento expansivo e febrilmente entusiastico para com a Ristori envergonhou a meia indiferença da capital para com uma artista, que o mundo inteiro celebrava ».

(*A vida alegre*).

JULIO CESAR MACHADO.

Não é segura a bitola por onde o publico de uma cidade afére o merito dos artistas que a visitam. É certo que não faltou auditorio, no Porto, á Ristori; mas já o Salvini não teve a mesma boa fortuna da Ristori e do Rossi.

De mais a mais, como notou n'este capitulo Camillo Castello Branco, o Porto não é de meias medidas, ou se entorpece como a giboia ou dá saltos de corça. Á Ristori recebeu-a, é certo, com ovações estrondosas e merecidas; ao Salvini, que tambem as merecia, quasi o deixou abandonado no theatro de S. João.

II

Ruas do Porto — Os transeuntes — O macadam — As casas por fóra e por dentro — Tamancos — Pregões — Os chapéos dos homens — Praça de D. Pedro — Jardim de S. Lazaro — Rua das Flores — Porta Nova — Rua dos Gatos — Locomoção antiga: o carroção.

« No Porto não goza o sol tal divertimento; quando se lembra de acordar, não vê senão pessoas que correm azafamadas a tratar dos seus negocios, que vão, que vem, que voltam, e, se encontra um ocioso como eu, que anda de nariz para o ar saboreando a doçura dos seus raios *bayant aux grues* como Alfredo de Musset, diz logo comsigo: Este é de Lisboa ».

(Contos e descrições).

PINHEIRO CHAGAS.

O sol do Porto não é precisamente um sol para *lazzaroni*, protector de vadios, distribuindo a torto e a direito raios de uma belleza e de uma doçura enervantes. Nada d'isto! O sol do Porto é uma especie de relógio celeste, que não faz outra coisa senão dar horas, marcar o tempo. Pela manhã, os seus ponteiros de ouro pa-

recem dizer lá de cima: « São horas de ir levantando ». Ahi pelo meio dia, o sol engrossa a voz e berra para a cidade: « Olhem que já não resta senão metade do dia ». E ao cahir da tarde sôa d'este modo, como a sineta de um portão que vai fechar-se: « Recomeçaremos amanhã ».

Em Lisboa todo o vadio conta com a connivencia do sol. É vulgar ouvir-se dizer: « Com este bello céu, e com este esplendido dia, só tem a gente vontade de passeiar ».

No Porto, o sol cumpre o seu dever, e incita os outros a cumpril-o. Não tem raios perfidos que infiltrem a preguiça do vadiismo no animo de ninguem. Não apparece para brilhar: regula como um relógio, a que Deus deu corda para toda a eternidade.

« O mac-adam, que em Lisboa amortece a queda da chuva, e a recebe amorosamente no seio, coito amaldiçoado que origina a lama celeberrima do Chiado, é rarrissimo no Porto. As lages das ruas oppõem o seu duro broquel aos liquidos virotes, arremessados pelas nuvens. D'este incessante combate nasce a immensa bulha, que illude quem não está habituado a este concerto pouco harmonioso, mas preferivel, ainda assim, ao desconcerto do mac-adam, de que são victimas as nossas pernas na capital ».

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

Cidade de granito, o Porto tem pedra para dar e vender: por isso a aproveita nas ruas. Os tamancos foram feitos para as ruas do Porto, cujo calcetamento é duramente resistente, se é que as ruas do Porto não foram feitas para os tamancos: questão transcendente que eu submetto á sabedoria da Academia Real das Sciencias. Do combate diario do tamanco, que é o pau, com a rua, que é a pedra, resulta um estrondo de matracas.

A chuva, cahindo das gotteiras em grossas cordas de agua, augmenta certamente o estrondo das ruas.

A gente recolhe a casa, no inverno, com mais agua nas piugas do que lama nas botas, e fica-se a rir dos lisboetas, que a essa mesma hora, provavelmente, vão subindo a escada com tanta agua nas piugas como lama nas botas.

« Não a representeis palacio ou casa de construcção elegante e regular: imaginai uma casa grande de tres andares, da classica construcção portuense, — casa de alforge, sala para diante e sala para traz, com escada ao meio, alumiada por clara-boia nas aguas-furtadas ».

(*O genio do mal*, vol. 1, cap. 1).

ARNALDO GAMA.

« Vou ter tantas occasiões de dizer do Porto mil coisas agradaveis e sinceras, que posso atrever-me a principiar por uma que é sincera sem ser agradável: os predios, pela maior parte, são absurdos; absurdos lhes

chamo, e é o menos que posso chamar-lhes, tão feias e irregulares são aquellas habitações esguias, de tres janellas cada uma, e de quatro e cinco andares, o que dá vontade de perguntar a um inquilino:

« — O senhor mora n'essa tira ?

« Em vez de :

« — O senhor mora n'essa casa ?

« A apparencia mesmo produz uma sensação de mau estar. Presentem-se quartos sem commodidade, salas sem fogão, *boudoirs* sem espelho, moveis duros, angulosos, leitos estreitos, de que uma pessoa deve levantar-se mais fatigado do que de estar em pé.

« E todavia, apparecem entre elles excellentes edificios, e a cada passo se encontram obreiros a levantar um predio. Isto deixa-me esperar que d'aqui a pouco tempo o Porto reconheça a necessidade... de *tirar* as *tiras*. Uma cidade monetaria, que cada dia se aperfeioa e embelleza, deve attender primeiro que tudo á elegancia, ao gosto, ao estylo dos seus edificios. A casa é o homem! Nós temos o proverbio de — « Dize-me com quem andas... » Façamos outro: — « Dize-me onde moras, dir-te-hei quem és! »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

« Á medida que o Porto se vai affastando do rio, vão-se alargando as ruas, as casas vão deixando essa apparencia esguia, que o meu bom amigo Julio Cesar Machado notou espirituosamente, dizendo que não se devia perguntar a um portuense: « O senhor mora n'esta

casa? » mas sim: « O senhor mora n'esta tira? » O bairro de Cedofeita, que tem um tal ou qual ponto de contacto com o bairro lisbonense de Buenos-Ayres, é perfeitamente um bairro confortavel, construido com todas as commodidades exigidas pelo espirito moderno ».

(*Contos e descrições*).

PINHEIRO CHAGAS.

« O Porto n'esse tempo — ha vinte e um annos — tinha ainda uma feição diversissima da actual: os predios eram quasi todos esguios, de quatro e cinco andares e tres janellas cada um. Presentiam-se quartos sem commodidade, que devessem cançar quem estivesse em casa, peor do que se andasse a pé pela rua. Já a cada passo se avistavam obreiros a levantarem predios, e percebia-se, que aquella cidade monetaria tratava de se embellezar e de attender aos seus edificios ».

(*A vida alegre*).

JULIO CESAR MACHADO.

Casas de alforge, tiras para morar: ambas as phrases são felizes, verdadeiras em relação ao Porto de outro tempo. Parecia que a alterosa torre dos Clerigos, para afirmar a sua superioridade, queria puxar as orelhas a todos os predios, e suspendel-os no ar, de modo que se visse bem que, por muito que esticassem, lhe davam apenas pelo umbigo...

Ha mais de trinta annos, as casas que se construiam

obedeciam ao tradicional feitio de pontos de admiração: ali está a do negociante José Gaspar da Graça, no largo de S. Domingos, que foi riscada e edificada n'esse gosto e estylo.

A verdade é que a má repartição interior, *sala para diante, sala para traz*, obrigava a dar grande altura aos predios, afim de que coubessem n'elles os compartimentos indispensaveis aos usos domesticos.

Ordinariamente, a *sala das visitas* ficava no primeiro andar, cujas janellas apenas se abriam quando entravam visitas ou quando passava alguma procissão. A *sala do jantar* alcandorava-se no ultimo andar do predio. As damas portuenses d'aquelle tempo subiam e desciam dezenas de vezes, durante o dia, as escadas da sua casa: mas não se fatigavam, tão rijas eram de pernas, e tão sadias dos pulmões.

Julio Cesar Machado foi menos feliz quando suppoz que aos esguios predios do Porto faltavam interiormente commodidades. Bastará dizer que, ao contrario do que acontece vulgarmente em Lisboa, raro era o quarto de cama que não tivesse janella, isto é, que não recebesse ar e luz. Os leitos não eram estreitos; bem pelo contrario, tinham a vastidão e a altura d'uma nau, em cujo tombadilho dois casados apenas se encontravam quando queriam.

É, porém, certo que a distribuição dos compartimentos não permittia que morasse em cada predio mais d'uma familia, porque o portuense, amante da sua casa, queria ter de portas a dentro toda a independencia e toda a liberdade, sem testemunhas e sem vizinhos.

Quando sahia a passeiar com a familia, mettia a chave da casa na algibeira: levava comsigo tudo o que era seu.

A escada, que em Lisboa é a continuação da rua, tinha no Porto um caracter de inviolabilidade domestica, como qualquer aposento. Se o dono da casa encontrava alguém a subir ou a descer a sua escada, podia apitar logo: ou era um gatuno ou um *D. Juan*.

Com o andar do tempo, as modas de Lisboa foram chegando pelo caminho de ferro, até para os predios. Construíram-se alguns com accommodation a diferentes inquilinos: lembra-me citar os que se edificaram na rua de Ferreira Borges, fronteiros ao *Jornal do Porto*. E, quebrada a tradição das casas esguias por imitação a Lisboa, até os predios destinados a uma só familia, construidos nos bairros novos, perderam o feitio antigo.

A torre dos Clerigos, vendo que apenas poderiam chegar-lhe á altura da base, deixou de implicar com elles, campeou desafogada.

« E todas as casas, de um e de outro lado da rua, têm á porta a cancellinha baixa, de pau, pintada de verde. Estamos no Porto ».

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

Sim, a cancellinha verde é muito caracteristica, ainda hoje, das casas do Porto. Como a porta da rua está

aberta durante o dia, a cancella é como que uma garantia da inviolabilidade e aceio dos portaes. Além da cancella e da porta da rua, ha a porta da escada — uma triplice barreira, que separa do movimento da rua o interior dos predios.

Graças á cancellinha, sempre fechada, os cães não entram, e os mendigos acobardam-se. Os portaes do Porto, ordinariamente de granito — raros são assoalhados — luzem, brilham na limpa brancura das lages. Dá gosto vê-los, são como que um programma do esmero interno das habitações. A gente olha para dentro da cancellinha e reconhece que está muito longe das escadas immundas da *Baixa* em Lisboa. Respira bem, sente o cheiro saudavel da limpeza.

« As casas de que se compõem estas, e todas as outras ruas, de que não faço menção particular, chegam a dez mil. Ordinariamente são de tres andares, muitas de quatro, e algumas de cinco, além das sobrecozinhas, e lojas subterraneas. A sua fabrica, é toda de pedra e cal: os portaes, janellas, cunhaes e balcões, são de cantaria fina, e bem lavrada; porque a muita pedra de que abundam os arrabaldes e suburbios d'esta cidade (incomparavel n'este genero) subministra ainda a necessaria para outras muitas obras. Quasi todas as casas, principalmente as modernas, têm os seus quartos interiores illustrados com altas, e grandes claras-boias, que lhes communicam tanta luz, quanta poderiam receber, se faceassem com a rua: os portaes são altamente elevados, e á

sua proporção as janellas ornadas de grandes e cristalinas vidraças: pela parte exterior, têm largos balcões, ou sacadas com parapeitos de ferro lavrado em grades, que se rematam em pyramides douradas, ficando d'este modo livres do rançoso e melancolico uso das rótulas de pau com que os antigos portuguezes se figuravam recatar a honestidade das suas familias: o resto, como são os tectos, paredes, etc., é tudo pintado, segundo o differente gosto dos seus moradores ».

(*Descripção topographica, e historica da cidade do Porto*).

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

As janellas com rótulas, *rançoso e melancolico uso*, acabaram no Porto; eu já poucas vi. Mas ainda subsistem algumas em Braga, onde, além das rótulas, o caixilho das janellas é movel, de modo que, desviando-se um pouco, deixa vêr para a rua sem que se seja visto. Para deixar cahir uma carta ou uma flôr, é excellente. E para a espionagem bisbilhoteira tambem não é mau. Por esta e outras razões é que Braga tem direito a conservar o titulo de *Brdcara augusta*.

« Uma das superioridades do Porto vinha a proposito agora apontar-se como exemplo. O maior respeito pela familia, a mais dôce tranquillidade da vida domestica. Para isto basta a comprehensão que cada portuense tem do isolamento casto do seu lar, da independencia honesta da sua casa. Como n'isto lhe é inferior Lisboa, com as suas habitações em fórma de commodas para

*

guardar familias, com as suas escadas enxovalhadas pela mais duvidosa promiscuidade de uma vizinhança variadissima! Na altiva e honesta independencia do lar avigoram-se as qualidades do homem, e o coração e o pulso adquirem firmeza para a lucta aspera da vida, como o ferro adquire a tempera banhando-se em agua fria. O portuense não deseja ter na casa apenas o indispensavel, aneia por exceder o conforto, por conquistar a abundancia; *farta e cheia como um ovo* é que elle pretende sobretudo a sua casa, porque é ahí que vive o maior tempo, que recebe patriarchalmente os seus amigos, que alicerça o edificio da sua fortuna. Já é sabido; negociante, industrial, medico, que ali pretenda fazer casa, casa primeiro. Por isso é tambem desconfiado para com todos os que não têm eira nem beira, e vivem *au jour le jour* nos hoteis; exemplo: os militares, que o portuense só excepcionalmente recebe com agrado, e onde nunca se lembraria de procurar... um noivo para suas filhas. A propria costureira, esse typo ainda o mais encantador das ruas portuenses, apesar de se ter modernizado pela *tournure*, com prejuizo da sua antiga elegante capa de tres bicos; a costureira, diziamos, que em Lisboa prefere a tudo o amanuense ou o aspirante, no Porto rende-se apaixonadamente ao caixeiro, que é como quem diz o embryão do futuro commerciante pacato, e o D. Juan que ao presente mais satisfaz o ideal de namorado serio, com que sonha toda a rapariga portuense ».

(O Minho pittoresco).

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

Não ha duvida de que o interior das casas no Porto é pacato, remançoso. Vive-se ali dentro como n'um reino independente, onde se não sente o rumor da visinhança. Boa romaria faz quem em sua casa está em paz: este proverbio deve ser de origem portuense. Mas o habitante do Porto vai perdendo a repugnancia que d'antes tinha a viajar, a deixar a sua casa. Algumas familias abastadas vem passar o inverno a Lisboa.

D'antes, é certo, não era assim. O professor Baptista, que morreu ha pouco tempo, nunca foi á Foz, diz-se.

Quanto ao casamento das costureiras com os caixeiros, apenas terei a observar que essas ligações conjugaes nascem naturalmente das relações quotidianas entre o caixeiro, que vende a linha ou o tecido, e a costureira, que dá o ponto. O que a costureira tem mais á mão é o caixeiro, e *vice-versa*. Em Lisboa o militar e o amanuense, se não se entretivessem a namorar, não teriam que fazer.

Referindo-se ás freguezias da Sé e de Santo Ildefonso, diz o Padre Agostinho Rebello da Costa: «... aonde ha casas, que têm quinze familias diferentes, e que pela sua dilatada extensão se chamam *Ilhas*...».

Ilhas é o que em Lisboa se chama *Pateos*. O *Bairro Alexandre Herculano*, mandado construir pelo negociante Manoel Lopes Martins, é uma das mais vastas *ilhas* do Porto.

«Perdem-se cedo as raparigas no Porto, dizem. Como não ha de ser assim, se são tão bonitas? Quem é que descobre o meio de que uns pés pequeninos fiquem

presos por muito tempo n'uns pesados tamancos? Estão a pedir setim, e o setim não se faz rogar para apparecer — elle, que calça contra sua vontade tantos pesunhos absurdos que andam por este mundo!»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

«Esta agitação regular, este movimento desestouvado, esta azafama tranquilla, se me permitem o termo, que distingue os povos trabalhadores, que é característico dos inglezes, noto-os tambem em todas as pessoas que passam em torno de mim. A pouca frequencia das carruagens, que priva a cidade da bulha ensurdecadora das ruas de Lisboa, a raridade dos pregões, o socego com que tudo se faz, dariam ao Porto um aspecto phantastico, se um ruido continuo, forte, sêcco, mas compassado, não chamasse a attenção do estranho. Ao principio, não se suppõe, não se adivinha o que seja. Parece a bulha das matracas na semana santa lisbonense, parece um martelar incessante, um tripudiar de creanças, que querem fazer desesperar o professor, um bater de palmas a compasso, um doidejar de innumeradas castanholas, um rufar de vaquetas em tambores de pedra... e comtudo, por mais que se tente descortinar o que produz essa bulha, não ha meio de o conseguir.

«Homens, mulheres passam ao nosso lado descendo, subindo os passeios, e nada trazem nas mãos, que possa originar semelhante ruido. O pobre ignorante olha, examina, e nada vê. Afinal, mirando os pés d'essa gente, descobre o motivo. Essa bulha, que tanto nos *intrigou*

(desculpem o gallicismo carnavalesco), é produzida pelos tamancos ou sóccos, que usa o povo portuense, batendo nas lages das ruas calçadas!»

(*Contos e descrições*).

PINHEIRO CHAGAS.

«Apeamo-nos finalmente na estação de Campanhã. Uma fila de carruagens sobre a linha do tramway. Um rumor diligente e alegre de tamancos novos sobre os largos passeios lageados».

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

Os *tamancos* ou *sóccos*, calçado com rasto de pau, como os define um dicionarista, fornecem ainda hoje às ruas do Porto o seu ruído mais característico. São a carruagem estrondosa dos pobres. O lavrador que os usa, descalça-os, por cerimonia, quando entra de visita n'uma casa, e, deixando-os á porta, parte n'elles, quando sae — como n'um vehiculo.

«Não se ouve tambem aqui aquelle concerto de pregões floreados, variados, prolongados infinitamente, que se escuta na capital; o pregão aqui é curto e monotonico; assimilham-se todos uns aos outros. O vendilhão em Lisboa é um vadio, que, a pretexto de vender, atordo os ouvidos de quem passa. O vendilhão escuta-se a si mesmo, mais do que escuta os freguezes. Se ha de cantar o fado, canta o pregão, se ha de andar de gui-

tarra, anda de cangalhas; mas o que elle deseja primeiro que tudo é berrar, berrar bastante. A concorrência entre elles não é commercial, é lyrica; não se trata de vêr quem vende mais, trata-se de vêr quem grita mais alto. Não lhes chega o rendimento para tomarem gemmadas. Estão perfeitamente nas ideias da musica moderna. O mais applaudido é o que dá o *dó* do peito. Esse é venerado no bairro, conhecido na praça, e louvado nos jornaes. A condição essencial para se ser vendilhão ambulante, não é ter fundos para fazer as compras, é ter pulmões valentes. Aqui nada d'isso! O vendilhão é um homem de negocio! Apregôa para apregoar, para annunciar a sua mercadoria; se pôde dispensar-se de tal incommodo, melhor! Por isso berram menos, e negoceiam mais».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

« Cantando no ar como a frescura de uma alvorada ouve-se o pregão alegre, vibrante, alongado em toda a largura da pronuncia de uma rapariga minhota: *Merca louça branca ou amarella, merca?* »

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

O ruido dos pregões é consideravelmente menor que o dos tamancos, e menos constante. Mas os pregões do Porto não deixam de ter certa originalidade pittoresca, sobretudo pelo que respeita á sonoridade das vozes, que nas provincias do norte são ordinariamente afinadas.

Em Lisboa é preciso apregoar para despertar a atenção publica. No Porto tudo se faz a horas, de modo que não é preciso que o pregão previna ninguém. Estão todos a postos, compradores e vendedores.

Quando eu era estudante, passava na minha rua, às sete horas da manhã, uma leiteira, que apregoava: *Laida.*

A primeira vez que ella deixou de passar, eu, cuidando que era mais tarde, vesti-me á pressa, e deitei a correr para o lyceu, sem almoçar. Quando cheguei ao lyceu, encontrei-o ainda fechado. A leiteira, que era fregueza da minha casa, teve porém uma razão imperiosa para faltar n'esse dia: morrêra na vespera á noite, de repente.

«Emquanto ao chapéo... — que a minha observação é verdadeira, asseguro; o porque ignoro-o: ou os chapéos no Porto se conservam novos... até depois de velhos, ou nunca têm tempo de perder a graça e o lustro!...»

(*Scenas da minha terra.*)

JULIO CESAR MACHADO.

Nunca reparei n'isso, mas deve ser exacta a observação de Julio Cesar Machado, pela riqueza que alcançaram os melhores chapeleiros do Porto: o Maia e Silva, o Gonçalves da *Fabrica Social*, e o Costa Braga, da *Chapelaria a vapor.*

O poeta Nogueira Lima, julgando-se acintosamente perseguido pela má sorte, costumava dizer: « Se eu fosse

chapeleiro, toda a gente nasceria sem cabeça ». Mas, pelo visto, se em vez de poeta, tivesse sido chapeleiro, haveria enriquecido, embora depois... fallisse.

« Dei commigo na praça de D. Pedro (praça nova do Porto) que é inquestionavelmente a melhor da cidade... »

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

A da Batalha não lhe é decerto muito inferior em área, mas a de D. Pedro tem maior animação, por ser um ponto de convergencia do movimento commercial da cidade.

Os *brazileiros*, os janotas, os politicos, e até os ociosos, que, valha a verdade, são raros no Porto, por ali estanceiam até horas de jantar.

Nos bons tempos festejava-se em torno da estatua equestre de D. Pedro IV, com luminarias e musica, o anniversario da entrada do exercito libertador no Porto.

Em 31 de janeiro de 1891 as balas dos revoltosos, que queriam apear a monarchia, cruzaram-se sobre a estatua do Dador.

E D. Pedro, com a Carta desenrolada, viu uma coisa e outra, sem se mexer, resolvido a ficar. E ficou.

« É um pequeno parallelogramo (o jardim de S. Lazaro) cercado de grades de ferro, dentro do qual ve-

getam algumas arvores e flôres vulgares. Sem ser grande é comtudo o melhor passeio da cidade, e tem presidido o bom gosto aos melhoramentos que se estão ali fazendo todos os dias ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

« No jardim de S. Lazaro os dois sexos dão ao passeio o que as sovînas municipalidades não têm querido dar-lhe; isto é, uma luxuosa superabundancia de estatuas, as quaes, tirante a alma, nem sempre se avantajam ás do marmore nacional. Sentam-se as meninas, mui bem compostas e ageitadas de mãos e cabeça, e ali se estão deleitando na vista do repuxo, enquanto o papá rufa com tres dedos na tampa da caixa do tabaco o compasso da modinha conhecida de Verdi ou Donizetti, que as trombetas bastardas estão executando... *executando*, sim, é a pâlavra ».

(*Annos de prosa*).

C. CASTELLO BRANCO.

Era o melhor passeio da cidade n'aquelle tempo (1853). Depois fez-se o da Cordoaria, e ainda depois o do Palacio de Cristal, que metteu todos n'um chinelo.

Amou-se muito no jardim de S. Lazaro, de dia e á noite. O repuxo, apesar de modesto, serviu de manhoso desvio a muitos corações namorados. Quando o papá da menina dava com os olhos no janota que lhe namorava a filha, e o dote, o janota salvava-se do aperto fingindo-se absorto na contemplação do repuxo. Mas o pai, desconfiado de tanta attenção ao esguicho, repuxava

logo para casa toda a familia. Não obstante, o casamento vinha a fazer-se: quem porfia mata caça. E eu creio que a lembrança do repuxo tinha certa influencia na fecundidade dos conjuges.

«A rua-nova de Santo Antonio está firmada sobre grandes paredões, em que se consumiram mais de duzentos mil cruzados, e que para vencerem a desigualdade do terreno sobem no meio a tanta altura, que sendo as casas de tres sobrados para a fronteira, não têm menos de seis para as trazeiras, além dos mirantes e sobrecozinhas».

(*Diccionario abreviado de Portugal*).

J. A. DE ALMEIDA.

Esta rua não é só notavel pela sua construcção, arrojada e dispendiosa. Tambem a de S. João, levantada, em 1765, sobre grossos arcos de cantaria, para darem passagem subterranea ao *rio da Villa*, merece, sob o ponto de vista da construcção, menção especial.

Nos ultimos annos, porém, a rua de Santo Antonio tem sido theatro de acontecimentos notaveis: o incendio do theatro Baquet em março de 1888; o tiroteio por occasião do movimento republicano de 31 de janeiro de 1891; e, ultimamente, a fundação da mais vasta loja de commercio do Porto, os *Armazens Herminios*.

Quando eu agora passei no Porto, era esta a grande novidade de que toda a gente fallava.

— Já viu os *Herminios*?

— Já estive nos *Herminios*?

— Não quer ir aos *Herminios*?

Pois bem! visto que toda a gente nos mata o bicho do ouvido apregoando a grandiosidade dos *Herminios*, vamos lá vê-los, disse eu com os meus botões, tanto mais que, procedendo assim, cumpria um dever de chronista em viagem.

E os leitores d'este livro, se não podem por agora ir ao Porto, estimarão decerto que eu lhes proporcione uma rapida descripção dos *Herminios*, que estão sendo uma novidade sensacional para a segunda cidade do reino.

Comecemos pelo principio, — respeitando a logica.

Os *Herminios* são, segundo a letra dos annuncios, um «estabelecimento no genero dos grandes armazens de Pariz».

Isto, traduzido em vulgar, quer dizer: são a casa Grandella do Porto.

No local que as ruinas do theatro Baquet occupavam, foi construido um edificio destinado a vastos armazens de commercio.

A construcção é ampla, tem mesmo o que quer que seja de magestosa. Paredes altas, janellas largas, grande claraboia, permitem que a luz entre em abundancia, e que o ar seja constantemente renovado.

Sob este ponto de vista, os *Herminios* do Porto levam manifesta vantagem á casa Grandella de Lisboa, onde principalmente nas noites de verão, as senhoras precisam recorrer á ventilação artificial do leque, e onde,

durante o dia, apenas entra uma pallida luz coada e baça.

Todo o edificio dos *Herminios* está dividido em duas galerias, de muito pé direito, cujos varandins se debruçam sobre uma especie de porão de navio, com a profundidade que lhe é permittida pela differença de nivel entre a rua de Santo Antonio e a rua Sá da Bandeira.

Os estofos expostos á venda pendem, artisticamente dispostos, do topo dos varandins, dando ás galerias um aspecto pittoresco. Peças de tecido desenroladas de alto a baixo, colchas variegadas, sombrinhas abertas e penduradas em cacho dando a impressão de lustres de panno multicôr, ornamentam agradavelmente todo o vasto recinto dos armazens, especialmente das galerias.

Candieiros de luz electrica fornecem a illuminação nocturna do edificio, melhoramento até hoje ainda não introduzido na casa Grandella de Lisboa.

N'uma palavra, a vastidão dos *Herminios* e o seu aspecto interior dão uma espontanea impressão de agrado e de bem-estar quando ali se entra.

Que differença, pensei eu, entre os *Herminios*, modelados pelos armazens de Pariz, e as antigas lojas do commercio portuense, escuras e estreitas!

Quando, ha muitos annos, se inauguraram os bazares do Palacio de Cristal, essa novidade alvorotou a rotina commercial do Porto, produziu uma grande sensação de extranheza e não sei se diga tambem de receio.

De receio porque a abundancia dos objectos ali expostos á venda, principalmente louças e cristaes, inquietam

tava pela tentação o espirito de economia que ainda então presidia ao regimen domestico das familias do Porto.

Pela primeira vez foram admittidas nos bazares do Palacio de Cristal as mulheres como caixeiros. *Femmes de comptoir*, de vestido preto e touca branca, esperavam, de pé, junto ao balcão, que o publico chegasse para comprar.

Mas ai! o publico passava, desconflado e retraido, ao longo das duas espaçosas naves, occupadas pelos bazares, sem que se resolvesse a comprar.

O publico ia vêr os bazares do Palacio, especialmente ao domingo, mas se precisava comprar algum dos objectos que ali se encontravam, preferia ir adquiril-os nas lojas da rua de Santo Antonio, dos Clerigos ou da rua das Flores.

Sempre que o publico se não familiarisa desde o primeiro momento com uma novidade qualquer, vai successivamente crystallizando na indifferença, a ponto de se tornar apathico.

Foi o que aconteceu com os bazares do Palacio de Cristal, que não tiveram nunca vida prospera.

A impressão que a gente sentia quando ali entrava, era de tristeza, de desolação.

Era ainda cedo, no Porto, para um estabelecimento commercial de tão arrojadas dimensões.

O publico deixava-se ficar nos jardins do Palacio, e fugia dos bazares, quasi sempre abandonados, solitarios.

As caixeiras de touca branca, para não morrerem de tedio, matavam as longas horas de seus aborrecidos dias lendo romances meio escondidas por detraz das *vitrines*.

E pôde calcular-se, sem exagero, que teriam tempo para lêr um romance por dia, tão escassa era a concorrência aos bazares.

Entrando nos *Hermínios* eu senti agora uma impressão identica áquella que outr'ora se experimentava nas duas naves lateraes do Palacio de Cristal, cheias de estofos, de joias, de quinquilherias, de louças, de crystaes.

Eram duas horas da tarde quando entrei nos *Hermínios*. Sobre a rua de Santo Antonio a torreira do sol era intensa, calcinante. Os *Hermínios* offereciam-se como um oásis refrigerante ao ardor do sol, que esbraseava as pedras da calçada. Uma fresca sombra enchia o amplo portal dos *Hermínios*, convidando os transeuntes a entrar e a desencalmarem-se com um copo de cerveja, pois que o estabelecimento tambem serve *lunchs*.

Mas as caixeiras e os caixeiros fizeram logo lembrar-me dos seus antigos e desolados collegas dos bazares do Palacio, de taciturna memoria. Aborreciam-se, á falta de publico, debruçados sobre o balcão, ouvindo zumbir as moscas no ar e vendo passar gente, quasi toda ella apressada, na rua de Santo Antonio, para cima e para baixo.

Estive meia hora nos armazens *Hermínios* e apenas encontrei quatro pessoas, sómente quatro pessoas, que, como eu, não compravam nada, e se divertiam vendo tudo.

Essas quatro pessoas posso descrevel-as com alguma segurança, tantas vezes as encontrei no meu caminho.

Eram dois velhos, certamente marido e mulher. Elle

tinha o typo caracteristico de um militar reformado, pêra e bigode, já brancos; faces cavadas e sêcas. Tinham de certo chegado ao Porto para ir tomar banhos em alguma das praias proximas.

Marido e mulher observavam com grande attenção as quinquilherias, a que achavam muito graça, especialmente a mulher, nutrida e bonacheirona.

Tambem havia um padre, alto, esgrouviado, que olhava para tudo com o desdem de um philosopho, que se lembra de que os tempos vão bicudos e de que é tolice gastar a gente dinheiro em tudo que não seja de primeira necessidade.

Quando passava pelos estofos, limitava-se a apalpal-os com os dedos queimados do cigarro, para experimentar se eram de boa qualidade.

Mas, para o effeito de os comprar, tanto fazia que fossem bons como maus: não comprava nada.

A quarta pessoa que encontrei nos armazens *Hermínios* era um rapaz de vinte e tantos annos, de lunetas pretas e fraque alvadio: tinha todo o ar de ser da provincia. Passava rapidamente de secção em secção, e parecia olhar consternado para os rostos pouco suggestivos das caixeiras.

Este mesmo rapaz encontrei-o horas depois no caminho de ferro da Pova em viagem para Famalicão.

Nem as quatro pessoas, que acabo de descrever rapidamente, nem eu proprio, fizemos nos armazens *Hermínios* a menor despeza.

Pois eu estive ali meia hora e, durante esse tempo, não vi entrar mais ninguem.

Perdão! Vi entrar um sujeito de chapéo alto, que devia ser um dos directores ou empregarios dos *Herminios*, porque dava ordens aos caixeiros.

A julgar pelo chapéo alto parecia uma pessoa estranha á casa ; mas a julgar pelas ordens que dava, tanto aos caixeiros como ás caixeiras, parecia ter ingerencia na administração dos armazens.

Pelo que respeita á abundancia do sortimento, a impressão que eu recebi foi de que ella está em sensivel desproporção com a grandeza do edificio. A boa disposição dos objectos pretende talvez disfarçar a sua escassez relativa ; mas sente-se que elles não chegam para abastecer de alto a baixo um tão vasto edificio.

Creio que dos antigos bazares do Palacio de Cristal vieram para ali muitos objectos, especialmente louças e vidros, que occupam o pavimento inferior dos *Herminios*, ao nivel da rua de Sá da Bandeira.

Pois Deus dê melhor sorte a essas louças e esses cristaes na sua nova installação nos *Herminios*.

Mas receio muito, e digo-o com pezar, que esta arrojada tentativa não seja coroada de um resultado compensador.

Ahi vai toda a verdade: parece-me ainda cedo para ella no Porto, sobretudo se os directores dos *Herminios* não quizerem dar aos armazens, que acabam de fundar, um character mais popular pela variedade, abundancia e barateza de novos ramos de commercio.

« Deixemos ao lado direito a rua dos Clerigos, ao lado esquerdo a rua de Santo Antonio, vamos seguindo

em frente, até entrarmos na rua das Flores, onde os ourives apresentam, na vidraça das suas lojas, expostos á admiração das mulheres do povo formidaveis cordões e arrecadas, proporcionadas á força muscular d'este sexo fragil, que põe bahús á cabeça, e arrasta sóccos nos pés, e que decerto andaria em equilibrio instavel, se estes formidaveis contrapesos não viessem contribuir para conservar a posição vertical das populares portuenses ».

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

Olha essas moças, olha estas Marias!
 Caramba! dá-lhes beliscões!
 Os corpos d'ellas, vê! são ourivesarias,
 Gula e luxuria dos Maneis!
 Têm nas orelhas grossas arrecadas,
 Nas mãos (com luvas) *trinta moedas*, em anneis,
 Ao pescoço serpentes de cordões,
 E sobre os seios entre cruces, como espadas,
 Além dos seus, mais *trinta corações!*

(Só).

ANTONIO NOBRE.

« Como de cordões de oiro fallei, não posso deixar de notar uma feição particular das freguezias ricas ao norte do Porto. Têm mania por cordões de oiro, sem os quaes não ha aceio. A pobre para ir á festa pede cordões, ainda que todos sabem que os não tem, a lavra-deira deve levar uma meitada d'elles, os santos nos andores são carregados com cordões da cabeça aos pés, e

os anjos nas procissões chegam a chorar com o peso d'elles, e levam alguém que lh'os sustenha quando a procissão pára; e muitos guardas os acompanham depois a suas casas, onde ás vezes ficam até o outro dia em que vão entregar o que pediram ».

(*Revista universal lisbonense*, tom. iv).

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

Fui á França p'ra vêr dança,
 Á Inglaterra vapores,
 Ao Porto p'ra vêr ourives,
 A Espozende os meus amores.

(*Cantiga popular do Minho*).

A rua das Flores é, desde longos annos, a *Rua do Ouro*, do Porto.

As lojas dos ourives não brilhavam nem pela vastidão, nem pelo luxo; mas, em compensação, reluziam dentro das vidraças grossos grilhões de ouro, enroscados como serpentes, arrecadas do tamanho de peras, que faziam lembrar os fabulosos pômos do jardim das Hespérides.

De todas as lojas, as mais luxuosas eram as do Augusto Moreira e a do Mourão. Os Leitões tinham ahi um pequeno estabelecimento, que ninguem podia imaginar fosse a chrisalida d'onde sahiria o bello estabelecimento, que annos depois fundaram em Lisboa no largo das

Duas Igrejas — borboleta que se duplicou, porque também abriram no Porto, á praça de D. Pedro, outra loja apparatusa.

Não obstante a simplicidade primitiva do commum dos estabelecimentos, alguns ourives da rua dos Flores chegaram a fazer grandes interesses, graças á clientella das lavradeiras dos arrabaldes, que ainda hoje gastam o melhor do seu dote em arrecadas e cordões.

«Passemos por conseguinte á Porta Nobre ou Porta Nova, porque andam os archeologos em discussão formidavel sobre qual será o verdadeiro nome, que lhe deva competir. Esta discussão felizmente não pôde degenerar em lucta, porque, a fallarmos a verdade, pela porta, que lhe serve de thema, não podiam entrar a um tempo dois dos contendores.

«Ambos os partidos allegam razões tão fortes, que eu não sei realmente para que lado hei de pender, de fórma que me parece melhor darmos-lhe os dois nomes, ambos merecidos, o de Porta Nobre, por ser plebleia bastante, o de Porta Nova, por ser velha como Mathusalem ».

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

Eu tenho-lhe chamado sempre Porta Nova. Não vejo razão para lhe dar as honras de *Nobre*, nem pela situação, nem pelo aspecto, que era modesto. Ainda vi esta Porta, com o seu arco aberto sobre o fundo escuro da

estreita rua dos Banhos. Ao lado, subiam dois lanços de escada para Cima-do-Muro. No patamar do ultimo lanço ficava o fortim, que defendia a Porta. Tudo isso se arrasou quando se fez a avenida que conduz á Nova Alfandega.

Era da Porta Nova que partia uma das carreiras de *caleches* para a Foz — a 80 reis cada passageiro. Nos que saham do largo do Carmo o transporte era mais caro: seis vintens por pessoa. A não ser o barco e o carroção, não havia outro meio de conducção para a Foz. Um vapor, o *Duriense*, durou pouco; não dava lucro. Faustino Xavier de Novaes definiu d'est'arte o *Duriense*: «Pequeno barco movido a vapor, que morreu de paixão por não poder andar tanto como um carroção puxado a bois».

«A rua dos Gatos como o leitor sabe, não é das ruas mais confortaveis do Porto. Encravada entre o Corpo da Guarda e a rua de S. Sebastião, e quasi fronteira á rua Escura — rua memoravel desde que o meu amigo Lousada lhe foi remexer nos mysterios — a rua dos Gatos é, já se vê, uma das ruas do antigo burgo do Porto — estreita, escura, immunda, e humida, e sobre tudo isto uma rua de comadres e de bisbilhoteiras».

(*O genio do mal*).

ARNALDO GAMA.

O texto de Arnaldo Gama diz tudo: a rua dos Gatos caracteriza com outras o antigo burgo, visinho á Sé. Menos feliz que a rua Escura, que deu o titulo a um ro-

mance de Antonio Coelho Louzada, apenas ficou notavel pela excentricidade do nome, cuja etymologia não me proponho investigar, porque assumpto é esse que deve interessar particularmente... aos ratos.

« Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um becco fétido de coirama surrada... »

(O general Carlos Ribeiro).

C. CASTELLO BRANCO.

Dois factos, entre talvez outros que eu ignoro, notabilisaram a rua Escura: o ter ahi morado Camillo Castello Branco, no predio de esquina para a viella dos Pellames, e o ter essa rua inspirado o romance de Louzada.

« Carroções de Manoel José d'Oliveira, repletos de gente, arrastavam-se para a Foz. Os carroceiros picando as vaccas derreadas para puxarem aquellas familias, mugiam uns êhs prolongados, plangentes, d'uma grande caracterisação selvagem, prehistorica, anterior á formação das linguas ».

(A Corja).

C. CASTELLO BRANCO.

« O carroção tinha, por aquelle tempo, dois seculos de moda. Fôra inventado na rua das Cangostas para uso de uma familia obesa, formada de quinze pessoas adiposas. Esta familia derreteu-se no estio de 1650; mas o carroção ficou.

« No lapso de duzentos annos, o carroção, parado no largo da Batalha, com a lança vermelha atravessada nas sogas dos ramalhudos bois, viu passar e desaparecer todos os vehiculos adelgaçados pelo cepilho do progresso. O carroção escancarou as goelas, e riu do americano, da victoria, do phaetont, do landeau, da caleche, do dog-cart, da tipoia, do coupé, do tilburi, do daumont, do brougham, do mail-coach, do poncy-chaise, do groom, do break. Ricardo Guimarães, fundibulario da hoste moderna, carregou a funda de estylo, remessou-a ao Goliath de couro; e o gigante, arrastado pelos bois que mugiam saudades da palha-milba que comiam á porta do theatro lyrico, dispersou os membros por Barcellos, Famalicão e regiões visinhas ».

(*Noites de insomnia*).

C. CASTELLO BRANCO.

« A verdade é que este capacissimo vehiculo, a que o nosso engenho inventivo se lembrou de applicar a força motriz do boi, ao mesmo tempo que os inglezes applicavam o vapor ás carruagens; estas commodas arcas de Noé que transportam para o theatro e para a Foz os amos, as creanças, as criadas, os cães e os gatos, o papagaio e o cochixo — este vehiculo, digo, era invenção mui superior ao desenvolvimento intellectual de nossos antepassados de ha cem annos ».

(*Folhetim do Nacional*, 1851).

JOSÉ GOMES MONTEIRO.

« A proscripta ignominia do carroção do Porto — aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas — que então

esbatemos para a tréva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do khalifa. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defunto «Manoel José d'Oliveira» — aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulações de cobre azinhavrado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fôro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus quadris e nas suas espaduas? Pois tens acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das *Raças humanas e civilização primitiva*, nos encadeasse nos élos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho — a ara celta do sanguinario Irminsulf dos nossos ferocissimos avós? »

(O general Carlos Ribeiro).

C. CASTELLO BRANCO.

«O carroção era um pequeno predio, com quatro rodas, puxado por uma junta de bois. Dentro havia duas bancadas parallelas, em que se sentavam os viajantes. Por fóra, sobre uma faixa pintada de uma côr alegre, lia-se o nome do proprietario e do inventor da machina: *Manoel José d'Oliveira*.

«Quanta gente cabia n'um carroção? Nunca se pôde saber. Um carroção levava uma familia. Que esta fosse pe-

quena ou grande, o carroção não se importava com isso e levava-a. Levava-a de vagar, mas ia-a levando sempre.

«Havia familias enormes que não cabiam em duas salas e que se accommodavam n'um carroção. No inverno, uma d'essas ingentes moles chegava á porta do theatro de S. João. A portinhola abria-se; havia uma escada com um corremão para descer; o carroção começava a despejar senhoras. O pateo do theatro enchia-se e o carroção continuava sempre a deitar gente. Pasmava-se de que elle podesse conter tantas pessoas, ia-se olhar e encontrava-se ainda, lá dentro, no escuro, a mexer-se e a preparar-se para sahir, tanta gente como a que estava fóra!

«Nas viagens para a Foz, para Leça, para a Ponte da Pedra, para Mattosinhos, além da gente, ia tambem nos carroções louça, fatos, roupas, viveres para os viajantes e penso para os bois! Para este fim havia nas bancadas, por baixo das almofadas, escondrijos tenebrosos e profundos, onde, no caso de necessidade, poderia arrumar-se — outra familia.

«Manel Zé de Oliveira, ou simplesmente *Manel Zé*, como por elegante abreviatura se lhe chamava, alugava os seus carroções por um pinto, como os quartos da hospedaria do Damião.

«Por tão modica quantia teve Manel Zé por muitos annos o glorioso privilegio de fazer viajar a população portuense pelos diversos suburbios tão pittorescos da sua cidade invicta.

«Como os carroções andavam tão devagar como as noras, depois de entrar a gente para dentro d'elles e

de se pôr a olhar para fóra pelos postigos, não tinha remedio senão observar por muito tempo os logares ; de sorte que as viagens feitas por este modo eram para sempre memoraveis.

«O primeiro golpe na popularidade enorme de Manel Zé foi-lhe vibrado pelo ségeiro Tavares, da rua da Boa-Vista. Em certo dia de função suburbana Tavares poz na rua tres carroções novos, de côres extraordinarias, maiores que os de Manel Zé e aperfeiçoados com o appenso festival de uma bandeira. Estes tres carroções chamavam-se o *Rapido*, o *Veloz* e o *Ligeiro*. Do Porto á Foz, uma legua, ida e volta, grande celeridade, a toda a força dos bois, — um dia.

«Manel Zé, vendo passar o *Ligeiro* — e só Deus sabe o tempo que o *Ligeiro* levava a passar! — desmaiou de desgosto.

«Além d'estes carroções de aluguer puxados por bois, havia os carroções particulares, puxados por vaccas.

«Sobre um jogo de quatro rodas enormemente altas, tendo duas vezes o diametro das rodas das antigas seges de cortinas, alçavam-se quatro tremendos ganchos de ferro ; da ponta d'estes ganchos desciam quatro valentissimas correias ; na extremidade d'estas correias suspendia-se a caixa do carroção particular, tendo na trazeira uma tabua e duas alças para um criado de pé, e ao lado, por baixo das portinholas, dois estribos de que se desdobrava uma escadaria para subir ao monumento ».

(As praias de Portugal).

RAMALHO ORTIÇÃO.

« Ha trezentos annos, quando o carroção portuense estava na flôr da juventude, a honrada gente d'esta sólida terra, ao deslocar-se da freguezia da Sé para os longinquos campos de Cedofeita ou praias de Miragaia, levava consigo um *Flos-sanctorum*, ou outro livro de igual tamanho para aligeirar as horas, os dias e as semanas da pavorosa caminhada. Os carroções, por aquelle tempo, eram gabinetes de leitura. D'ali e das livrarias conventuaes sahiam os sabios, os famigerados Barros, Sás, Toscanos, Rangeis e Mendonças. Estes, e muitos mais, nobilitaram o carroção, illustrando-o com palestras litterarias taes e tão compridas que muitos entraram analphabetos na locomotiva, ao abalarem-se para os arrabaldes, e voltaram saturados de sciencia, como os d'outras idades das covas de Salamanca.

« Espantava-se o leitor, se lhe eu desse a lista de todos os varões agudissimos em letras que sahiram d'aquelles antros de couro! Quer-me parecer que n'aquelles dourados tempos até os bois deviam de saber o seu pedaço de latim!

« E agora? O que é o carroção agora? É a cova de Trophonius. Toda a gente, que lá entra, cae em lethargo, e sahe triste, areada dos miólos e com as cruces tão doridas, que bem pôde dizer-se que é aquillo um crucificar-se a gente nas proprias cruces! »

(*Coisas leves e pesadas*).

C. CASTELLO BRANCO.

« Chovia a ódres. A familia carnívora esperava no pateo que estiasse a chuva cada vez mais torrencial. Nicolau d'Almeida saiu açodado dizendo-me que o es-

perasse. Guiado prosperamente pelo amor, foi topar um carroção que despejava as ultimas dez pessoas da terceira familia em uma casa da rua de Santo Antonio. Offereceu ao carreteiro porção fabulosa de pintos, e conduziu á porta transversal o carroção que, debaixo das cataractas do céo, parecia a Arca Santa no trigésimo nono dia do diluvio universal. Avisinou-se cortezmente o bacharel da familia que se aconchegava como rebanho que farisca lobo, e disse voltado a um dos tres homens gordos:

—Tomo a liberdade de offerecer a vossas senhorias um carroção que os conduza a sua casa ».

(O sangue).

C. CASTELLO BRANCO.

« O carroção é um caixão de proporções deformes, biconvexo, barrado de vermelhão por baixo, e dos lados, e coberto com uma tampa de couro negro. Este apparelho de morte anda montado sobre quatro rodas de carro, e arrasta-se dolorosamente por uma junta de bois transparentes. O peso do carroção sobe de quarenta até oitenta quintaes, quando não tem passageiros! É esta a locomotiva mais apparatusa que possui a cidade do Porto, ainda que tambem a que offerece mais duvidas e incertezas á theoria do movimento ».

(Viagem ao Minho).

GOMES D'AMORIM.

O *progresso*, que os typos apregoam,
É quasi um nome vão, no Porto nosso;
Nem pôde aqui, jámais, metter o dente,
Enquanto os carroções, d'antigas éras,

Divagam, a dormir, por essas ruas!
 O marido infeliz que a esposa veja
 Em capoeiras taes tomar assento,
 Dirigindo-se á Foz, a tomar banho,
 Logo de negra côr vestir-se deve,
 E d'esse instante, já, crêr-se viuvo;
 Porque as vidas, bem vês, são curtas hoje
 E não deve suppôr caso possível
 Viver até que um dia a esposa volte.

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES ¹.

O que ahí fica transcripto é assaz eloquente como estudo archeologico do antigo carroção portuense. Pobre carroção! elle foi um martyr dos escriptores publicos, que, aliás, tantas vezes lhe pediram conducção! Todos o aproveitaram como vehiculo, e todos o trataram como victima. Negrissima ingratidão!

¹ Faustino Xavier de Novaes satyrisou com felicidade os costumes do Porto do seu tempo. Sem embargo de evitar a critica pessoal, o Porto conhecia-se a si proprio nas allusões do poeta, tão felizes eram por vezes. Não podia fazer carreira pelas letras um homem que ria dos seus bisonhos contemporaneos, e que sabia rir no diapasão de Tolentino. Despachou a lyra faceta para o Brazil, e foi com ella á procura de melhor fortuna. Por lá acabou, como consta do *Cancioneiro alegre* de Camillo, sem que a prosperidade lhe sorrisse.

Se vivesse hoje em Portugal, ter-lhe-iam certamente dado um emprego publico... para o calar. E arriscava-se a que, *graça* por *graça*, lhe déssem ainda por cima a carta de conselho.

Salvou-se d'isto; da pobreza é que não pôde salvar-se.

Havia carroções de aluguer, e carroções particulares.

Familias abastadas tinham carroção como hoje podem ter *coupé*. Na minha rua, a da Sovella, ao pé da minha casa, havia dois carroções particulares: o das snr.^{as} Menezes e o do Bento Ribeiro de Faria. Em toda a rua não havia menos de sete ou oito carroções de familia.

Na minha infancia tambem passei de carroção, para ir á romaria annual do Senhor de Mattosinhos, e para ir ao theatro de S. João, alguma vez, muito de longe a longe, quando a noite estava tempestuosa, e o bilhete de camarote havia sido comprado com vinte e quatro horas de antecipação, pelo menos.

Eu gostava immenso d'aquella patuscada locomotora. Ainda que chovesse a cantaros, e a noite fosse escura como um prégo, ia sempre á janella. Quando se chegava ao theatro, todas as pessoas da familia dormiam profundamente — menos eu.

« Subsistam embora as cadeirinhas! É por ellas que um paiz floresce, quando os animaes que as puxam — digo animaes no sentido de homens! — são de um temperamento rijo e sadio!... A cadeirinha é o palanque da idade-média, accomodado ás exigencias do tempo! Nenhum pagem de chapéo de plumas; nenhum séquito de homens d'armas e vassallos! Unicamente, modestamente, simplesmente, dois valentes alarves de capote côr de pinhão! — que levam uma pessoa a pau

e corda... — não, enganei-me; corda não ha; levam uma pessoa... a pau, unicamente!

.....

« E a cadeirinha vai andando, andando, n'um passo suave e harmonico, que offerece a quem vai dentro o somno mais mimoso, emquanto estes jumentos, homens é que eu queria dizer! — evitam com cautela encontrarem-se com os seus collegas das seges e carruagens, para não terem um conflicto, visto que — eis o que eu pude averiguar! — ha, entre elles... e os cavallo, a maior animosidade!... »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

A cadeirinha era um vehiculo para as damas, para os doentes e para as parteiras. As damas eram assim transportadas ao theatro, atufando-se na cauda do vestido soerguida sobre a almofada. Os doentes davam em cadeirinha os primeiros passeios da convalescença. As parteiras, de cabeça emplumada com marabús azues e brancos, levavam as creanças a baptisar, de cadeirinha.

O meu primeiro passeio n'este mundo foi de cadeirinha, nos braços da snr.^a Dona... E é que me não lembra agora o nome da parteira! Pois eu ainda cheguei a conhecê-la: morava na Ferraria de Cima.

Devo ser grato á cadeirinha, porque foi no seu seio que experimentei as primeiras doçuras da vida: o passeio com uma mulher em liberdade, e a mamadeira cheia de assucar para ir chupando pelo caminho.

Devia parecer-me muito curto o caminho...

III

Usos e costumes — Carnaval — As maias — Arraiaes — Danças populares — S. Miguel — Natal — A terça-feira — O Porto ao domingo — O jogo — Touradas.

« O carnaval foi sempre festejo muito favorito da gente do Porto; mas o carnaval n'aquella época era mui differente do que é hoje ».

.....
« O Porto afigurava então, em dia de carnaval, vasto campo de batalha, em que os ovos, as laranjas, a agua, a farinha e a cinza do borralho eram as armas de um combate ferocissimo, de que no fim só havia a lamentar o trabalho de limpar o cabello e lavar a cara, o que nem todos faziam n'esse mesmo dia ».

(Um motim ha cem annos).

ARNALDO GAMA.

« O carnaval é uma grande época da vida do Porto. É a época da verdadeira igualdade, liberdade e frater-

nidade. O carnaval nivela as condições, desata as linguas sobre que as conveniencias pesam até então, e reune-se nos mesmos folguedos, e o que mais é, nos mesmos logares dos folguedos, o rico e o pobre, o nobre e o plebeu.

« Os tres dias do carnaval no Porto são tres dias de verdadeiro delirio — mas do delirio do prazer e da alegria, e não do delirio do regatão e do gallego. N'esses dias o cidadão do Porto, de todas as classes, diz « viva a alegria! » — mas não diz: « viva o disturbio! viva o brincar estúpido e grosseiro! » Veste-se de gallego, de camponio, de turco, de inglez, de rei e de general; dança, canta, faz cabriolas na rua, e apoquenta em falsete, e desgraçadamente sem espirito, o infeliz que encontra mero espectador das mascaradas; mas não corre as ruas atirando laranjas, ovos, pós ou agua, nem invade a casa do visinho pelas janellas, para ter o prazer de lhe escavacar os trastes e deixar-lhe a casa peor do que uma latrina.

« O Porto mascara-se n'esses tres dias; cada rua é um palco, cada casa um salão de baile ».

(*O genio do mal*).

ARNALDO GAMA.

« O carnaval de ha vinte annos na cidade do Porto! n'este Porto já agora tão decadente e melancolico! Quem te viu, ó princeza do Douro, galhardeando tafularias, estrepitando nas calçadas com as tuas caleches, ondeando harmonias que golphavam dos teus salões, reluzindo nos coruscantes camafeus e abotoaduras dia-

mantinas dos teus cinco mil brasileiros! Como vieste, no dobar de tão poucos annos, a esta precoce decrepidez, ao esmaiado amortecido da atonia, ao abatimento cachetico de enfermidades que te esphacellam as entranhas!»

(Quatro horas innocentes).

C. CASTELLO BRANCO.

«O carnaval, no Porto, pouca distracção já offerece. Vê-se principiariar, e pelo principio logo se vê! Tres garotos de carêta de pataco, rufando em barricas tapadas com pelle de carneiro... Que me dizem ao annuncio?»

(Antes de soprar á luz).

AGOSTINHO ALBANO.

O carnaval do Porto deu brado de sua grandeza e esplendor, em annos que já vão longe. Menos brilhante do que foi, é comtudo muito mais civilisado que o de Lisboa. O tremoço e a bisnaga, brutaes em Lisboa, não aclimaram no Porto, onde toda a metralha carnavalesca tem sido banida.

Quando eu era pequeno, lembro-me de que se vendiam pelas ruas ovos de cheiro, que o povo comprava para jogar o entrudo. Mas o tiroteio era moderado, e foi cahindo em desuso. Quanto ao tremoço, o Porto, sempre muito utilitario, nunca o aproveitou senão para comel-o, — atirando-o para dentro de si mesmo, em vez de o atirar á cara dos outros.

Nas ruas, o carnaval portuense de hoje em dia vai-se apelintrando cada vez mais, como em toda a parte. Mas, á noite, os bailes do Palacio de Cristal são famo-

*

sos no seu genero. Rangel de Lima, nado e creado em Lisboa, e conhecedor do carnaval em paizes estrangeiros, dizia-me uma vez:

— Os bailes do Palacio de Cristal do Porto seriam deslumbrantes em toda a parte.

« ... na cidade do Porto, no presente anno de 1835, ouvi ainda festejar as *Janeiras*, e no primeiro de maio enramar as janellas com a flôr de giesta amarella, que chamam *Maias*, e nas aldeias não se faltou ao costume immemorial de as pôr nas côrtes dos gados, nos linhares e nos nabaes, etc. »

(*Reflexões historicas*, tom. 1).

JOÃO PEDRO RIBEIRO.

« Dizem, e assim parece, que das floraes nos ficou o costume de engrinaldar as portas e janellas no 1.º de maio. Vai isso cahindo em desuso, mas não de todo. Nas aldeias (e na classe humilde do Porto) faziam grinaldas e ramilhetes de flôres diversas, em que predominavam *infallivelmente* as *maias* (flôr da giesta) e as punham nas portas e janellas. Os menos primorosos met-tiam apenas um ramo de giesta florida nas portas. Em pequena perguntava eu o que isto significava, e me diziam as velhas: É para não entrar o maio em casa. Hoje só dizem os que ainda conservam essa usança: É costume ».

(*Nota á traducção dos « Fastos »
por Castilho*).

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

« Não ouves de todos os lados o pregão: — « Quem merca as Maias? » — são as tricanas da aldeia, que vem á cidade vender em canastras os ramos de giestas! Olha, olha, já estão a enfeitar-se de flôres as portas! »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

Tambem é o pouco que resta d'essa antiga usança popular das *maias*: alguma giesta espetada na porta d'uma casa pobre ou na aza da canastra d'uma *lavradeira*.

Ainda me lembro de em quasi todas as casas, ricas ou pobres, haver giestas á janella no dia 1.º de maio.

A tradição foi declinando, e hoje apenas se conservam aquelles tenues vestigios.

Não assim ao norte do Porto, em Traz-os-Montes, por exemplo, onde o *maio* tem ainda uma celebração mais pittoresca.

Camillo Castello Branco, nos *Dose casamentos felizes* (terceiro casamento), escrevia:

« O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que, no dia primeiro de maio, passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas em flôr brancas e amarellas, cantando as *maias*, diante das adufas das janellas, por onde a louçan mocinha da casa, lisongeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre. Ao declinar do sol, o florido « maio » despe as ramagens com impaciencia, chama a contas o thesoureiro das da-

divas, e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa, de que elle indignamente correspondeu á confiança dos outros gaiatos. Liquidado o producto das trovas e das mesuras, o festeiro do mez das flôres funde os escassos vintens n'uma bodega, e faz das giestas vassouras que elle e os comparsas levam para casa ».

Julio Cesar Machado fez menção do caso das giestas, que ainda viu no Porto, porque certamente o fizeram recordar do alegre *maio* do sul, do maio da sua provincia, de que elle deixou esta memoria nas *Historias para gente moça* (Carteira de um touriste?):

« Certo é que estavam a chegar as festas da Vera Cruz (3 de maio), e quasi a apparecerem os tiples enfeitados de papoilas, cantando alegremente :

Viva o maio carambola
Que já está jogando a bola !
Viva o maio pequenino
Que já está jogando o pino ».

« Sabeis como, n'esta religiosissima cidade do Porto, se festejam todos os santos da côrte celestial, e particularmente Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Este, mais prestante que todos, pela importante missão de claviculário da bemaventurança, gloria-se de ser festejado annualmente na cidade da Virgem com uma porção fabulosa de estoiros, um inferno indescriptivel de fogueiras, e o consumo sobrenatural de pipas de vinho, fritadas de linguça, postas de pescada, e bebedeiras sem cifra conhecida no Bezout.

« S. Pedro de Miragaia é, incontestavelmente, de todos os Pedros santos o mais querido. Aquelle espaçoso areal não basta para os jórros de povo, que affluem das ruas sobranceiras. Surgem, como por magia, as fleiras de lampadas variegadas; os mastros de palha e alcatrão, que fedem e abrasam; as orquestras militares, que consomem metade do tempo vozeando nas trompas estridulosas, e outra metade nas libações homericas, fornecidas pela liberalidade dos mordomos; as tendas gratas á gastronomia suja da farrapagem, que as atulha, dando vivas ao santo, e praguejando obscenidades e insolencias contra a taverneira tardia no ministrar da meia-canada por cabeça; finalmente, o areal de Miragaia é um mixto de todas as regalias que enthusiasmam o populacho, azando-lhe occasião para que n'aquellas caras sobresaíam todas as linhas grotescas de uma alegria estúpida ».

(Onde está a felicidade?)

C. CASTELLO BRANCO.

Dos tres grandes santos de junho, o mais popular no Porto foi sempre S. João.

O arraial da Lapa era famoso. As illuminações iam desde a Lapa até á praça de D. Pedro, porque a rua do Almada illuminava-se toda, de alto a baixo, levantando-se, para esse effeito, arcos de ferro, por onde as flammias do gaz irrompiam, contornando-os.

Nos bairros de Cedofeita e do Bomfim a artistada divertia-se em cantares e bailaricos, que duravam até romper o sol.

Ao recolher do S. João da Lapa, que era o menos

plebeu, meninas finas e meninos idem deitavam sortes, e iam beber aos chafarizes publicos, sob a vigilancia de pessoas graves, a agua da meia-noite.

A alcachofra nunca apégou no Porto como oráculo amoroso. Com razão nota Garrett, algures, que a alcachofra é toda do sul, lisboeta principalmente.

Santo Antonio é, como a alcachofra, mais popular no sul que no norte. Era, no Porto, um santo dos merceeiros, que o conservavam ao fundo da loja, dentro de um nicho, e que no dia da festa lhe armavam um throno, dispondo nos respectivos degraus jarras com flores e velas de cêra.

Mas, nas ruas, a commemoração não passava de bichinhas de rabiari, busca-pés e rodinhas de fogo. Coisa pouca.

S. Pedro tinha, na cidade, um culto bairrista: em Miragaia. Ali se lhe fazia o arraial, que Camillo descreve. Mas nos outros bairros passava quasi despercebido.

Dansa a *Chula* e o *Pésinho*,
A *Canna verde*, a *Chiquita*,
A *Constança* e o *Josésinho*,
Tão insipidas na *Invicta*
Quanto engraçadas no *Minho*.

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Bem repenicada a chula,
Tem p'ra mim *maór* valia;
Vêr a moça quando pula,
E a rabeca quando chia...

E a *saranda* na viola...
 Isso é trigo sem *mastura*!

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Têm um rythmo alegre e vivo as canções e as danças populares no norte do paiz.

A *Chula* e a *Canninha verde* são popularissimas, dançam-se tanto nos arraiaes do Porto como nas romarias dos arrabaldes.

Como assumpto, a *Canna verde* admite um grande numero de glosas, que muitas vezes revestem caracter local, por exemplo:

Ó minha Canninha verde,
 Ó meu Senhor do Bomfim,
 Linda cara, lindos olhos,
 Virem-se cá para mim.

Ó minha Canninha verde,
 Ó meu Senhor do Padrão:
 Quem não quer que o mundo falle,
 Não lhe dê occasião.

Todas estas referencias são portuenses.

O colleccionador do *Cancioneiro de musicas populares* descreve o modo como os camponezes do norte dançam a *Canna verde cruzada*: «Formam-se os pares em duas fileiras, frente-a-frente; o cavalheiro do primeiro par e a ultima dama da fileira opposta vem ao meio e recuam durante os primeiros quatro compassos,

mudando-se em seguida o cavalheiro para o logar da dama e esta para o do cavalheiro. Repetem assim a dança nos outros quatro compassos, cruzando de novo, e voltando aos seus logares, ainda vem ao meio durante mais quatro compassos. Em seguida dança outro par pela mesma fôrma, e assim vai continuando a dança que só finda quando todos os pares tenham feito a mesma evolução ».

« Nas terras proximas do Porto ha um costume que julgo não haver em outra alguma parte. Todos os rapazes e raparigas *conversam*. Ora não sei como hei de explicar o que elles chamam *conversa* que o não é, nem namoro, nem galanteio, mas que participa de tudo isto.

« É a *conversa* entre um só rapaz e uma rapariga: e ninguem passa entre elles ainda que longe estejam um do outro, nem os interrompe a não haver extrema necessidade de tal, e menos ainda se atrevem a metter-se na *conversa* dos dois, que todavia fallam alto, principalmente se se fiam no seu saber, que é quando mais loucuras dizem.

« Se um d'elles *conversa por papel* diz um longo discurso, que bem pouco ou nada significa, em palavras rimadas quasi sempre, e o outro está *mudo e quedo* até que lhe chegue a sua vez e então se tambem tem o seu papel que recitar, encaixa-o como pôde, ainda que nada diga para o que escutou; mas, se é um que fica atarantado com o diluvio de palavras que soaram a seus ouvidos e não sabe o que ha de replicar, gaba-se o outro depois da *embaçadella* que deu. Aquelles que

dizem o que pensam e fallam corrente e lisamente e não têm uma collecção de palavras (vasias de sentido para elles) que nas occasiões apertadas lhes servem para responder a tudo, não sabem conversar. A rapariga que só conversa com um rapaz é muito criticada, por que já é conhecido que ha affeição entre ella e o seu conversado: a que é mais cuidadosa da sua boa fama conversa com todos que a procuram nas festas, até que o seu casamento esteja tratado ».

(Revista universal lisbonense, tom. v).

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

Verei andar o povo n'uma dança,
Quando do S. Miguel chegar o dia;
Muita cara verei fazer mudança,
Tão ligeira, que o vento a não faria.

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

O dia de S. Miguel, fim de setembro, era a época annual das *mudanças* no Porto. Pagava-se n'esse dia a renda das casas, o que, por coincidir com o tempo das colheitas, tinha razão de ser n'uma provincia essencialmente agricola.

Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho das tuas festas tão gulosas
E de teus dias santos

Tão folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de dezembro
De regalados fartes coroados
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mexidos ovos,
E farta comezana!

(Lyrica).

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

«A noite de amanhã, no Porto, é um inferno em que, se não ha o biblico estridor dos dentes, ha o flagicio das cabeças infligido pela orchestra barbara dos garotos, que conservam a instrumentação com que os pastores da Galiléa festejaram o menino recém-nascido no presepio de Bethlem. São os ferrinhos, as sacabuxas, a viola chuleira, e as gargantas d'elles, que dilaceram pela rouquidão e pelos pigarros dos depositos dos maus vinhos. A cada par de patacos que arrancam ás familias que transigem opprimidas e compram o silencio d'aquelles bandidos, entram na taberna, aferventam o entusiasmo, e esmurraçam as portas que não se abrem.

«Selvageria de cafres christãos. No Porto celebram-se de tal maneira as festanças ruidosas pelo natalicio do mansissimo Jesus, que parece, n'aquelles estrondos de raiva e de algazarra, estar-se commemorando com dissonancias de reprobos, não o nascimento de Jesus, mas sim o nascimento do diabo. Ó Christo civilisador! envia um raio sereno e luminoso da tua graça áquelles garotos, visto que a policia não se importa».

(Echos humoristicos do Minho).

C. CASTELLO BRANCO.

No Porto, não se celebra a *missa do gallo*, como em Lisboa. É talvez a unica usança do Natal que ali tem cahido em esquecimento. Mas, de resto, subsistem as tradicionaes guloseimas, que Garrett menciona, e as musicatas populares, a que Camillo se refere.

Nas casas particulares não deixa de armar-se o Presepio.

E a comezana, nos dias 24 e 25 de dezembro, é verdadeiramente pantagruelica.

« O Porto ao domingo é a terra mais propria que ha para moer a paciencia humana ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Já não é tanto assim. O Palacio de Cristal offerece um derivativo elegante á ociosidade dos domingos no Porto.

E as linhas ferreas do Minho e Douro e da Povia de Varzim, com comboios a preços reduzidos, tentam o operario a ir patuscar ao campo, gozando o domingo.

« Viram-n'a já muitas vezes no theatro, nos bailes, e na missa dos Congregados, na dos Clerigos, na do

Carmo, em todas as missas classicas em que se vê tudo, e se ouve tudo, menos o padre e a missa ».

(O que fazem mulheres).

C. CASTELLO BRANCO.

Ou, quando Camillo escrevia, ainda não havia a missa da uma hora na Trindade, ou elle se esqueceu de mencional-a. É a missa do Loreto do Porto, *missa classica*, elegante, em que não se torna indispensavel saber de que côr é a vestimenta do padre.

« A terça-feira foi sempre, desde tempos immemo-
riaes, dia de multidão incommoda nas ruas do Porto,
sobretudo nas ruas commerciaes. É o dia em que os
aldeãos dos arredores costumam vir feirar á cidade.
Logo de madrugada, invadem-n'a em turba por todas as
avenidas conhecidas, atroando-a com o borborinho do
palavriado vasconço e com o estrépito infernal de cin-
coenta mil tamancos e sócos. Depois a multidão espraia-
se pelas ruas, e agita-se aqui e ali; vai e vem em mil
direcções oppostas, e redemoinha aos encontrões entre
o zumbido atroador e confuso de homens e mulheres e
creanças, uns descalços e outros calçados, uns a pé e
outros a cavallo, e uns caminhando e outros parados a
admirar com espanto parvo o painel de cavallinhos ou
a carapuça vermelha que o adélo pendurou por chiban-

taria na porta. Este espicaça aqui a mula ronqueira e felpuda com espora de ferro capaz de abrir d'um só golpe um penedo; ali um moço de lavoiria, sujo e aselvajado, puxa pela soga d'uns bois, que, a despeito de todo o incitamento, tiram com a natural pachorra um carro carregado até os telhados; acolá uma *cachopa* menos mal assombrada de corpo e de feições, de chiné-las nos pés, saia de rofêgos, collete maiato, lenço cahido para traz das costas, compridas arrecadas de oiro nas orelhas, e ao pescoço dois ou tres cordões tambem de oiro com gigante coração de filagrana do mesmo metal, — estira-se já lagrimijante, a puxar pela arreata da égua alentada, que, de focinho no ar, orelha tesa, e passo de tenteio, cede com repugnancia aos aturados esforços da triste. Aqui este cobre com o abarracado guarda-sol de panninho vermelho a anafada companheira, que carrega com as compras do dia; est'outro vai ali açodado com o guarda-sol debaixo do braço; e acolá, aquelle, de varapau ao hombro, rodeia-se conversando, sem lhe importar se algum olho menos cauteloso passa a geito de soffrer com aquelle modo de fazer uso das bengalas da aldeia. E tudo isto a agitar-se, a caminhar e a redemoinhar aos encontrões nas ruas do Porto. E ali uma padeira de Avintes ou Crestuma abrindo caminho aos cotovellões por entre o povo, carregando com o cesto das boróas á cabeça; e acolá uma mula de Val-longo com as alterosas canastras bifurcadas no dorso, e a padeira sentada sobre a alta bifurcação, a romper irresistivelmente por entre o gentio, com quem arremette denodada, como os malaios de Calecut arremettiam,

nos elephantes encastellados, contra os portuguezes de Cochim ».

(Um motim ha cem annos).

ARNALDO GAMA.

Arnaldo Gama era um observador; assim elle fosse, tambem, um estylista.

O quadro da terça-feira no Porto prima pela exactidão do realismo, escôla litteraria que não estava ainda em moda no tempo de Arnaldo Gama. Portanto, tanto mais é para notar a verdade da descripção.

Além da terça-feira, as quintas e os sabbados, os sabbados especialmente, são dias de grande affluencia de lavradeiras e lavradores nas ruas e lojas do Porto.

«... o jogo no Porto era frequente. Por via de regra, estas casas (de jogo) eram a guarida e muitas vezes o manancial de muitos filhos segundos, que arriscavam os diminutos alimentos; mas, no maior numero de casos, os triplicavam. A banca era regularmente propriedade d'um senhor de casa, associado na empreza com um hespanhol ».

(As tres irmãs).

C. CASTELLO BRANCO.

« Um vicio portuense este do dominó, jogo pacato, sem esforços cerebraes, e que vale no *Café* o que vale

a busca na familia, tão enraizado e tão lucrativo por isso mesmo para os proprietarios dos estabelecimentos (*cafés*), que o do *Lisbonense*, dizia-se, dotou uma filha noiva com o rendimento d'esse jogo, calculando o dote em 600\$000 reis annuaes».

(*O Minho pittoresco*).

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

A respeito do *dominó* no Porto, ahí vai uma nota interessante.

Camillo Castello Branco, quando morava na rua de S. Lazaro, ia quasi todas as tardes jogar o *dominó* no botequim da Aguiá d'Ouro.

«Construíram-se duas praças (no Porto) e as touradas principiaram. Exito enorme! Concorrença immensa! Geral frenesi de enthusiasmo! A sociedade tomou um certo ar toureiro. As senhoras mostravam-se interessadas na qualidade dos curros, queriam vêr o gado, punham gravatas vermelhas e offerciam-se para dar moñas. Muitos cavallos appareciam arreados ao modo do Ribatejo, com xairel de pelle e estribos de pau. Os mancebos á moda vestiam-se de jaleca e cinta, com calças de bôca de sino, aos sabbados de tarde. As duas praças eram insufficientes para a multidão dos *aficionados*. Os lidadores eram cobertos de charutos, de rebu-

cados, de palmas e de gritos de triumpho. Finalmente, um delirio!

«Ao cabo de dois annos ninguem mais voltou aos touros. Os elegantes deram as jalecas e as calças de bôca de sino aos seus criados de cavallariça; as senhoras nunca mais tornaram a fallar em gado; as guitarras que haviam sido importadas desappareceram da circulação; o fado que alguns dedos femininos dedilhavam nos teclados de Herard, deixou de accordar os eccos surprehendidos e vexados dos salões portuenses; as duas praças, não tendo outra coisa que fazer, começaram a apodrecer e esperam anciosas o primeiro momento, pretexto decerto para se deixarem cabir.

«Mas Lisboa tinha recebido uma lição terrivel! O Porto tinha-lhe mostrado que se quizesse gostar de touros, ninguem gostaria mais, ninguem seria mais maniac, mais doudo, mais frenetico por touros, do que elle! É para que se saiba!»

(*As praias de Portugal*).

RAMALHO ORTIGÃO.

As duas praças, a que Ramalho Ortigão allude, haviam sido construidas, uma na Boavista, outra na Aguardente. Acabaram por não ter ninguem; a tauro-machia portuense deu em vasa barris. Mas, passados annos, o touro tornou a passar do prato para o circo. Construíram-se duas novas praças, uma na Boavista, outra na serra do Pilar, em substituição d'aquellas. Funcionam ambas. Mas o povo portuense não tem edu-

cação de toureiro, nem condições para o ser. Não ha no norte vastas lezirias, como no Ribatejo, onde possa crear-se o gado bravo. De modo que a tauromachia no Porto é um divertimento emprestado, que mette touros e campinos do sul. Estou em dizer que, apesar das duas praças actuaes, o Porto acha mais sabor ao boi no prato do que ao touro na arena.

IV

Typos do Porto — Barões — Viscondes — Fidalgos — Pescadores de casamentos ricos — Fajardos — Brasileiros — Caixeiros — Janotas — Os que namoram na rua e os que namoram nas salas — Inglezes.

« A distincção no Porto é uma desgraça ».

(Um homem de brios).

C. CASTELLO BRANCO.

« Não encontrava no circulo das suas finas relações algum fadista curioso. Ainda os não havia fóra das tabernas da Porta de Carros e das alfurjas da Porta-Nobre, ramificações do Pepino de Cima do Muro. O faia começava então a surdir na capital das cavalhariças dos fidalgos pela cohesão do filho segundo com o laçao. No Porto era desconhecido ainda o fidalgo toureiro, guitarrista, espancador e bebado ».

(Eusebio Macario).

C. CASTELLO BRANCO.

O *Pepino* era um famoso botequim, de má nota, descripto por Arnaldo Gama no *Genio do mal*.

As *alfurjas da Porta Nobre* foram arrasadas para abrir passagem desafogada ao movimento commercial, que procurava a nova alfandega.

Das tabernas da Porta de Carros, a que tinha maior freguezia era propriedade de um homem que pelo trabalho conseguiu nobilitar litterariamente dois filhos: re-firo-me ao pai do snr. D. Antonio Ayres de Gouvêa.

Essa taberna ficava arrimada ao mirante das freiras de S. Bento.

« . . . o Porto tem uma natureza propriamente sua, cujo caracteristico mais proeminente é o barão ».

(Um homem de brios).

C. CASTELLO BRANCO.

Foram tempos, esses, em que o barão era proeminente. Proeminente e numeroso. Ao correr da penna, lembro-me de muitos: Grimancellos, Corvo, Vallado (pai e filho), S. Lourenço, Seixo, Saavedra, Ancede, Ermida, etc.

Entre estes, havia um *barão* que o não era. Refiro-me a um linheiro das Hortas, de appellido Guimarães, que toda a gente tratava por barão da sua rua, sem que da regia mão elle houvesse recebido tal mercê.

Um dia, certo ministerio quiz authenticar-lhe o titulo, mas o linheiro, cheio de bom senso, recusou dizendo:

— Se eu tenho o titulo de graça, para que hei de pagar a *graça*?

O governo achou o argumento irrespondível, e sustou o decreto.

Dentro de poucos annos a proeminencia dos barões dissolveu-se n'uma alluvião de viscondes.

Já vês, amigo meu, que o Porto d'hoje
Diff'rença pouca faz do Porto antigo;
Conselheiros tem mais; tem mais viscondes...

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Se eu fôra *Manel*, em visconde chrimado.

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Manel é synonymo de camponio, no norte do paiz; corresponde ao saloio do sul. O verso de Faustino allude aos titulares gerados no ventre da democracia boçal.

«Sei que o dinheiro é o mais excruciante látego com que no Porto se castigam os inimigos; sei como ahi se dobra o joelho diante do ladrão feliz, e do infame nobilitado».

(Memorias de Guilherme do Amaral).

C. CASTELLO BRANCO.

«O Porto tem sete homens que baterão a setenta portas onde houver dinheiro, pedindo um dote, embora elle venha appenso á cozinheira da casa. Estes sete ho-

mens estão diante de vós, suspeitosos uns dos outros, observando-se de través, com o diabo do ciume mercantil a devoral-os ».

(Um homem de bríos).

C. CASTELLO BRANCO.

O Porto é terra livre, e livre a ponto
 Que aos reis de Portugal já se não curva!
 A *Rainha Victoria*, d'Inglaterra,
 Essa estende até cá os seus dominios,
 E feliz ella fôra se os britannos
 Como os lusos, d'aquí, lhe obedecessem!
Jorge Quarto, e *Guilherme*, ambos defuntos,
 Do outro mundo inda vem dar leis ao Porto;
 E em luzente metal mal retratados,
 Exercem tal poder, são tão tyrannos
 Que não acham aqui quem lhes resista
 E obrigam por ahí a andar de rastos
 Os que blasonam mais d'independentes;
 Nem da democracia os partidarios
 Ante *sob'ranos* taes erguem a frente!

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

E os *Fajardos* do tom que, mascarados,
 Me vem pintos chupar, tão bem ganhados?

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

O Fajardo foi um famoso *escroc* do Porto, que morreu regenerado, mas cujo appellido se generalisou no paiz para designar um larapio habil.

Biographei-o no *Porto por fóra e por dentro* e estive vai não vai a pedir para elle o habito de S. Thiago. Tem sido concedido a outros muito menos espertos...

«E no Porto? isso então, rapariga bonita, ás duas por tres, está no papo d'um brasileiro que tenha cinquenta contos, tanto faz que elle seja velho, como zarelho, como rachitico».

(*Eusebio Macario*).

C. CASTELLO BRANCO.

«Em 1841, a hospedaria dilecta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brazil) era a do Estanislau na Batalha. Ali havia a sem-ceremonia do chinelo de liga á mesa redonda; os collarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; cada qual podia comer o arroz com a faca e o talharim com o garfo; a laranja era descascada á unha, e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa, bem como as esquirolas do pernil do porco desentalladas a palito das luras dos queixaes. E era até de direito commum cada qual caçar de *guet-apens* a importuna mosca na cara e decapital-a publicamente. Estava-se ali á vontade, como nos jantares de Peleu e Patroclo, com um grande estridor de mastigação e arrotos».

(*Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*).

C. CASTELLO BRANCO.

Conheci ainda a hospedaria do Estanislau na Batalha. A esse tempo já não tinha o exclusivo dos brasileiros. Decahira como o *Hotel Alexandrino*, em Lisboa, que tivera a mesma especialidade.

Vim depois a conhecer o Estanislau no Senhor do Monte em Braga. A esse tempo o dono do *hotel* estava já muito doente. Com a sua morte, acabou o *hotel*.

« A colonia de brasileiros portuenses longo tempo chorou a sorte dura de Fialho. Ali, na Praça-Nova e no jardim de S. Lazaro, se apinhavam os magotes d'aquelle gentio a escoucear na honra de Angela.

.....

« E sobre aquella gente chovia, e chove Deus toda a casta de prosperidades! E a Providencia ter-lhe-ha dado quanto tem e pôde no dia em que enviar sobre ella uma nova chuva... de albardas ».

(*Os brilhantes do brasileiro*).

C. CASTELLO BRANCO.

A Praça Nova foi sempre o sitio predilecto dos *brazileiros* do Porto. Alguns, os que moravam desde Santa Catharina até Aguardente, iam de tarde caturrar para o jardim de S. Lazaro, descendo depois até ao Passeio das Fontainhas. E, quando anoitecia, davam fundo na Assembléa Portuense.

Em se reunindo seis *brazileiros*, podia calcular-se, sem perigo de errar, que sommavam collectivamente dois mil contos de reis.

« Os caixeiros do Porto, sadios e sanguineos, com as suas luvas amarellas, e todo o verniz, que lhes coube em sorte, nos pés, entraram Minho dentro, e derramaram a dissolvente chalaça nas aldeias ».

« ... enquanto o Porto alastra no sul os caixeiros contaminadores, que levam consigo a corrupção dos romances e as tentações do cabelo unctuososo com a risca ao meio da cabeça, lasciva como o dorso d'um gato d'Angora ».

(*Novellas do Minho: O Commendador*).

C. CASTELLO BRANCO.

« Este homem era da raça d'uns que, desde 1830 até 1850, jogaram a pella com a pudicicia do Porto ».

(*A mulher fatal*).

C. CASTELLO BRANCO.

Eram os *Saint-Preux*, então á-la-moda, que Camillo Castello Branco eternizou nos seus romances.

« Um joven bem estrellado de minas e camapheus, chama-se no Porto um janota. A menina ingenua diz á visinha: « conhece aquelle janota? » ou « fulaninha namora um janota louro ». Não se cuide, porém, que este epitheto implica mófa ou menospreso como em Maçãs

de D. Maria, ou Lamas d'Orelhão. O janota portuense é uma coisa seria, que pôde ser vereador, e irmão da ordem terceira.

« Por via de regra, o janota é uma creatura que nasce, cresce, abre-se em florescencia variegada de frakes, e colletes, e pantalonas; toma posse do balcão paterno aos trinta annos, corta o bigode para que lhe descontem as letras, põe oculos se teve o infortunio de estragar a vista com a luneta que lhe servia de não vêr nada, fructifica em creanças gordas que entrajam á escoceza, e escôa-se da vida através de quarenta annos de lerda pachorra de espirito, legando á prole um nome limpo, com pequenas farruscas que se ensaboam na barrela de um necrologio, e dois legados de cincoenta mil reis ás entrevadas da Cordoaria, e alguma coisa ao hospital do Terço ».

(*Annos de prosa*).

C. CASTELLO BRANCO.

« De sua natureza desconfiadissimo, o negociante do Porto não deixa penetrar quem quer no santuario da sua confiança mercantil. O seu compatriota que *charuta* na praça, que usa o bigode torcido, que põe gravatas garridas, que é typo de *chicotinho* e de *cavallicoque*, infunde-lhe tenebrosas suspeitas e apprehensões tragicas ».

(*John Bull*).

RAMALHO ORTIGÃO.

Não ha leões assanhados
Nas frescas margens do Douro;
Não! por mal dos meus peccados
Leões no Porto não ha!
São dos *leões* o desdouro
Estes janotas de cá...
São *bichos* domesticados
Que a natura em seus caprichos,
Deixa andar tão disfarçados
Que alguns... nem parecem *bichos!*
Não ha *leões*... mas ha *patos*
De mil diversos feitios
Guarda-livros, litteratos,
Barões, medicos, vadios;
Sujeitos que a sociedade
Recebe com muita festa
E a quem, por toda a cidade,
Ninguem dois pintos empresta.

(*O mal da Delfina*).

GUILHERME BRAGA.

O mal da Delfina é a parodia á *Delfina do mal*, de Thomaz Ribeiro.

Guilherme Braga escreveu-a sob a impressão de momento, n'uma casa da rua da Carvalhosa, onde então morava.

Como poeta satyrico, o auctor das *Hevas e violetas* ficou inferior a si mesmo.

« O *Simia Janota Botiquinenses* é oriundo do Chiado aonde apparecem aos bandos. No Porto encontram-se já bastantes em todas as immedições da Praça Nova, mas pouco arrebanhados. Pareceram-me comtudo mais faceis de domesticar. Já ouvi emittir a opinião de que a raça é uma só, e que os do Porto são restos de uma grande emigração que houve de Lisboa, ha muitos seculos. Quando eu sahia da igreja, em contemplação para os olhos adoraveis das minhas padeiras, encontrei um *Janota* dos de mais fina raça que tenho visto. Fiz todos os esforços para vêr se o domesticava, mas era indomavel. Confesso que tive todas as tentações de mandar fazer uma grande montaria, para vêr se o apanhava vivo ou morto. Ainda no ultimo caso seria de um immenso valór para enriquecer um gabinete de historia natural ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

« Os elegantes da cidade eterna, ha vinte e cinco annos, seriam oito, quando muito.

« O peralta, o casquilho, o petimetre, antes da nobilitação da modesta e laboriosa burguezia, nunca podéram apégar n'esta terra ».

(*Doze casamentos felizes*).

C. CASTELLO BRANCO.

« Aquelle sujeito, que passou galhardamente, no seu estrepitoso fouveiro, Cangostas acima, quando a familia Barros estava congregada no escriptorio, era um moço

bem apessoado, enlevo d'olhos incautos, e D. João Tenorio quanto cabia nas forças sedutoras de um portuense de 1843. Havia-os então de bico revólto, fataes, menos scientificos que Fausto, e com mais quatro diabos no corpo que o outro. Que devastadores de corações em flôr e do mais!

« Se é certo tudo o que se conta dos peraltas portuenses de ha quarenta annos até á regeneração da moral, que data ahi de 1850 para cá, somos todos pouco mais ou menos filhos d'elles, embora nos assignemos com os appellidos dos maridos de nossas mães. Isto, se é verdade, bem que não leze as leis da procreação, é deshonesto e digno de esquecimento. Esqueça-se. Viva tanto esta lembrança como ha de viver o livro que leva a denuncia.

« Pois o cavalleiro, freguez do Reimão, e consumidor do linguado frito das hortas do Barros Lima, era um d'aquelles açoites que traziam espavoridos no Porto os anjos do pudor, custodios das mulheres respectivas ».

(O sangue).

C. CASTELLO BRANCO.

A tasca do Reimão tornou-se notavel pelo peixe frito e pela dobraba, cozinhados em que era inexcedivel, segundo o testemunho dos gastronomos d'aquelle tempo.

O progresso, quando por aquelles sitios rompeu caminho para a estação de Campanhã, parece que levou de rojo comsigo toda a poesia culinaria da tasca buco-

lica do Reimão e das hortas umbrosas do Barros Lima.

« Á roda da viuva giravam os mais graúdos peraltas do Porto, sujeitos que andavam sempre de esporas, e que se frisavam todas as manhãs para irem passar as tardes em casa do seu alfaiate, discutindo as bellezas de uma lapella de fraque e a lista mais ou menos enflorada das pantalonas.

« As damas portuenses são muito mais illuminadas que os homens portuenses.

« Entra-se n'um salão, e admira-se o desembaraço das senhoras, e o encolhimento canhestro dos galans. O mais audaz encosta-se ao batente da porta, e não ousa transpor o limiar sem que a rebeçada do côro, nuncia da primeira contradança, auctorise a entrada em gorgolões, como a dos rapazes pela escôla dentro.

« Este acanhamento, porém, é de bom agouro.

« Homens de talento e espirito são os que mais se acobardam diante de senhoras. No Porto ha muito talento e espirito por força ».

(Coração, cabeça e estomago).

C. CASTELLO BRANCO.

Ha vinte annos, effectivamente, o janota portuense era um pouco timido nas salas. Mas se lá estava a mulher amada, e ella lhe entendia o olhar, á meia-noite,

quando a valsa remoinhava, um *coupé*, que esperava á porta, partia á desfilada levando a raptada e o raptor.

Timido nas salas, o janota portuense era audaz no rapto, e ulterior procedimento.

Uma mão lava a outra.

« Em 1815 podia-se namorar honestamente d'uma janella para a outra, na rua das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para testemunhar a vida intima dos que lhe pagam. Podia cochichar delicias a donzella recatada da trapeira para a rua, sem que o amator extatico ao som maviosissimo d'aquella voz, receasse o *retire-se!* brutal do janizaro. Podia, finalmente, segurar-se o gancho d'uma escada de corda no terceiro andar, subir impavidamente, conversar duas horas sobre varios assumptos honestos, e descer, sem o receio de encontrar cortada a retaguarda por um selvagem armado á nossa custa, e que nos conduz ao corpo da guarda a digerir a substancia da deliciosa entrevista ».

(A filha do arced iago).

C. CASTELLO BRANCO.

« O janota do Porto, o *swell* da cidade invicta, tão escrupulosamente moldado sobre o typo britannico, não adopta do costume inglez senão o aspecto em voga na rua dos Inglezes. Ora é de notar que o negociante britannico, tão orthodoxo em Londres que nunca penetra na *City* senão de sobrecasaca de cerimonia, chapéo alto e rosa ao peito; que no santuario augusto do commercio,

na grande zona da Bolsa e do Banco da Inglaterra, por cousa alguma do mundo entraria n'uma pastelaria ou n'um restaurante para comer uma *sandwich* ou para beber um copo de *pale-ale*; trata a praça commercial do Porto com a semcerimonia de uma granja, no campo, e vai para a Bolsa portuense exactamente na mesma *toilette* com que iria em carreta de caça para uma partida de *lawn-tennis*, á quinta de um visinho de aldeia».

(As Farpas, tom. 1).

BAMALHO ORTIGÃO.

« É esta, por fim de contas, a indole verdadeira dos portuenses. Não gostam de perder tempo! Os laivos de estrangeirismo, que por aqui ha, são inglezes, os de Lisboa francezes. O Porto, nas coisas em que não é portuguez de velha tempera, é inglez. Os nacionaes da Gran-Bretanha enraizam-se aqui cada vez mais, attrahidos provavelmente pelo nome de Porto, que lhes recorda o vinho! Não julguem que repito a accusação banal, que se dirige aos subditos da rainha Victoria; mas os factos fallam contra elles. Ha, nos dominios da corôa portugueza, dois sitios, cujos nomes são, entre todos, afamados no mundo beberrão — Porto e Madeira —. Pois são exactamente esses dois sitios os predilectos da gente ingleza, as romarias obrigadas d'aquelles maganões, as Mécas d'aquelles musulmanos, de cujo alcorão foi riscado o versiculo, que ordenava abstinencia, a Jerusalem que attrahe aquelles peregrinos, que vem banhar-se n'um Jordão alcoolico!

« Pois effectivamente, da mesma fórma que a Madei-

ra está sendo uma ilha ingleza, o Porto resente-se tam-
bem muito da influencia do espirito britannico. O pro-
verbio *Time is money* tem aqui foros de cidade; a in-
dole reflexiva, calculadora, sensata dos nossos fieis allia-
dos inoculou-se tambem no animo dos portuenses ».

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

. . . . esta corja odiosa e barbara,
Oppressora da Lusa liberdade,
Esta canalha d'Albion soberbo
Aqui fixou seu throno.
De botelhas coroadas, e d'olhos, bôca,
Das orelhas, nariz, e d'outras partes
Esguichando cerveja, n'uma gloria
De espesso nevoeiro,
Pousou seu genio bruto em nossos muros;
C'o nacional *God-damn*, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em trôco os sestros,
Dá-nos as manhas, os costumes féros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, nayres féde.

(Lyrica).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

*

Commentario de Camillo :

« Inglezes ainda o Porto os tem. Primeiro do que elles se acabarão mosquitos em adega. As inglezas perderam-se no revolutear d'aquelle immenso gentio : nem já ha distinguil-as pelos pés! »

V

A portuense — Sua belleza — A belleza e a saude — Trajos femininos — As mantilhas — Os marotinhos — As mulheres do povo — Ovarinas.

A maior parte d'este capitulo é um epinício ensoado orphéonicamente para honrar a belleza da mulher portuense, qualquer que seja a sua categoria social.

Não ha uma nota discordante que arranhe o ouvido, o que é para admirar entre litteratos, ordinariamente tão solidarios, que em um dizendo que é *branco*, o outra affirma logo que é *preto*.

Mas a verdade do assumpto é de tal modo patente (especialmente no que, por ser extrinseco, é de facil inspecção) que as rivalidades de classe, os ciumes do talento e da gloria, tiveram que genuflectir respeitosa-mente diante d'este axioma indiscutivel: «A formosura da mulher portuense».

Apenas Camillo, com o seu pendor melancolico para as ruinas, chora a decadencia da bella raça feminina do Porto.

Convem notar que Camillo foi, desde longos annos, um velho precoce, e que é sestro de velhos chorar o passado, sobrepondo-o ao presente, em valia.

Mas, ainda que assim não fosse, e que estivesse demonstrada a degeneração da belleza na mulher portuense, poder-se-ia, e dever-se-ia concluir, das palavras do insigne escriptor que a formosura inexcedivel, ainda depois de dynamisada homœopathicamente, vale mais que a fealdade supportavel.

« Em toda a parte, e por todas as fórmas que encontrei as reuniões do Porto, encontrei sempre a mesma profusão de mulheres bellas! Até n'isto é uniforme aquella cidade! Das classes mais infimas até ás mais elevadas da sociedade acham-se os mesmos perfis regulares e artisticos, os mesmos olhos meigos e faiscentes, e a mesma cutis fina e assetinada. É a primeira terra que tenho visto onde succede este phenomeno! A formosura quasi que perde ali o merecimento; procura-se uma mulher feia como uma gôta d'agua nos desertos da Arabia ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

« ... os graciosos typos das senhoras portuenses, de uma bella carnação sadia á maneira de Rubens, tronco airoso e firme, onde os seios, apesar de corrigidos pelo espartilho, indicam o destino futuro da mais bella função physica da maternidade. Tinham pecha de menos

elegantes as senhoras portuenses, mas é defeito quasi imperceptivel hoje, se por acaso ha quem pense ainda em apontal-o; vestem caro, mas vestem bem, e se a primeira qualidade não agrada ao pretendente modesto, ou ao marido economico, agrada-lhes a ellas, que poucas vezes saiem á rua, e agrada especialmente ao *touriste*, que tem o prazer artistico de vê-las enroupadas em velludos e setins de preço. De resto, o facto é apenas um traço da riqueza commercial da cidade e dos habitos caseiros da senhora portuense ».

(O Minho pittoresco).

José AUGUSTO VIEIRA.

« A mulher do Porto, como ella era ha quinze annos, estava por adelgaçar, gosava-se de côres ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas formas; o offegar do seu peito comprimido pelas barbas do collete era como a oscillação d'uma cratera, que vai romper á superficie; dardejava com os olhos; ria francamente com os labios inteiros; deixava vêr o esmalte dos dentes e o rosado das gengivas; meneava os braços com toda a pujança dos seus musculos reforçados; pisava com gentil desenvoltura; dizia com toda a lisura as suas primeiras impressões; ria-se com os chistes dos galãs que tinham graça; ouvia sentimentalmente as tristezas dos scepticos; doidejava nas vertigens da walsa; bebia o seu calix do Porto; comia com angelico despejo uma dezena de *sandwichs*; tornava para as danças com redobrado ardor; e, ao repontar da manhã, quando as flôres da cabeça lhe cahiam murchas, e

as trancinhas da madeixa se empastavam com o suor na testa, a mulher do Porto era ainda formosa, mais formosa ainda pelo cansaço, a disputar lindeza á auro-ra, que nascera para lhe disputar a belleza ».

(Coração, caleça e estomago).

C. CASTELLO BRANCO.

« Angela não era portuense, como opportunamente se dirá ; mas, no rosado sadio da musculatura e redondez das fórmas, pertencia á especie de belleza solida e tanto ou quê patriarchal que distinguia e avantajava, sobre todas, as senhoras da cidade eterna de ha quinze annos para além. E, como vem de molde, deixarei aqui em estylo lamentoso uma saudade á memoria d'aquella raça forte de mulheres quasi extincta, e já hoje representada por suas filhas, dessoradas no ambiente impuro dos collegios, e adelgaçadas por uma alimentação franceza que lhes depauperou a opulencia do sangue herdado ».

« Homem de Lisboa, que entrasse no theatro de S. João, recordava-se de S. Carlos como quem se lembra de ter visto aquellas almas brancas e lividas das formidaveis visões do florentino ; ao mesmo passo que os rostos carminados das filhas do norte realisavam o mais vivaz colorido do pincel flamengo ».

(Os brilhantes do brasileiro).

C. CASTELLO BRANCO.

« ... quarentonas casadas, gordas, reliquias da raça forte turdetana já agora extincta no Porto, baluarte esboroado da liberdade, dos bancos e das grandes mulheres sanguineas ».

(Eusebio Macario).

C. CASTELLO BRANCO.

« As adoráveis virtudes das senhoras do Porto não são de todo um merecimento : orçam mais por uma necessidade. O homem d'alli sente um terço, ou ainda menos das precisões espirituaes que, n'outras partes, incommodam o coração humano. Esta feliz frugalidade procede do geito d'aquella sociedade, geito antigo que degenerou em aleijão, rachitismo moral, corcunda hereditaria, e de mais a mais pegadiça, por quanto, se não é do Porto, e por lá apégar alguns mezes, leitor, apalpe as costas, e topará uma protuberancia a crescer, a crescer, até se formar corcunda, que irá comsigo a toda a parte.

« Aquelle aleijão, de barreiras do Porto a dentro, não fica mal a ninguem. Os liliputianos, conta Swift, chanceavam o viajante europeu, que tinha a ridicula felicidade de ser um homem bem apessoado e perfeito. As bellezas do Congo recuam de puro nojo diante de um formoso nariz branco sem pingentes. No Porto ha o escarneo e o tédio que explicam o paradoxo selvagem ».

(Annos de prosa).

C. CASTELLO BRANCO.

Arrojae-me no Doiro co'esses trajos,
 Portuenses donzellas. — Quem podéra
 Pleitear comvosco em formosura e graças
 Se quaes sois vos mostrasseis ?

Fórmias que Venus para si tomára,
 D'essa mortalha de invenção fradesca
 Quem as libertará ? Bioco negro,
 De donde mal vislumbra
 Raro lampejo de celeste face,
 Oh quem o rasgará? . . .

(Lyrica).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Commentario de Camillo :

« Deviam de ser as mantilhas. Lá se foram, senão todas, decerto as que embiocavam celestes faces. Alguma reformada mestra de meninas, ou tia de janota da rua dos Mercadores, ainda vai á missa d'alva ou Lausperenne com sua mantilha de sarja. Ai! eu ainda conheci mulheres formosas de mantilha. A graça com que ellas as apanhavam e refegavam na cintura! Como as nalgas se relevavam redondas debaixo do lapim! E o bamboar dos cabellos anelados sob o docel negro e arqueado da côca! E não vai longe isto. Ainda são bellas muitas das mulheres que eu via mostrarem o pé encruzado de fitas por debaixo da orla da lustrosa mantilha. Quando ellas tornarem, saiba o seculo XXI que

fui eu quem, n'esta anarchia de modas francezas, commemorou com sandade a magestosa veste com que nosas avós se fizeram queridas de seus maridos e d'outros ».

« Este traje, evidentemente de origem arabe, conservou-se no Algarve com o nome de *rebuço*, e no Porto com o nome de *mantilha*, até ha bem poucos annos ».

(*O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. 1, pag. 376).

THEOPHILO BRAGA.

« Não desprezam o luxo (as portuenses), mas também servem-se d'elle com moderação; usam pela maior parte de saia preta, e mantilha da mesma côr; porém as mais distinctas, e as mais ricas, deixando o uso das mantilhas, vestem-se de custosas sedas, e todo o mais traje de que se adornam, é rico e decente á proporção. As filhas e mulheres das pessoas mais illustres andam em sege, e assim mesmo as dos principaes commerciantes, que igualmente se aproveitam do uso das cadeirinhas para seu melhor commodo ».

(*Descripção topographica, e historica da cidade do Porto*).

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

«Uma circumstancia apenas, — tão facil, aliás, de alterar! — me produziu um effeito menos agradável, um effeito de retirada de voltarete em noite de annos; — os lencinhos na cabeça, com que as senhoras se abafam ao sahir (*do theatro de S. João*)!... Por piedade! Por tudo que ha elegante e gracioso! pelos olhos das morenas! pelos corações das loiras! pelos amores dos anjos vos peço, — abaixo o lencinho na cabeça! Abaixo esse marotinho, que na historia das artes é contemporaneo das modinhas de sala, da viola franceza, e da gavota acompanhada a espinhete!... Abaixo o lencinho, minhas senhoras! Abaixo o lencinho, para gloria do Porto!...»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

O *marotinho*, o lenço branco na cabeça, já lá vai, e para sempre.

Julio Cesar Machado viveu ainda o tempo bastante para o vêr deposto; mas como embirrava com elle, não lhe deu as honras de uma necrologia.

«... as secias de Villa Nova, as trigueiras do Candal, as mocetonas da Bandeira e Santo Ovidio, aquella formosa casta de mulheres, que ainda semelham em alguns dotes as estatuarias mulheres da beira-mar, que tu, leitor, cansado de bellezas pintadas e estafadas, de-

ves ir, uma vez, procurar em Espinho, em Ovar, em Ilhavo, n'aquella raça phenicia, enquanto a mim, a menos immaculada de estranho sangue, que ainda se viu na Europa ».

(*Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*).

C. CASTELLO BRANCO.

Quem me déra ser do Porto
Ou no Porto ter alguém!
Quem me déra ter a fama,
Que as moças do Porto têm!

(*Cantiga popular*).

« Estavam só mulheres em torno de mim, mulheres do Porto, com o chale á cabeça e com o chapéo desabado em cima do chale. Reparei que me olhavam como estupefactas da minha indecisão. A final, uma d'ellas pareceu resolver-se, avançou para os bahús, lançou mão ao mais pesado, ergueu-o como quem ergue uma penna, pôl-o á cabeça, e depois, serenamente, e sem que ao menos esse esforço lhe afogueasse as faces, perguntou: « Para onde vai isto? »

.....

« E não supponham que era alguma *virago* de fórmas repellentes, alguma Brites de buço formidavel, e de voz bramidora; era uma rapariga de physionomia agradavel, de estatura airosa, e de meigo fallar! Pois, com todos estes predicados femininos, deu mostras evidentes de que se, em vez do bahú, fosse hespanhol que

lhe cahisse nas unhas, ia tomar um banho no Douro, vibrado através dos ares por aquella mão balística ».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

« Mulheres bem feitas, caminhando direitas, de cabeça alta, cintura fina solidamente torneada sobre os rins, e alegres lenços amarells, de ramagens vermelhas, encruzados sobre a curva robusta do peito. Canastras bem torcidas, grandes como berços, cobertas de panno de algodão em listras azues e encarnadas ».

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

« — *Bibinha! Bibinha!* gritam ellas (as vareiras).
Quem a quer *bibinha?* »

« Uma das mãos firma-se-lhe elegantemente na ilharga; com a outra amparam a canastra sobre o chapéo de varinas; — um chapéo magnifico, longo, pesado, enorme ! »

« Ellas arrancariam, indignadas, da sua gentil cabeça, o chapéo das pastoras, e a touquinha das modistas! Qualquer é bella assim. »

« Uma breve saia de baeta azul e um corpete sem mangas, — tal é a sua simples *toilette*. O lenço de chita clara, que lhes cobre o seio, a tiracol, vê-se ali como um enfeite, como um recato, como uma tentação e uma negaça aos homens ! »

.....
« Ellas usam a manga da camisa arregaçada, e a »

perna á mostra; uma indiscrição do lenço do pescoço diz-nos coisas deliciosas da alvura do seu seio! Andam apenas vestidas... o sufficiente para não andar nuas; — o que, digam o que disserem, é uma coisa linda no verão... e mesmo no inverno, para uma creatura ainda moça, ou que tenha ar d'isso!...»

(Scenas da minha terra).

JULIO CESAR MACHADO.

VI

Bellas-artes e bellas-lettras — De como um escriptor no Porto não vale meio guarda-livros — O culto dos interesses commerciaes supplantando o das lettras amenas — Exodo forçado dos litteratos portuenses — O jornalismo do Porto.

Terra das artes, oh Porto !

(Poesias).

A. PINHEIRO CALDAS.

Inquestionavelmente, o Porto foi sempre um terrão de benção onde os talentos artisticos desabrocharam tão copiosa como espontaneamente. E na generalidade *artistas* incluo os escriptores, prosadores e poetas, que são muitos, e brilhantes, ali.

Mas, o que é devéras notavel! nunca houve terra menos inclinada a animar e amimar artistas do que o Porto, dada a circumstancia de que esses artistas sejam indigenas.

Mais de um escriptor antigo censurou o mau sestro que os portuguezes têm de desprezar as coisas e pes-

soas de Portugal. É exacta a observação: cumpre porém advertir que este mau sestro refina no Porto pelo que toca aos cultores das bellas-artes e das bellas-lettras.

Não conheci ainda n'aquella cidade artista ou litterato que fosse feliz, e que chegasse a reunir maior peculio que o mais desafreguezado tendeiro.

Os poetas, talvez em razão da sua mesma abundancia, têm sido perseguidos pela opinião publica como uma praga damninha, peor que os gafanhotos e os mosquitos.

Alguns, resignaram-se a morrer agarrados á terra descaroavel, que lhes foi berço, e morreram pobrissimos. Outros mudaram de rumo, renunciaram á arte, para não terem de acabar entalados entre a esmola e o calote. Finalmente, outros, ainda, foram de casa ás costas á procura de publico menos duro, como o caracol que, arrastando a casca, pára no sitio em que o sol possa aquecel-o sem perigo de que os transeuntes o esmaguem.

Todo este capitulo do *Porto na berlinda* é um côro de clamores, doloridos ou ironicos, contra o desamor com que os portuenses recebem e tratam os seus talentos de melhor agua.

E a voz que, n'este côro unisono, sobreleva a todas, é a da Verdade, — prima-donna raras vezes escutada com agrado.

«Lisboa, a soberba namorada do Tejo, avocava a si os sacerdotes do divino culto de Apollo, e dera-lhes

fôro de fidalgos com moradia nos seus reaes aposentos. Os canticos soavam na Arcadia; os cantores formigavam em concorrência de émulos debates; a esposa do Tejo deleitava-se de ouvil-os atordoar os deuses com sonora gritaria, enquanto o Douro, obscuro e despoetizado, rugia de cá um protesto de usuraria vingança.

« E vingou-se.

« Os annos correram. O mundo deu mais voltas que as determinadas por Galileu, e as ideias, revoltas contra o monopolio da centralisação litteraria, exigiram, como tribunas que eram, igualdade, liberdade e fraternidade para as musas do Douro.

« D'além, os avarentos reagiram contra a emancipação litteraria do Porto, afiaram o gume do sarcasmo contra os fructos enfezados da arvore inculca, apuparam as estrophes balbuciantes do poeta novel, e concederam ao Porto, para gloria sua, vocações commerciaes, genio inventivo para o balcão, olho esperto para o fiel da balança, estylo classico para o *Livro de Razão*, e o sexto sentido para aventar veniagas de enriquecer em poucos annos. Tudo isto lhe concediam, menos o sestro litterario. Ao Porto a missão burgueza, o progresso commercial, a materia, a conquista de todas as glorias mercieiras. A Lisboa o talento, o ideal, a fecundidade do espirito, o segredo do genio, e o poder moderador sobre os forasteiros, não iniciados no segredo de pensar, e escrever o pensamento :

Jam nova progenies caelo demittitur alto.

*

« Surge, de improviso, a geração dos Guilhermes Tells da litteratura portuense. O grito de emancipação rebenta dos labios harmoniosos de quarenta poetas, que se levantaram, como um só homem, contra o feudalismo intellectual da orgulhosa Lisboa ».

(*Juizo critico ás Poesias de Pinheiro Caldas*).

C. CASTELLO BRANCO.

Esta apreciação de Camillo põe em evidencia a abnegação patriotica dos escriptores do Porto: para convencerem Lisboa de que não tinha direito a exigir o monopolio das bellas-lettras, entregaram-se ao sacrificio de ser escriptores n'uma terra, que lhes não agradecia a heroidade.

O sacrificio data, principalmente, da geração de Camillo, geração que produziu e trabalhou muito, sem que isso lhe rendesse senão descomposturas.

Camillo, pela sua parte, vingou-se da pobreza em que sempre viveu, desancando ás mãos ambas o Porto.

Os litteratos de Lisboa não eram por certo mais ricos, — mas, ao menos, eram mais estimados.

« No Porto, ainda mais do que em Lisboa, predomina a poetico-mania com espantosa influencia. É prodigioso o numero dos cantores, poetas, trovadores, bardos, menestreis, e toda essa longa nomenclatura, com que modestamente se enfeitam os nossos vates. Coisa notavel! No meio d'essa riqueza de poesia, o Porto pos-

sue apenas dois jornaes litterarios! Em compensação porém ha sete ou oito consagrados á politica! . . . »

(Viagem ao Minho).

GOMES D'AMORIM.

Jornaes litterarios não eram fructo que podesse acclimar-se no Porto. Sempre houve poucos, pouquissimos; *rari nantes*. Se havia quem se prestasse ao sacrificio generoso de escrevel-os, não haveria quem se prestasse ao sacrificio extravagante de lêl-os e, o que mais é, de pagal-os.

Os dois jornaes litterarios a que Gomes d'Amorim se referia, poderiam ser a *Miscellanea poetica* e o *Bardo*.

Da *Miscellanea*, escreveu Pinheiro Caldas: « Bons tempos eram esses! Os seus collaboradores eram os snrs. Camillo Castello Branco, Augusto Pereira Soromenho, Antonio Coelho Louzada, Joaquim Simões da Silva Ferraz e o auctor d'estas linhas. Que bellas noites não passamos nós na modesta loja de livros do snr. Fonseca, que então morava na rua dos Caldeireiros, e que nós a nosso bel-prazer elevamos ao mesmo tempo á categoria de escriptorio de redacção! . . . »

Este quadrinho retrospectivo dá ideia bastante do engoiamento da empreza, que gerou a *Miscellanea poetica*. Feito n'uma lojinha da rua dos Caldeireiros, no meio do estrondo das officinas que deram nome á rua, uma das mais tristes do Porto, aquellé periodico litterario representava o esforço de quatro poetas heroicos e de um editor corajoso até á ruina. Escripto por poucos, o periodico não devia ser lido por mais.

Quanto ao *Bardo*, tambem Pinheiro Caldas escreveu: « Lembrei-me um dia de crear no Porto um jornal de poesias. Communiquei este pensamento ao snr. F. X. de Novaes e, approvando-o elle, ambos nós o levamos a effeito. Dei-lhe o titulo de *Bardo*. . . . Collaboramol-o ambos *durante os primeiros doze mezes* da sua publicação; depois, abandonei-o ao snr. Novaes, o qual o publicou *mais dois annos*, porém sómente debaixo da sua direcção ».

Ao cabo de um anno, Pinheiro Caldas já não podia com a pesada cruz do sacrificio; mais dois annos passados, Faustino Xavier de Novaes alijou tambem a carga, que se lhe haveria tornado insupportavel.

« O Porto leva por ali seus piparotes para ensino, e suas meiguices para que a correcção tenha character mais paternal. Não se queixem. Assim o querem, assim o tenham. Um escriptor em uma cidade grave e commercial, como é a minha querida patria, não vale meio guarda-livros. Não acha duzentos mil reis a credito, nem casa com a filha do proprietario do jornal, se ella tem dote. A sua maior gloria é saber que o assignante ao lêr o artigo ácerca da enfermidade das vinhas ou a respeito da abundancia da beterraba, disse bocejando: *Este pelintra não escreve mal ds vezes.*

.....

« Eu tenho pena quando vejo os meus portuenses chasqueados por algum homem de genio. Mas que hei-de eu fazer a uma gente que não quiz para seu repre-

sentante o Garrett? É o caso de lhes repetir: *Assim o querem, assim o tenham*. Se eu tivesse auctoridade para dar um conselho aos meus patricios, recommendava-lhes que não assanhassem os escriptores. Mais hoje, mais amanhã, elles pregam-lh'a na menina dos olhos, como se diz vulgarmente ».

(Artigo de apreciação ao romance « Coração, cabeça e estomago » de Camillo).

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

Um escriptor, no Porto, não vale meio guarda-livros. A phrase é felicissimamente exacta. Era-o no tempo de Teixeira de Vasconcellos, que veio refugiar-se em Lisboa, e ainda hoje o é.

O exemplo de Garrett, que elle cita, colhe por eloquente. O leitor sabe, desde o primeiro capitulo d'este livro, a historia da mallograda eleição de Garrett pelo Porto.

Teixeira de Vasconcellos, fugido á intoxicação do Porto, disse-lhe de cá estas verdades amargas. Para viver, quiz Lisboa; para morrer, quiz Pariz. O Porto apenas lhe serviu para nascer, e bastou.

« Accusam o Porto de não pensar senão em transacções, em negocios, em dinheiro, de não prestar culto á intelligencia, quando é dirigida n'um sentido que não seja o de colhêr interesses positivos. Não sei o que ha verdadeiro na accusação; sei apenas que, a ser exacta, é uma ventura para o paiz, que haja no seu territorio

uma cidade, que se digne pensar n'estes interesses pro-saicos, que são a base da prosperidade das nações. Esse defeito (se existe) desaparecerá também á medida que o Porto se fôr desenvolvendo, e que, conservando sempre principalmente a sua indole commercial, preste justiça a todas as aspirações e tendencias da actividade humana ».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

O Porto tem-se ido desenvolvendo, mas as condições de existencia não melhoraram para os litteratos indigenas.

É verdade — Deus não dorme! — que os supraditos litteratos começam a estar vingados do excesso de desenvolvimento commercial, que os esmagava a elles. Os Bancos pedem soccorro ao governo, como um mendigo pede pão. E o commercio local, dada a crise bancaria, pede gatos de ferro para ir vivendo rachado.

Se ha no Porto algum poeta de maus figados, deve estar a rir-se d'esta vingança que o Destino lhe proporcionou, mais a toda a classe.

« Essa terra (o Porto) é insalubre para todos os que respiram pela alma ».

« Aquelle Porto, quando não mata os seus filhos intelligentes, apedreja-os porque elles lhes fogem á intoxicção lenta da estupidez ».

(*Cartas particulares*).

C. CASTELLO BRANCO.

« ... do Porto, d'onde os poetas, que lá não morrem como o rouxinol do amator da *Menina e moça*, alam-se para outras montanhas como as cotovias quando ouvem crocitar o corvo na escarpa da serra ».

(*Cancioneiro alegre*).

C. CASTELLO BRANCO.

« Quasi todos os escriptores filhos do Porto, mórmente os poetas, feneceram na idade primaveril; e os que attingiram a velhice, deveram-n'o, como Alexandre Braga, á abjuração da poesia, ou como Almeida Garrett á mudança de ares, corrigindo assim o seu organismo em climas estranhos para onde emigraram ».

(*Óbolo ás creanças*).

C. CASTELLO BRANCO.

Aqui sobeja razão a Camillo; não ha impertinencia de mau humor.

Elle mesmo, porque produziu mais do que todos os outros, teve de collocar commercialmente alguns dos seus livros em Lisboa. Se não fosse o mercado de Lisboa e do Brazil, haveria morrido de fome.

Tendo a apprehensão de que se dava mal com o clima de Lisboa, preferiu isolar-se no Minho a viver no Porto. Foi o unico meio que encontrou de fugir á « intoxicação lenta da estupidez », como elle diagnosticára o desamor do portuense ao litterato do Porto.

« Enquanto á sociedade litteraria, a sociedade de jornalistas, romancistas e poetas, essa anda dispersa, e

de ordinario concentra a sua existencia o mais que póde. É uma coisa curiosa, e para se louvar, a applicação, o estudo, e ao mesmo tempo a modestia que caracteriza os escriptores do Porto.

«É debalde que se procura algum d'elles na Praça Nova durante a manhã, no hotel Hardy á hora de jantar, no theatro á noite. Entregues cada um d'elles ás occupações da sua vida positiva, — visto que o nosso paiz não permite que seja vida... ser escriptor! — é preciso ir enconral-os, honestos moços, este n'uma loja de ourives, aquelle n'uma loja de pannos, o outro n'uma officina!... Ah! É nobre que o talento triumphasse assim de todas as crueis condições da vida material, e encontre, no centro das difficuldades, e das amarguras, uma hora de repouso para dar a medida da sua vocação!...»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

Tem sempre havido litteratos no Porto; vida litteraria, não.

O Nogueira Lima era ourives; o Pinheiro Caldas, negociante de pannos; o Gandra, um colleccionador illustradissimo, tinha uma officina typographica a Entre-Paredes; o famoso *Braz-Tisanna* (José de Sousa Bandeira) era escrivão da Relação, etc.

Não havia cenaculos publicos; cada um perpetrava em casa, ás escondidas, os seus trabalhos litterarios.

Á noite alguns d'elles entrevistavam-se, como conspiradores, no *Guichard*, e, depois que o *Guichard* acabou, na *Aguia d'ouro*.

Os demais frequentadores não lhes faziam circulo. Tinham-n'os como carbonarios perigosos, que era preciso vigiar, mas evitar.

Agora, Guerra Junqueiro passeia ao anoitecer na Praça Nova com a sua *coterie*. Depois, já noite, abancam na *brasserie* do Camanho. Mas, segundo sou informado, o grande publico, que continua a não sympathisar com a classe dos poetas, espreita-os da rua, e vai tomar cerveja a outra qualquer parte.

« A imprensa, quer especial, quer noticiosa, figura na avançada; era justo que assim fosse... e assim é, visto que lambem uma das mais bellas, embora das mais egoistas, feições do jornalismo do Porto, é ser primeiro que tudo... portuense. A inversa não pôde estabelecer-se em termos igualmente precisos, e ainda mal para o cidadão do Porto, que tendo um jornalismo serio e solido, abraçando todas as causas sympathicas... ou mesmo injustas, comtanto que sejam d'elle, o não sabe apreciar e o acotovella... por vezes menos delicadamente. Esta observação, que o snr. Alberto Pimentel, um escriptor portuense, fez ha um bom par de annos no seu livro *O Porto por fóra e por dentro*, podia comprovar-se com factos recentemente acontecidos por occasião da viagem da familia real ao Porto, se necessario fóra para demonstrar a observação generalisada já, — de que o Porto não é terra de letras, e muito menos terra para litteratos ».

(*O Minho pittoresco*).

José AUGUSTO VIEIRA.

Da leitura d'este excerpto resultam duas coisas igualmente verdadeiras: que se o Porto não mudou de opinião, eu não tenho tambem razão para mudar.

Quod scripsi, scripsi.

«O jornalismo no Porto está acorrentado ás ucharias dos ricos. O jornalista por via de regra é um pobre homem, que vive do estipendio cobrado com franciscana humildade á porta do assignante. Para os festins do fidalgo de raça era chamado o versista com as consoantes previas do soneto na algibeira, onde não havia outra coisa. Nos tumultuos jantares do fidalgo de industria, ha talhér para o gazeteiro, que já deixou na estante dos caixotins a local summarenta, inspirada pelo antegosto das viandas, que lhe arrastam na torrente a alma para o estomago».

(Coração, cabeça e estomago).

C. CASTELLO BRANCO.

A este excerpto de Camillo farei alguma rectificação.

Por via de regra, o jornalista do Porto continua a ser um pobre homem e um homem pobre. Carecendo de lisonjear a opinião publica, para ter leitores e assignantes, encosta-se ao capitalismo, que em geral lhe paga mal. . . com dois ou tres annuncios por anno, além da assignatura.

Como o publico não gosta dos litteratos, o jornalista do Porto não só não é litterato, mas até os trata com seccura e, sempre que póde, com azedume.

Ha porém excepções, e n'este ponto cabe a rectificação.

Um dos jornaes mais serios e independentes do paiz é o *Commercio do Porto*, que, collocado exclusivamente no ponto de vista doutrinario, vive prosperamente, sem necessidade nem feitio de recorrer ás ucharias dos ricos e aos arsenaes da injuria politica ou pessoal.

VII

Theatros — S. João — Baquet — Santa Catharina — Botequins —
Aguia d'ouro — Guichard — Pepino — As tascas do peixe frito
— Casa de pasto do Rainha — Feiras.

« As chronicas dizem ainda, sem ir aos tempos infantis do S. João, que o theatro lyrico floresceu no Porto a ponto de fazer desmaiar os brios de S. Carlos! Bom Deus, como é dôce acreditar as chronicas, para não morrer de tédio nos espectaculos de hoje! A vaidade portuense irrita-se ouvindo fallar de S. Carlos, mas não tem razão; é preciso ser justo para ser respeitado. Ora a verdade é que o Porto tem tido sempre, como tem agora, um ou outro musico distincto, uma pleiade brilhante mesmo, deve dizer-se com justiça; mas os elementos que constituem a orchestra, os córos, etc., e, mais que tudo, a educação do publico, faltam para realisar o milagre de transformar um meio, de sua natureza anti-artistico, em uma especie de cidade atheniense, onde só se sacrifique pela Arte. O Porto tem dinheiro,

mas a bolsa burgueza não é para folias theatraes ; se um anno cobre a assignatura por vaidade, no immediato fica-se em casa a jogar a bisca em familia ».

(O Minho pittoresco).

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

Não é precisamente n'uma cidade de provincia, e n'uma cidade essencialmente commercial, como o Porto, que se pôde encontrar, devidamente equipada, toda essa grande legião de artistas, de *dilettanti*, de ociosos, de *parvenus*, de grandes damas, de fidalgos, de titulares, de burocratas, de mundanas, e de rufiões, que, nas capitales, constituem a assistencia habitual dos espectaculos da opera.

Basta a côrte — iman de todas as vaidades — para dar brilho a S. Carlos, porque a côrte arrasta consigo todo o mundo official e todo o mundo officioso, que vaidosamente borboloteia em torno d'ella.

Por isso, José Augusto Vieira poz a questão nos seus verdadeiros termos: S. Carlos é uma instituição ; S. João é um *tour-de-force*.

Em Lisboa, a Carta Constitucional e S. Carlos são as duas pedras angulares do systema que nos rege : a Carta, de dia ; S. Carlos, á noite. Ás vezes acontece que a politica passa um dia a desafinar a Carta, e que os cantores passam uma noite a desafinar a Opera. Sem embargo, no dia seguinte, a Carta continúa a vigorar, bem como a Opera.

O theatro de S. João, longe de ser uma engrenagem constitucional, representa um esforço da vaidade por-

tuense, que em muitas coisas pretende hobrear com Lisboa. O titular aguenta, por capricho, a assignatura; mas o burguez, que não tem caprichos que lhe possam minguar a algibeira, vai vêr uma opera — de preferencia as antigas — e fica-se por ahi.

« A sala do theatro de S. João é no estylo da de S. Carlos, e, comquanto mais pequena, não lhe é muito inferior. Clara, alegre, elegante mesmo, não tem a meu vêr senão o defeito da plateia ser extremamente baixa, e obrigar os bancos a uma altura impossivel a pernas humanas. É uma pena que n'esse bonito theatro se esquecessem as primeiras leis da commodidade, que devem sempre existir nos logares consagrados aos prazeres scenicos! . . .

« De que fórma gozar de um bonito motivo, de uma melodiosa phrase, de uma aria inspirada e terna, se as pernas nos andarem a bailar no espaço, de encontro ás pernas do visinho, se não soubermos onde collocar o nosso chapéo, e se, á força de estarmos de pé no ar, tivermos caimbras sobre caimbras?

« É preciso que nenhuma sensação desagradavel ouse incommodar-nos os nervos n'um theatro de primeira ordem, e principalmente n'um theatro lyrico; que se caminhe sobre tapetes até á cadeira da superior, e que ella seja commoda e branda; que se esteja cercado de uma atmospherá suave e perfumada; que constelações de lustres, e placas esplendidas derramem uma luz pura e viva, — no theatro de S. João principalmente,

onde tantas senhoras formosas, ornadas de diamantes e de flôres, engrinaldam os parapeitos dos camarotes, emquanto a musica nos entretém sem conseguir de toda a attenção, o que a meu vêr, é uma decidida vantagem, porque nos deixa gozar pelos ouvidos... e pelos olhos!...»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

O theatro de S. João tem sido beneficiado com varios melhoramentos. Não sei se a demasiada altura das cadeiras, que tão mal impressionou Julio Cesar Machado, foi convenientemente reduzida. É de suppôr que sim, — até por exigencia do desfinhamento da raça. Aquelles morgadões do Douro, espadaudos e pernaltos, que precisavam encastellar-se em cadeiras proporcionaes á sua corporatura, acabaram, e succedeu-lhes uma geração que tem menos pernas (*sem calembour*), menos hombros e menos dinheiro. O juizo é o mesmo. Mas o que se senta não é o juizo: é... o corpo.

« Ali tem o theatro de S. João, que é em algumas coisas superior, n'outras inferior ao de S. Carlos ».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

« A plateia do Porto é tumultuosa, agitada, frenetica; o seu enthusiasmo desprende-se de umas certas con-

venções absurdas do indifferentismo moderno, e, quando se exalta, sente-se-lhe a alma nos applausos»,

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

A plateia do Porto é, effectivamente, muito. . . portugueza. Se lhe dá para applaudir, rebenta primeiro a pellica das luvas, depois a pelle das mãos. Mas também, se lhe dá para desgostar, rebenta a solla das botas e a solla dos pés. Desferra-se como um cavallo bravo.

Alguns estilhaços de bota têm ido contundir moral e corporalmente certos artistas dos theatros do Porto. Lembro-me agora de um exemplo, o da italiana Luiza Abbadia, que enlouqueceu de repente, na noite de 3 de maio de 1851, depois de ter sido desfeiteada pelo publico do theatro de S. João.

THEATRO BAQUET. — «O theatro é no genero dos theatros de segunda ordem de Paris e produz um effeito o mais festivo e agradavel. Ha uma galeria para senhoras que dá ideia dos vastos amphitheatros romanos, em que os espectaculos eram concorridos pela multidão, ávida, curiosa e ardente. Nas noites de beneficio, é um entretenimento galante, vêr aquelle panorama de figuras humanas, accumuladas, chorando com a dama, gritando com o traidor, rindo com o gracioso, e sabindo ás vezes d'ali sem ter percebido bem o que se passou! . . . Na tal recita do *Pedro Sem*, uma *lavradeira* (mulher dos

*

arrabalde a que se chama assim) dizia a uma companheira, indicando-lhe o ponto: — Olha p'ra aquelle maldito! Fêl-a de vez! Então, não abriu um buraco no theatro para vêr a opera!»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

Este theatro incendiou-se n'uma tragica noite do mez de março de 1888. Foi uma becatombe medonha. Desentulhadas as ruinas, construíram-se no mesmo local os Armazens Herminios.

THEATRO DE SANTA CATHARINA. — «Achei o theatro pessimo. A sala, de fórma quadrilonga, estava fracamente alumiada por um lustre de mau gosto. As pinturas feitas a tintas grosseiras, e representando vulgaridades, mais pareciam borrões do que outra cousa. O palco está levantado de modo que, para se vêr todo o corpo do actor, fica o espectador empoleirado e entalado n'um banco diabolico, e com os pés fluctuando no espaço dois palmos acima do nivel do terreno. A construcção interior do theatro é soffrivel, porque de todos os lados se vê bem, e se ouvem distinctamente os actores. Os camarotes são semelhantes aos do nosso theatro do Salitre. Quanto ao resto, se pleiteassem qualidades e bellezas, o Salitre alcançaria um triumpho glorioso, se o seu rival portuense não vestisse camisa lavada».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Este theatro, que funcionava n'um casarão abarracado da rua de Santa Catharina, poderia merecer a chronica de um *reporter* escrupuloso, de um folhetinista elegante, não.

« A *Agua de Ouro*, é um botequim no estylo do nosso immortal café de *Marcos Filippe* ao Pelourinho. O mesmo genero de pintura, de architectura, e de serviço, — como todos os botequins do Porto aliás, a exceptuarmos o de *D. Pedro*, que pecca apenas por ser de um exaggerado estylo. É uma casa escura, antipathica por fóra, feia por dentro, humida, velha, embirrante ».

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

O botequim *Agua de Ouro* remoçou com melhoramentos, que lhe deram mais ar e mais luz. Já nenhum parceiro do dominó morre lá de asphyxia, como d'antes bem podia ter acontecido.

O café *D. Pedro*, aliás *Portuense*, é hoje o *Suisso*, no mesmo local e, no genero botequim, é o melhor do Porto.

« A sociedade mais confusa vai ao Guichard, — botequim celebre pelos romances, pelos folhetins, e que deve, creio eu, á litteratura, a sua reputação, visto ser tão feio que não póde devel-a... aos freguezes !... »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

« O *Café Guichard* é o *Marrare do Polimento* do Porto, com a simples differença de não possuir essa profusão luxuosa de madeira envernizada, que immortalizou nas columnas de um jornal burlesco o *Café Marrare*. O *Guichard* é, como o Porto, inimigo das innovações; apesar de ser situado no ponto mais central e mais concorrido da cidade, conserva exteriormente as apparencias tradicionaes do antigo *botequim*. Meias portas pintadas de verde e envidraçadas do meio para cima, quasi sempre fechadas, estão muito longe do bom gosto que se nota em Lisboa n'este genero de estabelecimentos. Á primeira vista pareceu-me uma taberna ingleza; todavia, como me disseram que era ali o melhor café da cidade, entrei. O interior corresponde ao exterior; mau gosto em tudo; nas pinturas, nos moveis, nas luzes, e mesmo nas bebidas! Para ser o rival do *Marrare*, está pouco acima dos cafés mais vulgares de Lisboa. E assim mesmo, era exacto o que me tinham affiançado; no Porto não ha outro melhor; e é necessario confessar, que para o gosto especial dos habitantes, para os costumes e habitos, e para as difficuldades com que tem de lutar ali todas as innovações, o *Café Guichard* é superior a quanto se podesse esperar.

« O *Guichard* é o circulo aonde se reúnem as sumidades litterarias e politicas do Porto, assim como as de Lisboa se reuniam antigamente no *Marrare* ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Se eu fôra político
D'estes que vão p'ra o *Guichard*,
Sem dôr o peito rasgar,
Dar á Patria o coração...

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

« ... ha de merecer (o café *Guichard*) uma menção honrosa na historia da litteratura portuense ».

(*Justiça de Sua Magestade*).

JULIO DINIZ.

O café *Guichard*, coio dos litteratos e politições de outro tempo, ficava na Praça de D. Pedro, no edificio dos Congregados. No *Romance do romancista* reproduzi pela gravura a sua fachada de tres portas. Já não cheguei a vê-lo, mas a fama sôa ainda a sua tradição, não pelo que era materialmente, mas pela clientella que o frequentava.

« O botequim do *Pepino* tinha as trazeiras immundissimas voltadas para um pequeno largo que por uma travessa sempre suja communica com Cima-do-Muro. A frente um pouco mais limpa estava voltada para o rio.

« A casa tinha tres andares, incluindo o térreo. N'este é onde era o botequim; nas trazeiras, que davam para Cima-do-Muro, havia uma salêta suja e immunda, que não sei como era chamada na gyria da casa, mas que na dos frequentadores por curiosidade era conhecida pela *casa dos horrores*. Os andares de cima eram a vivenda do dono da casa, mas quando havia *mais obra* serviam como qualquer outro para o *ganho*.

« O café era mobilado por bancos e mesas de pinho. As duas portas das trazeiras tinham vidraças, que já nem mesmo nos dias claros deixavam entrar mais do que uma luz duvidosa, do que uma claridade de dia invernosu, tal era a espessa capa de annosa immundicie, que o tempo e as exhalações de toda a especie tinham ido accumulando sobre ellas. De noite era alumiado por um candeeiro de latão de quatro bicos, suspenso do tecto. A mais de tres quartas partes do comprimento da saleta havia um balcão de pinho coberto de manchas de toda a qualidade, inclusivè sangue; e por traz d'elle estava sempre magestosamente sentado n'uma poltrona do seculo xvi, já quasi sem vestigios archeologicos, ou de pé, mão sobre um copo de quartilho, e a outra enfiada na algibeira, o snr. Antonio Porto, vulgo o *Pepino*, respeitavel proprietario do estabelecimento ».

(*O genio do mal*).

ARNALDO GAMA.

Botequim de matalotes e rameiras da ribeira, passou á historia. O proprietario deu o nome ao estabelecimento, mas quero crêr que da gentalha que o frequentava e da reles camaradagem d'elles e d'ellas viria o calão — *Pepino*, *Pepineira*, *Apepinar*. Se isto é assim, o Porto póde gabar-se de ter fornecido a etymologia de dois derivados bordalengos: de *Fajardo*, *fajardice*; de *Pepino*, *pepineira*.

« Este peixe frito era n'aquelle tempo um recreio muito dilecto das familias do Porto, já distinctas por

abastança commercial. Vivem ainda muitas illustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito de Valbom e do Reimão. Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trevas em que caíram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma d'essas contrafeitas victimas da civilisação: — « Lembra-se a snr.^a baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira? »

(*Aventuras de Bazilio Fernandes*
Enxertado).

C. CASTELLO BRANCO.

Aquelle tempo, o das merendolas, que Tolentino havia cantado, cahiu no esquecimento do burguez, que se aristocratisou. Agora é só o povo que merenda nas hortas. Em Portugal o burguez que tem brazão e o fidalgo que não tem dinheiro nivelam-se hoje em dia no habito elegante de tomar *chá ds cinco horas da tarde*. É uma compensação tardia para quem o não tomou em pequeno, e um engodo convencional para o estomago do *high-life*.

« Sabia segredos culinarios da estalagem do Rainha, na Praça Nova, onde se afreguezára por amor ás tripas ».

(*Eusebio Macario*).

C. CASTELLO BRANCO.

« Apenas dei um passo na sala da casa de pasto (do Rainha) comprimiu-se-me o coração. Quatro bancas, cobertas com toalhas pejudas de nodos de gordura, e migalhas de pão de milho, estavam nuas de hospedes, como a cozinha promettia ser êrma de bons bocados. As cadeiras, carregadas de annos e serviços, tinham adquirido o direito da inamovibilidade, porque algumas estavam cravadas no sobrado. No vão das duas janellas, que deitavam sobre a praça, via-se um enorme S. Sebastião crivado de settas; e como se lhe não bastasse aquelle martyrio, rasgaram a parte inferior da estampa, e arrancaram-lhe o pé direito pelo artelho. Ficou duplamente martyr. Em torno das paredes estava tudo coberto de santos e santas de todos os tamanhos e feitios. Era o mais completo *Flos Sanctorum* que tenho visto em minha vida ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

* Gomes de Amorim deu á casa de pasto do Rainha, na Praça Nova, a honra litteraria de a descrever. Não a merecia, se bem que os lavradores dos arrabaldes estivessem de accordo em que ali se comia boa tripa, boa orelheira, sem que a nada d'isto fizesse damno o suicidio guloso de uma ou outra mosca.

FEIRA DE S. LAZARO. — « Desde pequeno que fui jacobino; já se vê, e de pequeno me custou caro. Levei bons puxões de orelhas de meu pai por comprar na feira de S. Lazaro, no Porto, em vez de gaitinhas

ou dos registos de santos, ou das outras bugigangas que os mais rapazes compravam... não imaginam o quê... um retrato de Bonaparte ».

(Viagens na minha terra).

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

FEIRA DE S. MIGUEL. — « Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho ideia de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de S. Miguel, os toques da buzina de sua magestade leoneza, empoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello de el-rei Alboazar: o que meu pai desapprovou com tão signifi-
cante energia, que ainda hoje me lembra tambem ».

(Romanceiro).

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

As duas feiras de bonecada, no Porto. Ainda subsistem: a de S. Lazaro, no Campo 24 de Agosto; a de S. Miguel, na Rotunda da Boa-Vista. São annuaes: a primeira começa no penultimo domingo da quaresma; a segunda, no fim de setembro.

Garrett associa recordações da feira de S. Miguel ás tradições locais da sua quinta de familia em Gaia, famosa pela fonte do rei Ramiro e pelos restos do castello moirisco: memorias da infancia, que voejavam em bando alado pelo mais delicado espirito de poeta que o Porto tem tido.

VIII

Rio Douro — As suas margens — Passeio das Fontainhas, sobranceiro ao rio — Val-d'Amores — Antigo estaleiro do Ouro — As barqueiras — A Foz.

Lá diz Thomaz Ribeiro :

O rio é filho da serra.

Pois o Douro, nascendo de um pequeno lago, no cume da serra de Urbion, não renega a genealogia commum aos rios. Nasce hespanhol, e entra modestamente em Portugal, angustiado entre rochedos tão apertados, que, proximo a Miranda, dois penhascos perpetuam a lenda do *Salto do pastor*, — do pastor que os transpozera de um pulo, salvando o rio, e passando assim de Portugal para Hespanha.

Na maior extensão do seu curso, o Douro é feio e perigoso, erichado de cataractas, a que se chama *pontos*: despenhos d'agua revolta e espumante. Alguns naufraga-

gios, muito frequentes quando a navegação do Douro era assídua, ficaram memoráveis. Citarei, por exemplo, o que victimou, no *ponto* do Cachão, o barão de Forrester em 12 de maio de 1861. O caminho de ferro libertou o commercio de vinhos dos perigos da navegação.

Pouco antes de chegar ao Porto, em Avintes, a paisagem do rio abre um sorriso fugaz, que logo se apaga quando o Douro, estreito e quasi sempre torvo, passa por diante do Porto.

Não lhe faltam tradições lugubres, que se casam com o aspecto severo das aguas em frente da cidade. A hecatombe dos que pereceram na *ponte*, quando em 1809 fugiam do exercito francez, é uma pagina de horrores.

Alguns poetas, como João de Lemos, têm cantado a belleza do rio Douro. Pelo que toca a este poeta, comprehende-se que, expatriado entre os nevoeiros de Londres, relembresse com saudade o luar argenteo do seu paiz. Mas logo que se repatriou, João de Lemos deixou-se ficar em Lisboa, a olhar para o Tejo, facto que deve ter feito desconfiar o rio Douro.

« . . . o Douro, que faz porto á cidade, e lava as muralhas, que descem a beber na agua ».

(*Historia de S. Domingos*, liv. III, cap. XIII),

FREI LUIZ DE SOUSA.

Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areia de ouro

Raios de prata esparzir,
Não pôde amar outra terra,
Nem sob o céu de Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

(*Lua de Londres*).

JOÃO DE LEMOS.

Que me importa serem bellas
Essas aguas, quando o Douro
Leva, á noite, alvas estrellas,
Traz, de dia, estrellas de ouro?
Que importa, se, nas compridas
Margens, do hynverno batidas,
Depois da nuvem correr,
Scintillando vivas côres,
Vejo um astro, em vez de flôres,
De cada tronco pender?

(*A' margem do Douro*).

MENDES LEAL.

« O Douro é bem carregado e triste! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puró ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e atravez d'esse manto a atmospherá embaciada faz cair sobre a nossa cabeça os raios do sol semimortos, quasi como um frio reflexo da lua, ou como a luz sem calôr de uma tocha distante. É depois de alto dia

que esse ambiente, semelhante ao que rodeiava os guerreiros d'Ossian, vos desopprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germens da morte. Então, se, trepando a um pinaculo das ribas espraiaes os olhos para a banda do sertão, lá vêdes como uma serpente immensa e alvacenta, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo solo está por baixo de vossos pés: é o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte, até ahi turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe, contorneia-se dos cimos franjados das montanhas engastados no chão azul dos céos, e a terra, a perder de vista, parece-nos um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paisagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Angelo — foi robusta, solemne e profunda ».

(Arrhas por fóro de Hespanha).

ALEXANDRE HERCULANO.

« É porém mais abaixo, ao entrarmos nas freguezias de Avintes, tambem na margem esquerda, e nas de Gondomar e Campanhã, na margem direita, que o panorama (do rio) se torna encantador.

« Dilata-se aqui a paisagem pelo afastamento das colinas: as aguas do rio, menos apertadas, expandem-se simulando um lago, cuja superficie, apenas encrespada, reflecte a imagem tremula das arvores, das casas e dos montes.

« A illusão é quasi completa, porque do lado do nascente uma pequena curva do valle, sobrepondo em

perspectiva as collinas de uma ás da outra margem, encobre a entrada do rio; e do lado opposto o morro granítico da Serra do Pilar, avançando, como se fôra um promontorio, parece unir-se com a escarpa do monte fronteiro e fechar ali o leito ás aguas ».

(*O Douro illustrado*).

VISCONDE DE VILLA MAIOR.

« O panorama extraordinariamente bello, que se descobre da grande ponte sobre o Douro, principia a desenrolar aos nossos olhos os seus differentes aspectos tão variados, tão imprevistos. O rio, liso e espelhado como uma chapa de vidro azul e verde. Uma extensa cordilheira de collinas, cobertas de pinheiraes e desenhando no espaço vaporoso e humido as curvas mais suaves e as perspectivas mais graciosas e mais risonhas. Á beira da agua, sulcada de barcos, de côr escura, esguios, da fôrma de gondolas venezianas, remados de pé com largas pás que bracejam silenciosas e lentas, arredondam-se em grandes massas de um verde escuro e espesso os velhos arvoredos das quintas do Freixo, da Oliveira, de Quebrantões e d'Avintes ».

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

A « grande ponte », a que o auctor se refere, é a de *D. Luiz*, privativa do caminho de ferro. Posteriormente construiu-se, para uso do publico, a ponte *Maria Pia*, que veio substituir a pensil, do tempo de *D. Maria II*.

« O Douro corria torvo e carregado por baixo de nós; a corrente soturna quasi que nem baloiçava os barcos, que repoisavam no seu dorso liquido. As margens d'este rio são decerto mais pittorescas do que as margens do Tejo; a natureza prodigalisou ali a graça e o mimo, nas praias do rio de Ulysséa a severa magestade; mas o sereno azul das aguas do Tejo, a limpidez dos seus crystaes não soffrem comparação com a embaciada superficie do Douro; o Tejo espelha o céu, o Douro espelha o inferno, o inferno que ruga no fundo das suas aguas, que irrompe em alguns sitios no feroz turbilhão das cachoeiras, turbilhão que tantas vidas tem tragado, contando-se entre ellas a do barão de Forster, homem que só no Douro pensava, que o descreveu, que o estudou, que ó pintou, que lhe devassou os mais reconditos mysterios, e que n'elle a final encontrou a morte, provando assim que os serviços prestados aos rios, do mesmo modo que os obsequios, feitos aos homens, têm a ingratição por premio e por salario ».

Contos e descrições).

PINHEIRO CHAGAS.

« Quando um homem não se sente poeta diante do Mondego, ou diante do Douro, tem de encommendar-se a Deus: é um mau homem!

« Para apreciar bem um rio, é preciso tomal-o da nascente, e ir acompanhando-o nas suas ondulações e nos seus caprichos, quando elle foge para um lado, quando se esconde um instante, quando brinca entre dois montes,

e quando parece morrer. Ao ir pelo Douro, sente-se uma pessoa namorada; namorada de quem e de que? Quem o sabe! Namorada ao acaso, namorada de tudo, da agua, do céu, da serra, e, sobretudo, d'aquellas margens encantadoras de uma vegetação especial e incrível, em que as arvores se erguem de todos os lados, e a herva está mortinha por nascer! . . . »

« Fallei das Fontainhas, e não de consentir que me demore um instante a lembrar-me d'aquelle sitio encantador, que se debruça sobre o Douro e d'onde se diz adeus, para os botes, ás varinas ¹ que vão remando. Eu nunca vi na minha vida mais bonita coisa, do que um barco que passa sobre o rio, remado por quatro mulheres moças e bellas!

« . . . aquelle passeio (as Fontainhas) não vale nada por si e pede emprestado ao panorama, que d'ali se descobre, todo o encanto e toda a seducção da sua belleza! É preciso ir ali, espalhar a vista para a serra, para o rio, e para aquella *coquette*, que se namora nas aguas, aquella elegante que vive sobre o Douro, e que é saudada desde pela manhã pelas admirações, pelos gabos, pelos olhares dos que lhe pedem auxilio para atravessar de um lado a outro, — a ponte pensil! . . .

« Ou então á noite, quando o céu contempla pelos seus mil olhos essa admiravel natureza adormecida, e

¹ Aliás padeiras de Avintes. Veja-se mais adiante o texto atinente ás barqueiras do Douro.

que a brisa balança as arvores, e acorda as aves que lhes dormem nos ramos!

« E todavia, quasi não ha casas n'aquelle encantador sitio. Apenas algumas choupanas humildes, que parecem dizer á gente, que a riqueza não tem ali nada que vêr, e que a poesia, a natureza, o bello, fogem para os pobres e para os infelizes como para os consolar da vida!... »

(Scenas da minha terra).

JULIO CESAR MACHADO.

« O novo jardim das Fontainhas parece que se está a rir para nós ».

(No Minho).

D. ANTONIO DA COSTA.

« Não succede o mesmo com o passeio das Fontainhas, tão aprasivel, sobretudo no outono, pela sua situação na encosta de um monte que fica sobranceiro ao Douro. Nem flôres, nem outros cuidados tem merecido este passeio sombreado por alguns álamos que vão cahindo de velhos! »

(Viagem ao Minho).

GOMES D'AMORIM.

Não entraram no plano d'este livro os escriptores estrangeiros, que visitaram o Porto. Mas, a proposito das Fontainhas, citarei de fugida a opinião do principe Lichnowsky: « É verdadeiramente encantadora a perspe-

ctiva, que se goza em muitos pontos (da cidade), especialmente no passeio chamado das *Fontainhas*, d'onde se descobre o valle do Douro, e o convento da Serra, e que faz lembrar os *Bastiões* de Vienna ».

« Esse Val-d'Amores, que depois foi Val-de-Piedade quando os Capuchos ahí fizeram seu convento e o beatificaram com o devoto nome que ainda tem — hoje... Oh tristes, tristes tempos nossos! é Val de tanoeiros ou Val não sei de quê, porque lhe fizeram da igreja um armazem, e da cêrca tão viçosa e tão fresca, algum mau campo de milho, talvez.

« Eu, ainda me lembra, e era bem pequeno, das tardes da trezena do santo em que aquella linda cêrca parecia o jardim de Kensington ou o das Tulherias, de povoada que se fazia pelas mais bellas e elegantes damas da cidade, por um concurso immenso de todas as classes e idades: n'aquelles treze dias o Val-de-Piedade tornava a ser o Val-d'Amores ».

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

« E então que lindo nome que tem esse ameno sitio! Valle d'Amores! Vejam como isto sôa bem! Saboaria de Valle d'Amores! Quando se dirá: « Fabrica de cortumes da Fonte das Lagrimas! Refinação de assucar da Saudade! » É não pararem em tão bom caminho!

« Este nome de Valle d'Amores tem uma historia. Foi este, segundo creio, o primitivo nome; porém, depois

edificou-se ali um convento. Os frades assustaram-se com a profanidade de tal denominação, temeram que nome tão azado a devaneios pouco religiosos os perturbasse nas suas meditações, e lhes fizesse voltar os olhos do céu para a terra, mais vezes do que era mister!

« Tinha que vêr se o sitio do convento vinha a ser motivo de tentações, e se os pobres frades, que já se viam abarbadados com o mundo, o diabo, e a carne, tinham ainda às costas o nome do mosteiro! O titulo do valle foi abolido, proscripto, excommungado, e substituído pelo pacifico e bemaventurado nome de Valle da Piedade! »

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

Val-de-Piedade, na margem esquerda do rio Douro, em frente do Porto, foi um dos muitos conventos adquiridos por particulares na hora em que o Estado poz os frades na rua e os conventos em praça.

Comprou-o o visconde de Val-de-Piedade, pai do visconde de Castro e Silva, que ali estabeleceu residencia.

O antigo Val-d'Amores, convertido monasticamente em Val-de-Piedade, bem podia ter passado a denominar-se desde então Val-de-Viscondes.

« Quando se chega defronte dos estaleiros do Ouro, principia a sentir-se a respiração desigual e o sussurro intermittente da Marselha peninsular ».

« Olhando Douro acima, do sitio do Bicalho, o viajante admira uma selva de mastros e vergas, um bosque de *arvores séccas*, que parecem plantadas nas aguas. Do alto d'essas arvores sem folhas desce um tecido complicado de cabos, que vem prender ao casco dos navios, semelhantes aos cipós e orchideas da America, descendo da corôa das palmeiras e prendendo-se á terra por novas raizes ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

« Lembram-se ainda os que passaram pelo Porto ha vinte ou trinta annos, o que era o rio Douro, visto de Cima do Muro? Lembram-se da grande floresta de navios portuguezes á carga e á descarga, em Massarellas e Miragaia? das complicadas e longas dynastias, numeradas, das barcãs e dos brigues, construidos no estaleiro do Ouro? das *Amelias*, dos *Castros*, das *Carolinas*?! . . .

« Pois bem; eu não vi, ultimamente, um só navio portuguez de longo curso, nas aguas do Douro. E o estaleiro do Ouro — com que magoa o digo! — acabou ».

(*As Farpas*, tom. 1).

RANAELHO ORTIGÃO.

« Bello estaleiro do Ouro! Nem um só vestigio resta hoje do que elle foi na solitaria e entristecida alameda, além das antigas arvores sobreviventes ao terrivel golpe

que, matando o estaleiro, poz no logar um véo de lucto pela viuvez da terra, pela orfandade do rio!»

(*As Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

O movimento marítimo do Porto era consideravel no seculo xvii. O estaleiro do Ouro, onde se construiam excellentes navios mercantes, contribuiria por certo grandemente para alimentar esse movimento. Na *Chronica de carmelitas descalços*, tomo 1, dizia em 1657 Frei Belchior de Sant'Anna: «... povo cheio de gente rica, e muito nobre; de grande trato e commercio, por uma parte com o Brazil, por outra com França, Flandes e Inglaterra, d'onde, e para onde recebe de ordinario muitos generos de mercadorias, e despede outras: para os quaes tratos trazem os moradores no mar grande numero de naus, e caravelas com grossas despezas, a que respondem iguaes retornos, e proveitos, que fazem a Cidade uma semelhança de Lisboa, e a segunda do Reino em grandeza, opulencia e reputação».

«As gentis barqueiras! Que força, que elegancia, que original e excentrico desembaraço! O seu destino não tem nenhum ponto de contacto com as mulheres... terrestres! Desde a sua infancia, ellas viram o rio e o mar a todo o instante. Ignoram, coitadinhas, emquanto ali andam a remar sem descanço, que ha damas n'este mundo que só vivem de coisas frivolas e que como pre-

servativo do *spleen* têm de correr os bailes, os theatros, os passeios publicos, ou lêr romances, unica leitura analogá á falsa cultura do seu espirito!

« Ninguem, a ellas, ás minhas pobres barqueiras do Douro, lhes affagou nunca o amor proprio, nem esta dôce satisfação de toda a alma de mulher, que se irradia de felicidade ao chamarem-lhe formosa! Menos bellas, menos tentadoras, menos affaveis, menos boas de character, passam ás vezes pela terra as senhoras, cheias de comprimentos, de lisonjas, de admirações e de invejas, — altivás, desdenhosas, impertinentes! . . . »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

« . . . as barqueiras de Avintes, que fariam o encanto e a admiração do Tamisa, regatando n'elle como no rio Douro, e remando em pé com os seus longos remos, semelhantes aos das gondolas venezianas, tão pezados, tão difficeis de manobrar! »

(*Jonh Bull*).

RAMALHO ORTIGÃO.

As barqueiras do Douro, em geral as padeiras de Avintes, são realmente soberbos exemplares de mulheres fortes e bellas.

Conhecem bem o rio entre Avintes e a Ribeira; alguma vez terão chegado até á Cantareira na Foz, mas não estão habituadas ao mar, como diz Julio Cesar Machado. Pelo menos não vêem o mar *a todo o instante*; o rio, sim.

Não admira que Julio Cesar Machado se enganasse, porque via o Porto de relance, quando Theophilo Braga, que n'aquella cidade viveu muitos annos, disse, o que é inexacto: «As mulheres de Avintes remam pelo Douro abaixo e vão pescar no mar alto...» (*O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. I, pag. 75-76).

«A barra do Porto é por si só um drama de terror.

.....
 «No entanto, que alegria suprema ao avistar terra, e ao espalhar a vista para o espectáculo grandioso que me cercava! Á direita, as margens do Furadoiro, da Costa de Espinho, do Senhor da Pedra, e aquella lingua d'areia do Cabedêlo que é o fim da costa, e que fecha estreitamente a barra, passando perto do vapor na distancia de um *shake-hands*! Á esquerda, o mar largo! Em frente de nós, a Foz!...»

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

«... á Foz, a esse sitio predilecto da modicidade portuense, e que para ella resume os encantos de Pedreços com as commodidades de Cintra ».

(*Panorama*, 1856).

ANDRADE FERREIRA.

«A Foz é hoje, graças ás duas companhias (de americanos), um verdadeiro bairro do Porto. Vive-se lá todo

o anno, um pouco por economia, um pouco por amor da saude, um quasi nada por gosto, e sobretudo muito por causa da massada da mudança no periodo fixo dos banhos. Com a sua preocupação de imitar John Bull, o portuense acha encantador ter ali a Foz á mão, para fingir de bairro afastado, e adoptou-a de preferencia a qualquer outro arrabalde. A Foz merecia a preferencia, deve concordar-se, pelo que tem de recolhida e silenciosa no inverno, e pelo que tem de pittoresca no verão, n'esta estação sobretudo, visto que ella é a praia por excellencia do Porto, e a miniatura mais fielmente reproduzida do seu movimento e costumes ».

(*O Minho pittoresco*).

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

« Como praia é má, penhascosa, e por isso cheia de traições e perigos. O *caneiro*, na praia do Ourigo, o mais concorrido local de immersão, apesar dos muitos melhoramentos ali feitos, é acanhado, impossivel, principalmente em agosto e setembro, pela agglomeração de banhistas. Da cidade todas as manhãs vão centenaes de pessoas banhar-se regressando depois nos americanos, para almoçar em casa e retomarem as suas diarias occupaões. Muitas e muitas familias residem já na Foz todo o anno ».

(*A' beira mar*).

EDUARDO SEQUEIRA.

Vesti a casaquinha afiambrada,
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,
 As seges e carrinhos já voavam,
 Em busca das meninas que a tal hora,
 Já os cabellos seus arripiavam,
 Com o fim de irem gastar a *trote* agora
 Tudo o que *a passo*, outr'ora, os pais ganharam;
 Quando eu da celebrada Miragaia,
 Sósinho me sentei na amena praia.

.....
 Em soberbos cavallos bem montados,
 Vi correrem galhardos cavalleiros,
 Como depois dos banhos acabados
 Seus donos correrão, dias inteiros,
 Atraz dos alugueis, tão bem ganhados,
 P'ra casa dos tafues aventureiros,
 D'alegria devendo ficar cheios
 Recebendo os cavallos e os arreios.

Em tysicos jumentos, abatidos
 Ao peso de pomposas bagatellas,
 Vi damas, com esplendidos vestidos,
 Com lindas fitas brancas e amarellas,
 E chailes que eram já meus conhecidos,
 Por me verem passar pelas adellas;
 E para ainda vêr loucura tanta,
 A caminho me puz p'r'a *Terra Santa*.

Marchei d'ali á praia, onde reunidos,
 Sobre os altos rochedos, espantados,
 Eu vi muitos janotas, conhecidos,
 Entre mil papelões ajanotados;

Vi outros que, de todo escandecidos,
Às aguas se lançavam, denodados;
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras
Pasmados para as *ondas bolideiras*.

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

«O Porto em miniatura. A mesma distincção, a mesma elegancia, o mesmo luxo quasi, ou mesmo sem quasi. A praia, em vez de larga e aberta, é entre rochedos apertados, escuros, contrastando com a limpidez e magestade das outras praias. Sobre um penedo recortado é que estão os espectadores com todo o cuidado para não caírem. Dos dois lados vão indo processionalmente os banhistas até seguirem por uma especie de corredor que os leva ao sitio onde a agua do oceano parece que faz o favor de chegar. As barracas, em vez de abrirem todas para o mar, estão arruadas estreitamente. Vêr a correnteza das praias é como assistir a um entrudo; esta lembra o tempo da penitencia. Nem a extensa fileira das barracas, nem a dos banhistas e visitantes, nem as mantas estendidas na areia, nem as variadas peripecias. Vi alguns penteados do correr do dia, vi os homens de luvas, a só concessão que se permitem é o chapéo mais baixo, mas preto, vi mesmo botas envernizadas. No primeiro dia que fui á praia, com toda a minha boa fé, ao olhar de repente para mim envergonhei-me das minhas botas brancas e do meu chapéo de côr. Pedi perdão a mim mesmo de faltar á etiqueta, e no dia seguinte felizmente appareci já com decencia.

«E comtudo que formosa que é a Foz, a dois passos do Porto, de Leça e de Mattosinhos, com os seus predios novos, com o seu passeio de Carreiros, onde é a praia dos inglezes e onde devera ser a praia geral dos banhos pelas vantagens da limpidez e da amplidão.

«De tarde sim, no bello passeio Alegre, com a casa-ria de um lado e do outro o mar, de tarde sim, aprecia-se a graça dos sorrisos, a affabilidade do trato, que ali está a cidade da Virgem representada pela extrema bondade das suas damas ».

(*No Minho*).

D. ANTONIO DA COSTA.

«A Foz, minha senhora, é uma villa que se debruça artisticamente em parte sobre o Douro, em parte sobre o oceano! Pobre aldeã, que passa o inverno a despertar do seu somno, ouvindo o mar estalando sobre as muralhas d'um velho castello!... Triste mãe, que alonga a vista pelo mar, receosa da sorte de muitos filhos que andam entregues ao furor da tempestade! É a poesia da solidão! É a poesia do perigo! É a poesia da tristeza!... »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

«Deliciei-me em estar ali, não porque a Foz seja um sitio muito bonito, nem muito pittoresco, mas porque eu enlevo-me sempre com o spectaculo immutavelmente sublime do oceano, porque fico horas e horas sentado nas fragas, vendo a meus pés quebrarem e es-

padanarem as ondas. Os que se enlevam com estas bellezas devem ir á Foz. A costa, erriçada de rochedos, irrita a furia do leão dos mares, e obriga as ondas a desfazerem-se n'um verdadeiro delirio de espuma. É um espectáculo magestosamente bello vêr essa extensa praia, beijada por uma onda, que se empina lá ao longe, que enrola a sua fita verde, corôa-se a um tempo de um diadema de espuma, que o sol doira logo em todos os pontos, curva graciosamente o collo, como corcel garboso, que se prepara para a investida, corre modulando o seu cantico magnifico, depois dá n'um rochedo, sôlta um grito de raiva, quebra com medonho estampido, como que ergue os espumantes braços ao ceu para o ameaçar, blasphema, por lhe ter collocado ali aquella pedra, mudo e impassivel obstaculo, afinal salpica as fragas, desfaz-se em cataracta alvejante, que scintilla ao sol como um montão de pedras preciosas, e cede o logar á que se lhe segue immediatamente.

«Mais adiante outra porção da mesma onda espraia-se com voluptuosidade no areial, presenteia-o com limos verdes e cinzeladas conchinhas, fuge murmurando, ou antes arrulhando um adeus, deixa ficar atraz gotinhas de espuma, que a seguem pesarosas, e se vão arrasando languidamente até se prenderem n'um seixo, e ali ficarem escondidas, abrigadas do temeroso combate.

«No mais a Foz de inverno não tem encantos especiaes que a recommendem ao viajante. No tempo dos banhos creio que ha uma animação inexcedivel n'aquellas praias, n'aquellas ruas. Agora só se encontram pescadores fumando indolentemente á porta das casas, ou

dormitando com uma tranquillidade, que contrasta singularmente com a azafama incessante em que andam os portuenses ».

(*Contos e descrições*).

PINHEIRO CHAGAS.

« O movimento da sociedade na Foz tem o que quer que seja de desordenado e confuso que perturba os que chegam de novo. Não se sabe facilmente de onde é que tanta gente vem e para onde é que tanta gente vai. Os estrangeiros acham-se isolados no meio da multidão e julgam-se infastiadamente fóra dos interesses que determinam aquelle movimento geral. A razão é que toda a gente na Foz anda na rua sem outro destino que não seja sahir de casa e voltar para casa.

« A arte de empregar o tempo agradavelmente, rara em portuguezes, é inteiramente desconhecida na Foz. Não ha o estabelecimento dos banhos como nas praias francezas; não ha um parque com flores, com agua, com musica, com jogos de jardim, para onde as mulheres e as creanças vão estar ao ar livre; não ha sequer um *club* — o triste *club* — pelo menos em que as senhoras se reunam de dia.

« Almoçar, jantar, enxugar os cabellos, é a occupação ordinaria dos banhistas n'esta praia, desde as oito horas da manhã até o fim da tarde ».

(*As praias de Portugal*).

RAMALHO ORTIGÃO.

«Toda a prosperidade da Foz provém da immensa concorrência de gente que a frequenta no tempo dos banhos. A villa cresce todos os dias, estendendo-se para o sul, ao longo do rio, para as bandas do Porto, e alargando-se para o norte. Muita gente da cidade ali reside no verão, e alguma em todas as estações. A Foz tem já muitos e bons predios, bastantes soffríveis, e não poucos estabelecimentos. Entre estes, varios cafés, e uma casa chamada da *Sociedade*, ou Assembléa, onde se acham todos os jornaes, se joga o bilhar, e se fazem magnificos bifés. Algumas hospedarias, sendo uma excellente, e o oceano á porta para se tomar banhos, eis toda a riqueza e todo o luxo da Foz. O seu castello não tem outra importancia senão como logar onde fazem signaes para a entrada dos navios. Os passeios de manhã são por cima dos rochedos da praia; e de tarde na rua direita, em frente do rio, onde se morre assado pelos ultimos raios do sol, ou suffocado com as nuvens de pó que se levanta debaixo dos pés».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Ahi fica largamente descripta a Foz.

Apenas, a titulo de velharia curiosa, lembrarei ao leitor o nome antigo d'esta praia.

Era S. *João de Furado*.

Dil-o uma passagem do *Nobiliario do Conde D. Pedro*¹: «cubriu as galés de pano verde, e entrou com

¹ Titulo XXI.

ellas por Sam João de Furado, que agora chamão Sam Ioane de Foz. aquel lugar de hua parte, e outra era a ribeyra cuberta de arbores... »

Foi bem mudado o nome, em attenção ao muito sexo feminino que frequenta a Foz, especialmente na época de banhos.

A palavra *Furado* não é das mais convenientes quando se trata do sexo feminino.

IX

Arrabaldes — Avintes — Vallongo — As padeiras — Quintas —
Campanhã — Gaia — O castello de Gaia — Candal — Mattos-
sinhos — Lessa da Palmeira.

Não vás ao serão a Avintes,
Nem p'ra lá botes o geito :
Olha que as moças d'Avintes
Tem-n'a semente do feito.

(*Cantiga popular*).

O feito ou feitinha é a « semente que o vulgo colhe em um guardanapo na noite de S. João, para aquelle que o possuir se tornar amado ». (Theophilo Braga, *Povo Portuguez*, vol. II, pag. 70).

É como se dissesse a trova que as raparigas de Avintes se fazem amar por seus grandes attractivos.

« Duas formosas padeiras eram aquellas duas mulheres que vi no Porto! A de Avintes principalmente. Tremo de fazer a descripção com receio de que me cha-

mem exagerado; mas a verdade é que nunca vi olhos mais negros n'um rosto mais branco e delicado! Já me não admira que os pastores da Arcadia tivessem a pachorra de fazer grosas de sonetos ás Marilias e Anardas. Se eu fosse poeta ia direito ás margens do Douro, apaixonava-me por aquelles negros olhos, e passava o resto de meus dias n'uma lamuria de colchêas. Os olhos azues da outra eram tambem admiravelmente bellos, e de um cristalino purissimo! O rosto porém era trigueiro, e menos *artístico* do que o da primeira. Comtudo, valia bem um volume das rimas de João Xavier de Mattos ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

«As musas do Douro, longo tempo acanhadas entre as penedias do patrio ninho, viveram vida de meditação, apenas interrompida pelas quadras coxas da requetada padeira d'Avintes, que, ao murmurar das aguas encrespadas pelo remo, improvisava pastoris em graciosa toada ».

(*Juizo critico ás poestas de Pinheiro Caldas*).

C. CASTELLO BRANCO.

É Avintes que, por intermedio das suas padeiras guapas, abastece de *bróa* (pão de milho) a cidade do Porto.

São ellas que, como dissemos no capitulo anterior,

tripulam, rio abaixo, os barcos em que conduzem a brôa ao mercado do Porto.

Saltando na Ribeira, trepam pela rua de S. João, intrepidamente, n'um passo cantante, rythmado pelo jogo dos quadris, levando á cabeça as canastras cheias de pão, sem que o peso da carga lhes diminua o garbo aprumado da cabeça.

«O pão trigo trabalha-se, e coze-se em um logar chamado Vallongo, duas leguas ao nascente d'esta cidade (Porto), d'onde é conduzido todas as terças-feiras, quintas, e sabbados de cada semana, para as casas, que têm determinadas padeiras; mas para o povo, é conduzido por outras padeiras do mesmo logar, que o vendem todos os dias nas Praças de S. Bento, S. Domingos e na rua das Flôres; além do que distribuem pelas lojas dos regatões.

.....

«A brôa vem de duas freguezias sitas da parte meridional do rio Douro, uma chamada Crestuma, outra Avintes: a que se fabrica na cidade é muito mais aspera, e sómente a compram os trabalhadores e os pobres ».

*(Descripção topographica, e historica
da cidade do Porto).*

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

« Vallongo é uma terra que nada tem de notavel senão as suas immensas fabricas de pão, que, juntamente com as de Avintes, abastecem quasi a cidade. A

villa é pequena, mas tem alguns predios de boa apparencia. Os homens são geralmente feios; quanto ás mulheres modifiquei a opinião que tinha da sua belleza depois que as observei melhor nos balcões das padarias; supponho que se escolhem as mais bonitas para levar o pão ao mercado do Porto. Se assim não é, peço perdão ás suas familias da minha desconfiança ».

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Casar em Vallongo
É melhor que ser bispo :
Tem mulher para a cama
E burra para o serviço.

(*Cantiga popular*).

A visita d'el-rei D. Carlos ao Porto, no dia 19 de setembro de 1893, para assistir ás manobras militares, chamou a attenção de todo o paiz para a povoação de Vallongo, até então principalmente afamada pela belleza das suas padeiras e pelo sabor dos seus biscoitos.

As familias e as padeiras decerto perdoaram a observação de Gomes d'Amorim, porque nem umas nem outras a leram. São analphabetas, e não lhes faz falta nenhuma a instrucção. Ganham a sua vida fornecendo pão trigo e pão dôce, em grandes roscas, que lá chamam *re-gueifas*; tambem fabricam biscoitos azedos (*de tosta*) e biscoitos dôces. Eis o commercio vital da povoação.

Todo o trabalho da padaria recae principalmente sobre as mulheres. Por isso diz a cantiga local :

E burra para o serviço.

Com respeito á burra, torna-se indispensavel uma aclaração.

Effectivamente a padeira de Vallongo é uma moira de trabalho, — uma burra, como diz a trova. Mas, em geral, cada padeira tem por sua vez á sua disposição, para ir ao Porto vender o pão e o biscoito, uma burra authentica, que conduz as canastras e, sobre as canastras, a dona.

É assim que a padeira de Vallongo viaja até ao Porto, tres vezes na semana, terças, quintas e sabbados, encastellada sobre as canastras, que se encastellam sobre a burra.

Diz Gomes d'Amorim que os homens de Vallongo são feios. Nunca reparei n'isso. Mas nas padeiras tenho reparado sempre. Não serão exemplares de belleza perfeitissima, nem se reproduzirá nas suas feições a harmonia de linhas que a esculptura grega cinzelou. São, porém, bellas mulheres, quando não sejam mulheres bellas ; mulheres sadias, mulheres fortes, morenas e vivas, são todas ellas ou quasi todas.

O trabalho não as esmaga, nem sequer as quebranta. Não são lirios, que se fanem ; mas rosas de todo o anno, menos delicadas que os lirios, e por isso mais resistentes do que elles.

O que é certo, voltando á visita d'el-rei a Vallongo,

é que as padeiras da povoação tiveram então um momento de celebridade na pessoa de uma sua collega, que se dirigiu ao senhor D. Carlos, perguntando-lhe com uma ingenuidade de simples:

— Como vai v. s.^a, a senhora e os meninos?

Um jornal portuense reproduziu este episodio, creio que com mais ou menos phantasia, porque outro jornal, *O Commercio do Porto*, limitou-se a dizer:

« Uma padeira de Vallongo entrou na carruagem-salão, com permissão de S. M., e alli um official comprou-lhe uma das saborosas regueifas, especialidade d'aquella villa. A pobre mulher, a tremer, cumprimentou el-rei, que, sorrindo, lhe dirigiu palavras affectuosas ».

De mais a mais eu fico desconfiado de que uma padeira de Vallongo, se fizesse aquelle cumprimento a el-rei, em vez de *vossa senhoria*, teria dito *vossemecê*, que é o seu tratamento habitual para toda a gente.

E não era certamente n'um momento de atrapalhação que a vallongueira se lembraria de procurar um tratamento mais conveniente para a pessoa de el-rei.

Como quer que fosse, Vallongo esteve em evidencia, para Vallongo foram tropas, para Vallongo foi el-rei, para Vallongo foi o snr. ministro da guerra, para Vallongo foram dezenas de curiosos.

Já agora, a residencia parochial de Sobrado, onde o senhor D. Carlos se hospedou, ficará notavel, porque sob aquellas telhas pernoitou o rei de Portugal.

Visitas como esta são indispensaveis no regimen de democratização por que tem passado a realza moderna.

Um rei actual deve saber como toda a gente vive,

conhecer de perto a simplicidade parcimoniosa da vida de provincia, porque o paiz não é unicamente a côrte: ha factos domesticos e factos economicos a estudar, verdades sociaes a estabelecer, defeitos de organização administrativa a corrigir.

Já pertence aos dominios da opereta o tempo em que o rei perguntava a um valido:

— Que horas são?

e em que o valido respondia todo curvo:

— São as horas que vossa magestade quizer.

Agora, no tempo em que estamos, um bom abbade minhoto, abrindo a sua casa e o seu coração a el-rei, seria capaz, sem faltar ao respeito devido ao chefe do estado, de responder áquella mesma pergunta com estas simples e sentenciosas palavras:

— São horas de olhar por isto, meu senhor.

Tambem já não fica a menor distancia o tempo em que o famoso cozinheiro Vatel se suicidou por não haver peixe para o jantar que o principe de Condé offerecia a Luiz xiv.

Agora o abbade de Sobrado ¹ offereceu a el-rei o seu modesto leito á franceza, por não ter outro melhor, e nem por isso tentou suicidar-se. E se a cama era tão estreita como os jornaes noticiaram, el-rei, decerto, ficou fazendo bom conceito do snr. abbade...

¹ Padre Antonio Thomé de Castro.

« Diz-se geralmente que é para sentir que no Porto, nem mesmo nos arrabaldes, haja quintas: quintas? Como: quintas? quintas, para que, — se o paiz por si só é uma quinta, a maior das quintas, uma quinta em grande! Eu nunca por ali olhei para um lado ou para outro, que não visse arvores a erguerem-se! É uma vegetação esplendida, de que não têm, não podem ter ideia os que nunca saíram de Lisboa! »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

A verdade é que, mesmo dentro da área da cidade, ha quintas magnificas no Porto. Só no bairro occidental, lembram-me agora a das Macieiras ou do Sacramento, onde morreu Carlos Alberto; a dos condes de Terena; a da condessa de Rezende; a do Priorado de Cedofeita; a das Aguas Ferreas, etc.

Além d'estas e outras muitas quintas em ambos os bairros da cidade, raro é o predio que não tenha *quintal*, um terreno adjacente para horta ou cultura de flores, — quasi sempre com agua, um poço.

É como os de Campanhã:
Casam á noite
E descasam de manhã.

(*Apódo portuense*).

Theophilo Braga, no *Povo portuguez*, traz este apódo, mas altera-lhe o final, escrevendo :

E descansam pela manhã.

Descasam, é que é. Ainda hoje se diz no Porto — *Casar á maneira de Campanhã* — o que significa uma ligação ephemera do amor fortuito.

A Senhora do Pilar
Tem o seu pilar de vidro,
Que lhe deu um marinheiro,
Que se viu no mar perdido.

(*Cantiga popular*).

Imagem que se venera na capella da Serra do Pilar, — montanha pittoresca, na margem esquerda do Douro, que se notabilizou no tempo das guerras civis d'este seculo e se defronta com a cidade.

Hoje, a nova ponte *D. Luiz* facilitou muito o accesso á Serra do Pilar.

« Depois Villa Nova ¹ vem molhar timidamente os pés no rio, que, lascivo como um sultão, em vez de

¹ De Gaia, fronteira ao Porto.

lh'os beijar tremulo e palpitante, ousa erguer-se voluptuosamente, e enlaçar a cintura da gentil visinha do Porto, que de longe a está namorando, e contemplando afflicto sem poder acudir-lhe, porque se vê igualmente dominado pelo diabolico despota ».

(*Contos e descripções*).

PINHEIRO CHAGAS.

« . . . gentil Gaia, que, vista de longe, faz pensar que por ali demora ainda a encantadora castellã, dando ás suas collinas, que tão barbaramente a viram morrer, alguns toques da sua magica varinha ! »

(*Aventuras de Bazilio Fernandes
Enxertado*).

C. CASTELLO BRANCO.

Villa Nova já foi villa,
Agora é um chiqueiro:
Quem quizer moças bonitas,
Vá ao Rio de Janeiro.

(*Cantiga popular*).

« Sabem onde é o Candal ?

« É essa pittoresca collina, que se levanta por detraz das ruinas d'um castello, d'onde Gaia, a formosa moira, espreitava a frota do godo, seu querido roubador, segundo a mythologia d'este maravilhoso torrão do occidente. Como estendal de fadas, de longe branquejam as rissonhas casas, olhando soberbas para o Porto, com o garbo de camponezas, frescas e touca-

das de flôres, sem inveja aos perystilos de pórfido, aos mosaicos das alterosas paredes, ás opulentas gradarias de bronze. De cada quebrada do monte sobranceiro rebentam jorros d'agua argentina, que se desenrolam sobre a immensa alcatifa de esmeralda, que vem do sopé dos edificios, tão limpida, a sujar-se nos bécos immundos de Villa Nova, taverna, que dá vinho para todo o mundo, asquerosa como nenhuma outra taverna do mundo.»

(Onde está a felicidade?).

C. CASTELLO BRANCO.

Ao Porto enlaçada,
Em dôce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

(Trova politica de 1826).

Esta copla faz parte de um hymno, cuja letra é geralmente attribuida a Passos Manoel.

« Dos cinco aos dez annos de idade vivi com meus pais n'uma quinta, chamada o *Castello*, que tinhamos áquem Douro, e que se diz tirar esse nome das ruinas que ali jazem do castello mourisco.

« Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa Senhora com a mesma invocação do

Castello, e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume ».

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

É o mesmo castello, já extinto, a que Camillo Castello Branco se refere e a que andava ligada a lenda, que o grande romancista apenas esboçou no trecho transcrito; lenda que se encontra em todo o seu desenvolvimento tradicional no *Nobiliario do Conde D. Pedro*.

Camillo chamou a Villa Nova de Gaia — *taverna, que dá vinho para todo o mundo*.

De feito, é ali a grande adega onde se preparam e armazenam os vinhos finos do Alto Douro, que são consumidos no paiz e em grande escala exportados.

No ultimo capitulo d'este livro consagraremos maior espaço em honra do *vinho do Porto*, aliás, fallando com propriedade, vinho do Alto Douro.

« Deixar o Porto sem vêr Mattosinhos, seria imperdoavel. É um passeio de duas leguas de bonita estrada, em que a vista a todo o instante se recreia.

« A crença popular consagra o maior respeito a esta igreja do ermo. O templo é espaçoso e alegre, mas de uma architectura sem estylo e sem proporção. A imagem do Senhor de Mattosinhos é inferiorissima, e cheia de defeitos. A igreja foi accrescentada, do que lhe resulta haver ficado desproporcionalmente longa, e sem nenhum effeito de perspectiva.

« A capella-mór, comquanto pesada de ornatos, é de uma riqueza extrema, que ainda mais surprehende e maravilha n'um templo de aldéa, na solidão, á sombra, entre montes!... »

E descrevendo os paineis, que estão na *casa dos milagres*:

« N'outro se refere o caso de *Escipriano Ribeiro Dias botando treze horas sangue pela benta do nariz direita*; e mais adiante se commemora, n'um painel em que elle figura ir cahindo, o milagre que a um fulano fez o Senhor de Mattosinhos, *de elle quebrar só uma perna, podendo quebrar as duas!*... »

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

« Por que se lhe chama Senhor de Mattosinhos, é que eu ignoro: a chronica — que não é pequena aliás, e fórma um grave volume de quatrocentas paginas in-4.º, de que o unico exemplar que resta se mostra por curiosidade a quem visita a igreja — denomina-o Bom Jesus de Bouças ».

(*Contos ao luar*).

JULIO CESAR MACHADO.

Não, querido Julio, cujo brilhante espirito se não podia comprazer com minudencias bibliographicas, não!

o livro é vulgar, encontra-se facilmente no mercado, por baixo preço.

Possuo ha vinte annos um exemplar, que me custou doze vintens. Intitula-se: *Historia da prodigiosa imagem de Christo crucificado, que com o titulo de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Mattosinhos na Lusitania, em que se referem notaveis antiguidades deste reyno, dedicada ao mesmo Senhor e offerecida a elrey de Portugal D. João V por Antonio Cerqueira Pinto, cidadão da cidade do Porto, academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza. — Lisboa occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, impressor do Duque Estribeiro Mór. — M. D. CC. XXXVII.*

« É preciso vêr Lessa da Palmeira, ao cair da tarde, quando o sol beija saudoso a costa, depois de se despedir do rio, e as mulheres dos pescadores, concertando as redes na praia, entoam as canções da noite!

« Toda a gente vos dirá que é no tempo dos banhos, quando uma grande parte da sociedade do Porto para ali vai habitar, e consegue dar á villa o bulicio, a vida, a elegancia, — toda a gente vos dirá que é n'esse tempo que deveis vêr Lessa. — Eu, não.

.....

« Não é uma coisa facil, por fim de tudo, descrever Lessa em toda a sua feição melancolica e maritima. Não se sabe bem, ao vel-a, se é uma rica villa, se uma pobre aldêa. Por entre choupanas humildes, erguem-se predios magnificos. Dir-se-ia o sorriso do luxo a insultar

as lagrimas da miseria, se a melhor poesia d'este logarejo não consistisse exactamente n'este singular contraste, cuja explicação fórma o seu louvor.

« Eis o segredo :

« Lessa é uma terra de pescadores : cada um dos barqueiros da costa tem ali a sua cabana, onde procura no seio da familia o esquecimento das luctas do mar, e a severa alegria do amor domestico. Ás vezes, estes pescadores cançados dos perigos, ou levados pela ambição, embarcam como marinheiros, a bordo de algum brigue e vão ao Brazil procurar fortuna. Mas, antes de partirem, cada um d'elles ajoelhado diante da capella do Senhor dos Afflictos, — que fica situada na praia, olhando sempre para o mar — dirige a Deus a promessa de, no caso de voltar rico da terra para onde parte pobre, edificar um opulento predio no sitio em que deixa a sua cabana ».

(*Contos ao luar*).

JULIO CESAR MACHADO.

« Lessa e Mattosinhos são para a Foz o que a Ponte de Algés e S. José de Ribamar são para Pedrouços : uma especie de appenso. O que não obsta a que Lessa seja de per si só mais importante que S. José de Ribamar, Algés e Pedrouços todos juntos.

« O grande defeito de Lessa é que a sua vida objectiva é quasi exclusivamente mineral e vegetal. Entre tantas casas, tantos quintaes, tão bellas arvores, o animal desaparece, o cão esconde-se, o homem sepulta-se, a mulher some-se.

« O habitante de Lessa foi por muito tempo para nós como o habitante da antiga lua — um problema ».

(As praias de Portugal).

RAMALHO ORTIÇÃO. 1

« Não assim Lessa da Palmeira. Esta graciosa aldêa tem em si mesma os attractivos, que namoram os olhos de quem vai vel-a, ao pôr do sol, com as suas casinhas brancas banhando os pés no mar. Faz gosto viver ali; ha como que um perfume de socegada poesia na atmosphera. O oceano, o proprio oceano parece abrandar os seus rugidos, para que a sua voz não destôe das sereninas melodias da terra. Animado por essa meiguice do gigante, o rio, que dá o nome á povoação, e que a separa de Mattosinhos, entra affoitamente nas suas aguas, e dá-se ao prazer de ter uma foz em miniatura, bonita, tranquilla, que o mar respeita mais do que a barra do Douro. Os fortes têm sempre com os fracos uma providencial mansidão. O Nilo baloiça nas suas aguas o berço de Moysés, e sorve muitas vezes as orgulhosas galeras dos pachás.

« Passei momentos deliciosos na janella do hotel Estephania, por baixo da qual vem o oceano, de concerto com o rio, entoar uma serenata, onde os rugidos do baixo profundo se casam harmoniosamente com os flebeis murmurios do tenor.

« No horisonte, perdidas no immenso mar, viam-se umas velas brancas que pareciam gaiivotas immoveis, a espanejarem as azas douradas pelos raios do sol. Ali, a pouca distancia, o areial onde expiravam meiga-

mente as ondas. Lá ao longe a corôa de espuma, que cingia momentaneamente a frente das rochas, denunciava a lucta das vagas com os fragoedos da Foz. Para traz espreguiçava o rio Lessa as suas aguas por entre margens viçosas e verdejantes, onde sobrescia a alvura de duas aldêas visinhas. Uma capellinha em fôrma de arco triumphal, em cujo centro se via de perfil a cruz de Christo, magestosa ali mais do que em qualquer outro sitio, erguia-se a dois passos do mar, onde a collocou a poetica devoção dos pescadores, que desejam poder divisar entre os escarceus a imagem d'aquelle que só os póde domar. E o sol, já declinando para o occaso, illuminava com os seus esmorecidos resplendores esta scena verdadeiramente pittoresca, distribuia, como habil artista, a luz e a sombra, doirava a immensa extensão das ondas, purpureava o horisonte, incendiava com os seus fogos os vidros de uma janella distante, fazia realçar n'um ponto a verdura, n'outro amarellecia o arvoredo ».

(Contos e descrições).

PINHEIRO CHAGAS.

Assim prosegui dizendo :

Pelo rio divididas
Estão Lessa e Mattosinhos,
Pela ponte reunidas.

Pondo de parte os banhistas,
População numerosa
Ambas as terras possuem
Esperta, laboriosa.

•

Os homens mais tempo habitam
 Teus dominios dilatados,
 Ó Thetys, que sobre a terra
 Em que os homens são creados.

Este reino que tu banhas
 Em toda a sua extensão,
 E em grande parte alimenta
 Tua benefica mão,

Por elles é que recebe
 Os dons que tu lhe repartes,
 Assim como em toda a costa
 Em mil praias, em mil partes.

(*Viagens a Leixões*).

ALEXANDRE GARRETT.

« Olhando para Mattosinhos, do lado direito do Lessa, está esta praia favorita da colonia britannica do Porto. São os inglezes os principaes habitadores de Lessa durante o verão, imprimindo-lhe o caracter peculiar e especial do viver inglez. É raro vêr-se durante o dia banhistas nas ruas, ou as casas abertas patenteando francamente os limpos interiores. Os stores corridos, tudo silencioso faz parecer Lessa uma praia deserta das dez ás quatro ou cinco horas da tarde.

« Mas depois tudo muda. Os *babies* correm pela praia, as senhoras jogam o arco, o *cricket*, o *lawn-tennis*, o *foot-ball* e os homens saiem a bordejar um pouco, a fa-

zer pequenos desafios, corridas de guiga ou á vela. Ha então ali a mais franca, sincera e salutar animação ».

(A' beira mar).

EDUARDO SEQUEIRA.

O Porto está hoje ligado com Mattosinhos pelo *tramway* e por um ramal do caminho de ferro da Pova. Pôde dizer-se, com verdade, que a Foz e Mattosinhos constituem dois bairros excentricos do Porto, á beira mar. O porto de Leixões deu certa importancia commercial a Mattosinhos. Lessa da Palmeira, separada de Mattosinhos pelo rio Lessa, lucrou, por concomitancia, com a facilidade de transporte entre o Porto e Mattosinhos.

X

Reliquias historicas — A espada de Affonso Henriques — Monumentos antigos — A Sé — O Paço do Bispo — Igreja de Cedofeita — Edificios monumentaes — O hospital real — Bolsa do commercio — Palacio de Cristal — Torre dos Clerigos — Cemiterios.

«O que é certo é que a espada do nosso primeiro rei, afeita a sahir triumphante de todos os combates, não assistiu á deplorável catastrophe, que sepultou nos areaes de Africa a corôa gloriosa dos reis de Portugal, o esplendor e grandeza da monarchia de D. Manoel, o Afortunado, e os brios, esperanças e forças viciaes da nação, que devassára mares ignotos, que desvendára a India e o Brazil, e que conquistára tantos e tão poderosos reinos!

«Regressando ao reino a esquadra portugueza, com a triste nova d'aquella immensa perda, trouxe para Lisboa as armas de D. Affonso Henriques. Por ordem do cardeal-rei D. Henrique foram logo remetidas para o mosteiro de S. Vicente de Fóra, e d'ali as conduziu para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o conego regente D. Francisco das Neves.

« Restituída ao mesmo lugar em que estava antes de ser enviada a el-rei D. Sebastião, sobre o mausoléu de D. Affonso Henriques, ahí se conservou a espada até á extincção das ordens religiosas em 1834. Depois foi transferida por ordem do governo para o museu da Academia de Bellas-Artes do Porto, denominado *Atheneu Portuense*, aonde ao presente se acha ».

(*Estudos historicos e archeologicos*).

VILHENA BARBOSA.

O texto carece de explicação.

D. Sebastião levou para Africa a espada de Affonso Henriques. Queria combater com ella contra os moiros, por um capricho cavalheiresco que facilmente se explica pelo seu genio aventurosamente guerreiro. Mas, na pressa com que desembarcou, ancioso de combater, esqueceu-lhe a bordo a espada. Perdendo-se, salvou-a.

O poeta portuense Pinto Ribeiro cantou em bellas estrophes a espada de D. Affonso Henriques (*Coróas fluctuantes*, Porto, 1863).

N'um rapto de enthusiasmo patriotico, o poeta apostropha-a :

Sete seculos já no pó tombaram
 Desde que teus lampejos libertaram
 Do furor luso, ó gladio, o afflicto moiro,
 E sobre nós — estranha maravilha! —
 Inda qual sol n'um bello occaso, brilha
 A tua maçã d'oiro !

Depois de 1863, o Porto começou a achar menos poesia historica á maçã de oiro da espada do que a outros aureos pomos que imaginava colhêr de varios Bancos e syndicatos. Mas esqueceu-se de que no jardim das Hespérides, onde tambem as maçãs eram de oiro, havia um dragão truculento, que só Hercules logrou vencer. Ora n'este anno da desgraça, de 1893, o thesouro publico, que d'antes costumava valer aos Bancos arruinados, já não pôde ter fumaças de Hercules, — está, vai não vai, com a espinhella cahida.

« É a Sé um espaçoso templo de tres naves; em que se vêem dezoito capellas e altares. Na capella-mór estão os corpos de S. Pacifico, e Santo Aurelio, ambos martyres. A capella do Santissimo tem o retábolo, sacratio, docel, e frontal tudo de prata batida, com figuras de relevo allusivas á vida de Jesus Christo. Tambem possui uma banquetta e sete alampadas de prata bem trabalhadas. Na sachristia acha-se um painel de Nossa Senhora, que dizem ser producção de Raphael. Guardam-se n'esta casa algumas alfaias e peças preciosas de bastante antiguidade ».

(As cidades e villas da monarchia portugueza, vol. II).

VILHENA BARBOSA.

« A Sé, uma boa igreja, de um estylo severo e antigo. . . ».

(Scenas da minha terra).

JULIO CESAR MACHADO.

Veja-se, ácerca da Sé portuense, o bello trecho de Alexandre Herculano já transcripto a pagina 4.

« Encerra este paço (do Bispo) grandes salas, uma boa casa de livraria, excellente e bem ornada capella, e, sobresañindo a tudo isto em magnificencia, a escada que conduz ao andar nobre, digna, certamente, de uma habitação real, senão pela riqueza dos ornamentos, pela sua magestosa construcção. Se este edificio estivera acabado interiormente, podia, attenta a sua vastidão e commodidades, servir de residencia a uma familia soberana.

« Não se recommenda por elegancia de fórmãs, nem por bellezas de ornamentação; todavia a sua architectura, apesar de ser singela, como bem quadra á morada de um pastor espiritual, tem nobreza, e guarda no seu todo e em cada uma das suas partes as boas proporções, o que é, sem duvida, um grande merecimento architectonico. É um perfeito specimen d'esse estylo propriamente nacional, em voga no seculo XVIII, pesado e falto de graça, mas ostentando muita solidez, grandiosidade e nobreza ».

(*Estudos historicos e archeologicos*).

VILHENA BARBOSA.

« O paço episcopal agora existente é obra do seculo passado. A residencia dos bispos então (*seculo XVII*) era mais acanhada e mesquinha. O palacio — dêmos-lhe este nome — era um mixto de construcções de differen-

tes épocas, onde a architectura gothica se casava a umas pequenas amostras e remendos de renascimento e d'esse estylo pesado, monastico, a que chamaram jesuitico. As fortificações que o cingiam, que por vezes os fleis subditos da mitra tinham vindo sitiar, e que de tantos seculos que estiveram de pé, não havia passado um anno sem, pelo menos, ouvirem as pragas dos honrados burguezes, tinham desabado parte pelo ariete popular, parte pela bem mais possante mão do tempo, deixando devoluto em frente um terreiro escabroso, d'onde se gosava um soberbo panorama. Apenas do lado do sudoeste existia um pequeno torreão, fendido de cima a baixo, desmantelado completamente, sem portas já, e pendentes os varões de ferro das ogivas que davam para o lado do paço».

(A rua Escura).

COELHO LOUZADA.

«Passei da Sé ao Paço do bispo. A escada e a galeria são realmente o que ha de magestoso e de bello. A cupula é de uma architectura elegantissima, de um estylo fresco, sereno, puro. É para sentir apenas que sendo tão admiraveis os trabalhos em pedra, e mesmo os trabalhos em estuque, sejam as pinturas de uma inferioridade deploravel como desenho, como proporções, e como côr».

(Scenas da minha terra).

JULIO CESAR MACHADO.

Vilhena Barbosa incluiu no tomo I dos *Estudos historicos e archeologicos* (Lisboa, 1874) uma noticiosa monographia do paço episcopal do Porto.

« Dos templos actuaes do Porto o mais antigo é, sem contestação, a igreja de Cedofeita, posto que não data do seculo VI e não foi feita por Theodomiro, rei suevo, pois, como disse Alexandre Herculano, é apocripha a inscripção que tem na frontaria, e o templo actual é, quando muito, do seculo X. Não falta mesmo quem diga que foi feito em 1059, como se lê em um calendario que temos presente ».

PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

(Abade de Miragaia).

Querida egrejinha de Cedofeita, com o teu primitivo aspecto de vetusta simplicidade, com o teu pequeno adro sombreado de arvores, tendo, entre a casaria que hoje te acompanha, o ar meio bucolico de uma capella solitaria de aldeia, eu te amo, eu te abençôo, porque a ti estão ligadas ternas recordações da minha vida.

Foi ahi que, embora inconscientemente, mergulhei na onda do baptismo christão, que entrei no gremio d'esta dôce religião de paz e amor, que me deu crenças, que me deu fé, e que tantas vezes me tem servido de esteio nas amargas incertezas da lucta pela existencia.

Que seria de mim, condemnado ao trabalho de todos os dias, como um rude jornaleiro, se não crêsse no

descanço eterno da alma em regiões que o espirito do Senhor ha de encher de paz, de misericordia, e de luz!

Foi ahi que com o meu primeiro fato de homemsinho, todo eu tremulo de commoção, de joelhos, a cabeça inclinada, uma linda toalha de rendas oscillando entre as mãos, recebi a primeira communhão n'um domingo do Bom Pastor, ao som alegre dos sinos, que repicavam em triumpho, e sob o olhar resplandecente da minha velha Joanna, que se sentia feliz por vêr que desde aquelle dia ficava ella morando de parceria com Deus dentro da minha alma...

Foi n'esse mesmo dia que eu, de pé sobre um estrado, fallei pela primeira vez em publico, recitando uma allocução que o Dom Prior havia escripto e que procurava gravar no espirito de nós todos a recordação do acto solemne que acabavamos de praticar.

«Meninos, dizia o Dom Prior, não olvideis jámais o dia em que Jesus Christo desceu até vós no mysterio redemptor da eucharistia».

Eu era ali, n'essa hora, como um *Bôca de oiro* inspirado, a Egreja Catholica Apostolica Romana fallava pela minha voz, que repetia as palavras do Dom Prior no meio de um silencio profundo, e todos os que me ouviam acreditavam no que eu lhes estava dizendo, de pé, sobre o estrado, com as faces frias de commoção, e o coração a bater como o de um passarinho tremulo.

A velha Joanna, que eu nunca perdera de vista, porque ella era o meu pharol n'essa arriscada navegação pelos mares da oratoria sagrada, chorava n'uma du-

pla exaltação de fé christã e de orgulho materno, porque, como uma segunda mãe, ella cria em Deus e depois de Deus na grandeza do meu destino...

E os sinos, com a sua vozinha penetrantemente estridula, alegremente aguda, repicavam em triumpho, enchendo de festivas tonalidades os largos campos de Cedofeita, ainda despovoados então.

Quando eu, terminada a cerimonia, entrei na sacristia, senti as mãos paternaes do Dom Prior descer n'uma caricia sobre a minha cabeça, e quiz-me parecer que uma corôa de louros pesaria tanto como ellas...

Ao mesmo tempo uma fria mão, muito tremula, procurava as minhas mãos, e eu reconhecia n'esse affago remunerador a terna amizade jubilosa da minha velha Joanna.

Á sahida do templo, meninas vestidas de branco, rapazinhos vestidos de preto, com as suas familias ao lado, apontavam-me na admiração de um triumpho, porque era pela minha voz que as suas almas tinham sabido fallar...

Depois, mais de uma vez, tornei a entrar n'este querido templosinho, meio rustico, meio urbano, encantador na simplicidade antiga da sua architectura, para acompanhar os cadaveres dos meus irmãos pequeninos á sua ultima morada, que ficava ali perto entre arvores tristes cheias de passaros alegres.

Ali deixei, entregue ao coveiro, a dôce Emilinha, minha irmã mais velha, tão linda na sua *toilette* de morte, azul e branca, como a Conceição Immaculada, que fazia pena saber que a vestiram com tanto esmero

para ir dormir debaixo da terra n'uma escuridão cheia de humidade e de vermes.

E enquanto eu olhava para essa flôr pallida, que a morte ceifára, como a pedir-lhe que nunca se esquecesse de que eu fôra a maior alegria das suas horas de soffrimento, os sinos repicavam em triumpho, como no dia da minha primeira communhão, e eu, de triste que estava, não podia entender a alegria dos sinos...

De anno em anno, pela Quaresma, eu ia confessar-me e commungar á nossa parochia, espreitando sempre, ao passar, através da porta de ferro para dentro do cemiterio, e o meu olhar era como uma pergunta carinhosa, que traduzia um pensamento delicado: «Pois não é verdade que Deus é muito teu amigo, Emilinha?»

E os passaros, cantando alegremente nas arvores tristes, respondiam talvez á minha pergunta...

Tinha eu vinte annos e voltei á egreja de Cedofeita sem esperar pela Quaresma. Era em julho, n'uma tarde clara e quente. Cheguei ao adro, onde já me esperavam alguns amigos, de casaca, gravata branca, — como eu.

De dentro da porta de ferro do cemiterio pareceu-me vir uma voz dôce como um gorgeio, que me dizia ao ouvido: «Meu querido irmão, sê tão feliz quanto eu t'o desejo».

Quando á porta do adro parou uma carruagem, todos se dirigiram para ella. Era a minha noiva que chegava. E, pouco depois, quando, sobrepostas as nossas mãos, o Cura nos abençoava, os sinos repicavam em triumpho como n'aquelle dia saudoso da minha primeira communhão.

Ah! coração ingrato! coração ingrato! não me lembrou d'essa vez que faltavam ali duas pessoas, que eu estava habituado a vêr sempre dentro d'aquella igreja: o velho Dom Prior de Cedofeita e a minha velha Joanna.

O Dom Prior estava paralytico, fizera-se substituir pelo cura, já não podia ir á igreja, passeiar na sua linda quinta do Priorado.

A minha velha Joanna ficára em casa, a fallar muito de mim, a recordar episodios da minha infancia, como se eu tivesse partido para uma longa viagem, e ella apenas me podesse tornar a vêr no espelho longinquo da saudade...

Ah! coração ingrato! coração ingrato! não me lembrei dos dois, n'esse dia, porque os meus olhos estavam cheios de uma só imagem, a minha noiva cegava-me como uma aurora.

Coração ingrato! coração ingrato!

E agora nós, os dois noivos d'aquelle dia, aqui estamos a resvalar para a velhice como n'um plano inclinado, em que, para demorar a queda, é preciso agarrarmo-nos aos ramos verdes que enfloram o declive, — o amor de nossos filhos.

A união das nossas almas foi como uma arvore plantada no pomar da Esperança e da Fé. Fé em Deus, Esperança no futuro. Tudo o mais era incerto, temerario, só o amor era forte. E assim como a arvore, se é abençoada, se cobre de ramos verdes e de flores em botão, da união das nossas almas nasceram almas virginaes, ramos verdes da côr da Esperança, que ainda nos alimentam a Fé, e enfloram caridosamente o res-

valo por onde a vida dos pais vai descendo á eterna paz da sepultura.

Foi n'essa querida egrejinha de Cedofeita, pequena e antiga, que a minha primeira filha recebeu, no Domingo da Rosa, a purificação do baptismo, e o nome de Nossa Senhora.

Sobre esse pequenino corpo, que vergava como um vime nas mãos do Cura, toda a pureza christã do Jordão parecia cahir n'um jorro de agua cheia de graça e de luz.

E os sinos repicavam n'uma alleluia triumphal, enchendo de alegria o adro, annunciando mais uma conquista da Fé, mais a posse de uma alma para a eterna legião dos crentes.

Querida egrejinha de Cedofeita, com o teu primitivo aspecto de vetusta simplicidade, com o teu pequenino adro sombreado de arvores, tendo, entre a casaria que hoje te acompanha, o ar meio bucolico de uma capella solitaria de aldeia, jámais posso esquecer-te, nunca poderás deixar de ser para mim uma recordação encantadora!

« O Real Hospital de Santo Antonio da Cordoaria é um edificio magestoso e imponente, que mesmo no estado incompleto em que ainda hoje está, é reputado um dos primeiros estabelecimentos d'este genero que possui o paiz; e se, um dia se terminar, será considerado como um dos primeiros da Europa ».

(O genio do mal).

ARNALDO GAMA.

« O hospital seria magestoso na propria Londres, e por magestoso de mais quiz a capital da Inglaterra, diz-se, acceitar o projecto de um hospital semelhante ».

(No Minho).

D. ANTONIO DA COSTA.

« Aqui tem mais adiante o hospital da Misericordia, edificio magnifico mas incompleto, com muito boas condições architectonicas, mas com pessimas condições hygienicas. É esta a sorte de quasi todos os edificios portuguezes: servirem para tudo menos para o destino que lhes é dado ».

(Contos e descripções).

_____ PINHEIRO CHAGAS.

É vasto, grandioso o hospital da Misericordia no Porto, posto se ache incompleto. Mas a sciencia moderna condemnaria a traça de um edificio que, destinando-se a hospital, fechasse em quadrado, com prejuizo da franca renovação do ar. É pois a hygiene de nossos dias o maior inimigo da conclusão do edificio tal como elle fôra primitivamente traçado.

Pinheiro Chagas adjectiva de pessimas as condições hygienicas do hospital. Ora é de notar que o edificio tem sido augmentado nos ultimos annos, de modo a permittir a desaccumulação de doentes; accrescendo a circumstancia de que, tendo a Escola Medico-Cirurgica passado a funcionar em edificio proprio, o hospital pôde alargar-se para a parte do edificio que a Escola occupava.

BOLSA DO COMMERCIO. — « A cidade do Porto foi dotada, muito mais tarde, com este importante melhoramento. Mas ficou bem compensada da tardança com a grandiosidade do seu edificio da Bolsa. A este respeito o Porto avanta-se muito a Lisboa. O seu palacio da Bolsa, que occupa todo o logar do antigo convento de S. Francisco e onde funciona tambem o tribunal do commercio, é digno, por sua vastidão, solidez de construcção, elegancia e nobreza de architectura, excellencia, formosura e riqueza de ornamentação de algumas de suas partes interiores, é digno, repito, não só da illustrada e opulenta corporação, que, por meio do tributo a que se sujeitou, tem levantado uma tão dispendiosa e perfeita obra, mas até de ornar e ennobrecer a capital de um grande estado ».

(Estudos historicos e archeologicos).

VILHENA BARBOSA.

« A Bolsa é edificio mais que sumptuoso. A sala grande chega a deslumbrar, com a sua galeria, em redor, assente sobre columnatas, com obra de talha admiravel, estuques finissimos, arrendados, arabescos, flores de caprichosa phantasia, e alumiado por vidros de côres ».

(No Minho).

D. ANTONIO DA COSTA.

Em verdade, a sala arabe da Bolsa, destinada ás grandes reuniões do corpo commercial, pôde denomi-

*

nar-se a Alhambra do Porto ; quando menos, um bello trecho do palacio mourisco de Granada.

PALACIO DE CRISTAL. — «Sahi do Porto ha mezes, deixando na Torre da Marca o esboço informe d'um edificio, umas campinas razas e estereis, e um monte de rocha viva, onde a custo se cravava o dente do alvião. Voltei, e uma noite fui visitar esse descampado, cujo unico merecimento era offerecer á vista o mais desaffogado e esplendido horisonte, que é possivel phantasiar-se. Esperava-me um feitiço, um prodigio da lampada de Aladino. Surgem-me aos pés uns jardins, avulta-me além um palacio illuminado, cujas portas abertas deixam entrever um mundo de maravilhas, e trsbordar em ondas de harmonia os sons graves e prolongados do orgão ».

(*Scenas e phantasias portuguezas*).

PINHEIRO CHAGAS.

O Palacio de Cristal foi inaugurado com a exposição internacional em 1865.

Presidiu ao acto solemne da inauguração el-rei D. Luiz.

Á noite houve espectáculo de gala no theatro de S. João, e o actor Taborda recitou uma poesia de Guilherme Braga. Vamos transcrever apenas o trecho em que o poeta fazia uma gloriosa referencia ao Porto :

Caminhar!... Caminhar!... — dizia aquella voz!...
Se todo o mundo a ouviu, tambem a ouvimos nós,
Tambem! E eil-o que surge, o bravo do Occidente,
O soldado da Cruz, impavido e valente!
Eil-o altivo despindo o arnez, para vestir
A blusa do trabalho, a estola do porvir!
Ha muito para elle a cota era um sudario...
Já guerreiro não é: já o vêdes operario!
Já lhe roxea a forja o vulto! Do thear
Já nas lides conjuga o verbo trabalhar!
Na praça onde se erguia a forca, ao novo alento,
Ou rebenta um theatro, ou surge um monumento!
Inda que velho e exausto, o bom trabalhador
Não pára, não descança. Extranham-lhe o vigor,
Mas não sabem talvez que brota d'uma ideia!
É que tambem aqui se escreve uma epopeia,
A epopeia da industria! É que tambem aqui
Se prepara uma festa, e a festa é para ti,
Ó povo, ó grande heroe, ó Deus da liberdade!
É que a Europa bateu ás portas da cidade,
Onde tu, meu irmão, tens um solio real...
E ella, a cidade eterna, a mãe de Portugal,
Sempre a todos abriu, excepto á tyrannia!

Já que tornamos a fallar d'este desventuroso poeta portuense, lembraremos de passagem algumas estrophes, tambem allusivas ao Porto, da magnífica poesia que recitou no theatro de S. João, na noite de 9 de julho de 1872, na presença d'el-rei D. Luiz e da rainha D. Maria Pia.

Andavam então no ar uns vagos receios de reacção ultramontana, assoprados, principalmente, pelo *chauvinismo* liberal do *Diario da Tarde*. A isso se refere o poeta.

Tu que em sangue mitigavas
 A sêde que te devora,
 Tu que tinhas por aurora
 A luz dos autos de fé,
 Milhafre do jesuitismo,
 Que pairas por sobre o Porto,
 Se julgas que elle está morto,
 Vens encontral-o de pé!

Querias vir acolher-te,
 Ave de sangue e rapina,
 D'estas muralhas em ruina
 Sob os inclitos brazões!
 Vai chumbar tuas algemas
 Aos debeis pulsos dos cafres!
 Não fazem ninho os milhafres
 Nas cavernas dos leões.

« Uma vez em visita aos monumentos do Porto tem um lugar de honra o *Palacio de Cristal*, não só por ser no seu genero o unico edificio que existe no paiz, como por demonstrar orgulhosamente a energica iniciativa dos cidadãos portuenses. Além d'estas duas qualidades, o Palacio tem para o *touriste* uma attracção especial: ahi, como em nenhuma outra parte, desenha-se nitidamente o mais sympathico perfil do Porto, este perfil que é sempre bom mostrar aos que nos visitam, para que lá fóra vão dizer bem da nossa individualidade ».

(O *Minho pittoresco*).

José AUGUSTO VIEIRA.

« Enfastiado de tantas digressões, já o leitor me está clamando: « E o Palacio de Cristal? »

« Aqui o temos, esse documento da energia e da vigorosa iniciativa da segunda cidade do reino. Quizera também dizer: e do bom gosto artistico de quem o construiu, se essas desgraciosas torrinhãs, que flanqueiam o edificio, me não desmentissem formalmente. Bem situado está elle; talvez em todo o reino se não encontrasse um pouto mais apropriado; e de certo que os seus irmãos primogenitos de Londres e de Pariz dariam uma boa porção dos seus esplendores em troca d'esta inexcedivel posição. Os jardins hão de formar um lindissimo passeio, a que nenhum outro se poderá equiparar, e que resgatará magnificamente a pasmosa insuficiencia do jardim de S. Lazaro, onde se atropella aos domingos a sociedade elegante do Porto.

« Os vidros de côres, collocados no fundo da sala grande do palacio, hão de dar aos visitantes um magnifico espectáculo, quando se incendiarem com os vividos fogos do sol meridional, e entornarem por todos os pontos do vasto salão uma chuva de rubins, topasios e de esmeraldas. A natureza preparou aquelle terreiro para uma festa da humanidade, e comprouve-se em agrupar ali todos os encantos, todas as magnificencias que podem lembrar ao homem, no orgulhoso delirio produzido pela vista das obras primas da sua industria, quanto ellas são pequenas e imperfeitas perante os esplendores das obras de Deus ».

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

« O edificio, porém, que me encheu as medidas, pela memoravel iniciativa dos que á Europa quizeram

mostrar que tomavamos quinhão nos progressos do mundo, foi o Palacio de Cristal.

« Entremos. Desafoguemos o espirito pela espaçosa náve do centro, visitemos as galerias, assentemo-nos na plateia do grande theatro popular, tiremos o chapéo na sala dos concertos aos nomes dos genios musicaes; percorramos depois os jardins, e assentemo-nos defronte do formosissimo panorama que do alto do *chalet* se desfructa. Lá está o oceano diante de nós, á nossa esquerda o Douro esverdeado, orlado de embarcações, e n'uma graciosa curva que beija a povoação da Afurada, indo entrar no mar aos pés da risonha Foz; a margem d'além, accidentada toda ella de verdura, e coroada de pinheiros; á direita, uma extensão de campinas e arvoredos, alternando-se as relvas e as casas de côres: quadro geral, a um tempo grandioso e engraçado.

« Revelam-nos estes e outros melhoramentos o genio empreehendedor do Porto, o arrojo da sua iniciativa e os brios da posição a que nobremente se elevou ».

(No Minho).

D. ANTONIO DA COSTA.

« . . . Circo — bazar — theatro — restaurante — gymnastico — pyrotechnico, chamado em linguagem enxaçôca *Palacio de Cristal* ».

(A bruca de Monte Cardova).

C. CASTELLO BRANCO.

O Palacio de Cristal tem sido, nos tempos modernos, a maior audacia perpetrada pelo Porto empreehendedor.

Não era essa uma empreza que podesse dar largos lucros, e não foi; mas era uma empreza para honrar a iniciativa do Porto, e honrou.

O edificio não tem a vitalisal-o o concurso de uma grande população, nem a affluencia de numerosos estrangeiros. Está muitas vezes deserto. E faz pena que o formosissimo panorama, que se abre em torno do Palacio, não possa ser admirado por todos os grandes paizagistas da Europa.

Muitas vezes, os lisboetas que visitavam no Porto o Palacio de Cristal e passejavam, durante os dias santos de junho, a sua polaina branca na vasta avenida e nos jardins que circumscrevem o Palacio, exclamavam entre surprehendidos e desgostosos:

— Se Lisboa tivesse isto!

E a verdade é que falta a Lisboa um passeio cheio de fascinações pittorescas como o do Palacio de Cristal, com um bello horisonte de rio e mar, de arvoredo e casaria.

Achando-me no Porto o anno passado pelo tempo do verão, eu muitas vezes estranhei que durante a semana a população portuense abandonasse á sua propria belleza aquelle sitio delicioso, onde um só homeni era certo todas as tardes: o dr. Alexandre Braga, poeta que despedaçou a lira para repartir o seu tempo entre o tribunal de S. João Novo e o Palacio de Cristal.

Por maior que seja o respeito devido pelos seus conterraneos a um homem tão distincto como o dr. Alexandre Braga, pareceu-me todavia demasiada homenagem o facto de lhe alienarem o Palacio de Cristal du-

rante toda a semana para seu gozo proprio exclusivo, permittindo-se apenas os portuenses a ousadia de visitarem o Palacio de Cristal aos domingos, — um pouco timidamente, como quem tem a consciencia de invadir uma propriedade alheia.

De feito, o senhor feudal do Palacio de Cristal era, ainda o anno passado, pelo verão, o dr. Alexandre Braga.

Em presença d'estes factos, que eu proprio observei, cheguei a formular, com relação ao Palacio de Cristal, o seguinte proverbio: «Se os portuenses soubessem, e os lisboetas tivessem. . . »

Luctando com a falta de publico, o Palacio de Cristal do Porto tem precisado variar, sem escolha de genero, o repertorio das suas diversões. A isso se refere Camillo. Mas nunca será essa uma empreza florescente. Desconfio que o barracão dos Dallot, na feira de S. Miguel, realisa muito maiores lucros com muito menor despeza.

«Aqui ao pé a airosa torre dos Clerigos, e a sua igreja, uma das melhores do Porto, talvez uma das poucas, onde se vêem marmares. Nas que tenho visto, ha muito oiro e muita cal».

(Contos e descrições).

PINHEIRO CHAGAS.

Garrett, n'uma nota á *D. Branca*, chama elegante á torre dos Clerigos. Elegante é, apesar de muito alta.

«A que cemiterio me hei de encaminhar? Ao da Lapa não, que tem ares de uma salla de baile onde dançam os cadaveres a horas mortas da noute!»

(*Viagem ao Minho*).

GOMES D'AMORIM.

Dos cemiterios privativos de irmandades, é o da Lapa certamente o mais importante, não só pela sua vastidão (são, a bem dizer, dois os cemiterios), como também pela abundancia de mausoleos, e ainda pela immortalidade gloriosa de alguns dos seus mortos: Silva Porto, Soares de Passos, Camillo Castello Branco jazem ali.

«O Porto tem dois cemiterios publicos, o *Prado do Repouso*, e o cemiterio de *Agramonte*. O primeiro é grande, cortado de ruas espaçosas, orladas de buxo, e arvores, n'uma boa exposição em logar alto e desatfrontado, a cavalleiro do Douro.

.....
«O segundo é mais moderno, e menos importante.

.....
«*Cemiterio dos inglezes*. — É um frondoso bosque, cortado de largas ruas, com a capella no centro».

(*As cidades e villas da monarchia portugueza*, vol. II).

VILHENA BARBOSA.

Ha trinta annos que Vilhena Barbosa publicou este livro.

Era então verdade que as familias abastadas tinham

certa repugnancia em fazer conduzir os seus finados ao cemiterio publico do Prado do Repouso ; preferiam os das confrarias e irmandades. Vilhena Barbosa notou isto, e com razão. Mas o tempo modificou os costumes, e o cemiterio do Prado começou a povoar-se de magnificos mausoleus.

O de Agramonte, que em 1860 era moderno, e menos importante, está hoje accumulado de sepulturas e jazigos. A cidade cresceu sobre o poente, a população adensou-se, e fornece, no bairro occidental, grande numero de cadaveres, todos os annos, ao cemiterio de Agramonte.

XI

Os bairros da cidade — Seu aspecto geral — Vida do Porto — O Porto e a estatua de Garrett — O clima — As camelias — Vinho do Porto — A pronuncia dos portuenses — Conventos de Monchique, de Santa Clara e da Ave Maria — Bateria da Victoria — Uma lenda — O nariz dos portuenses — O Porto politico.

« Esta nossa cidade — seja dito para aquellas pessoas que porventura a conhecerem menos — divide-se naturalmente em tres regiões, distinctas por physionomias particulares.

« A região oriental, a central e a occidental.

« O bairro central é o portuense propriamente dito; o oriental, o brasileiro; o occidental, o inglez.

« No primeiro predomina a loja, o balcão, o escritorio, a casa de muitas janellas e extensas varandas; as crueldades architectonicas, a que se sujeitam velhos casarões com o intento de os modernisar, o saguão, a viella independente das posturas municipaes, e á absoluta disposição dos moradores das vizinhanças; a rua estreita, muito vigiada de policia; as ruas, em cujas es-

quinas estacionam gallegos armados de pau e corda e os cadeirinhas com o capote classico; as ruas ameçadas de procissões, e as mais propensas a lama; aquellas onde mais se compra e vende; onde mais se trabalha de dia, onde mais se dorme de noite. Ha ainda n'este bairro muitos ares do velho burgo do Bispo, não obstante as apparencias modernas, que revestiu.

« O bairro oriental é principalmente brasileiro, por mais procurado pelos capitalistas que recolhem da America. Predominam n'este umas enormes moles graniticas, a que chamam palacetes; o portal largo, as paredes de azulejo — azul, verde ou amarello, liso ou de relevo; o telhado de beira azul; as varandas azues e douradas; os jardins, cuja planta se descreve com termos geometricos e se mede a compasso e escala, adornados de estatuetas de louça, representando as quatro estações; portões de ferro, com o nome do proprietario e a era da edificação em letras tambem douradas; abunda a casa com janellas gothicas e portas rectangulares, e a de janellas rectangulares e portas gothicas; alguma com ameias; o mirante chinez. As ruas são mais sujeitas á poeira. Pelas janellas quasi sempre algum capitalista ocioso.

« O bairro occidental é o inglez, por ser especialmente o *habitat* d'estes nossos hospedes. Predomina a casa pintada de verde escuro, de rôxo terra, de côr de café, de cinzento, de preto . . . até de preto! — Architectura despretenciosa, mas elegante; janellas rectangulares; o peitoril mais usado do que a saccada. — Já uma manifestação de um viver mais recolhido, mais intimo, porque

o peitoril tem muito menos de indiscreto do que a saccada. Algumas casas ao fundo dos jardins; jardins assombrados de acacias, tílias e magnolias e cortados de avenidas tortuosas; as portas da rua sempre fechadas. Chaminés fumegando quasi constantemente. Persianas e transparentes de fazerem desesperar curiosidades. Ninguém pelas janellas. Nas ruas encontra-se com frequencia uma ingleza de cachos e um bando de creanças de cabellos louros e babeiros brancos.

«Taes são nos seus principaes caracteres as tres regiões do Porto; sendo desnecessario acrescentar que n'esta, como em qualquer outra classificação, nada ha de absoluto. Desenhando o typo especifico, nem se estabelecem demarcações bem definidas, nem se recusa admittir algumas, e até numerosas excepções, hoje mais numerosas ainda do que então, em 1855 ».

(*Familia ingleza*).

JULIO DINIZ.

Entre todas as novellas de *Julio Diniz* (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) é na *Familia ingleza* que, principalmente, se encontram aspectos, descripções da vida do Porto. Nos outros romances, estudos conscienciosos, ás vezes atémeticulosos, dos costumes da provincia, só de longe a longe, e de fugida, quasi sempre por comparação, se nos deparam algumas referencias á vida, a usos, costumes e crenças do Porto.

Uma das mais amplas descripções da *Familia ingleza* é a que photographa as phisionomias que se encontram, habitualmente, na rua dos Inglezes, a praça, sempre movimentada, do commercio portuense.

Ponte do Lima é lima,
Vianna é um limão,
O Porto é um ramalhete,
Braga um manjaricão.

Não sei que me quer o Porto,
Que tanto chama por mim?
Hei de ir morar para lá,
Para a rua do Bomfim.

Não ha terra como a minha,
Nem um logar como o meu,
Nem cidade como o Porto,
Nem Sé como a de Vizeu.

(*Cantigas populares*).

A cidade do Porto é a grande attracção dos habitantes das provincias do norte.

No cancionero minhoto, o Porto figura sempre como
uma terra d'onde se trazem recordações inextinguíveis:

Adeus, cidade do Porto,
Lá me ficou o meu lenço
Atadinho pelas pontas,
Cheio de lágrimas dentro.

Quando te disse adeus, Porto,
Do alto do Carvalhido,
Já tu podias saber
Que me vinhas no sentido.

É lá, no grande mercado do norte, que os finos
amantes vão comprar os mais delicados mimos de amor:

Adeus, cidade do Porto,
Lá me ficou uma libra
Para comprar duas prendas
Para a minha rapariga.

« — Esteve no Porto? É uma bonita cidade, não é?

« — É muito interessante. A gente de dia faz horas
para se deitar ao escurecer. Não ha nada melhor. Come-
se e dorme-se com a mais perfeita tranquillidade de es-

pirito. E na semana santa vêem-se mulheres, quando passam as procissões ».

(A filha do arcediogo).

C. CASTELLO BRANCO.

E vós, já conheceis a patria augusta
Do nobre Egas Moniz?
Aqui nasceu ; nasceu tambem Garrett,
O inspirado cantor, o egregio vate!
— Ufano d'estas glorias ergue o Porto
Guerreira, alta cerviz!

(Poesias).

A. PINHEIRO CALDAS.

« No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antonios Josés coevos para idearem um monumento a Garrett!... Não se fez o monumento ; mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é que passe além ».

(A filha do arcediogo).

C. CASTELLO BRANCO.

Curioso estrangeiro, aqui chegado,
Pelas ruas corria, esbaforido,
C'um oculo d'alcance, o mais comprido,
Constantemente aos olhos applicado ;

E, sendo por alguém interrogado,
Contra os jornaes bradava, enfurecido.
O tempo lamentando, aqui perdido,
Por ter em taes papeis acreditado!

Depois de exame longo e o mais profundo,
Da praça até ao bêco mais nojento,
Foi-se o homem, do Porto, furibundo!

E julgaes que era louco o seu intento?
Que ambicionava coisas do outro mundo?
Pois buscava ao Garrett o monumento!

(*Poesias*).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Em verdade, custa a crêr como o Porto, tão severo nas suas contas, não tenha ainda pago uma divida de honra a Garrett. Deve-lhe uma estatua ha muitos annos, porque elle foi, seguramente, o mais brilhante portuense d'este seculo.

« Não obstante porém esta bellissima temperatura d'ar, que se respira, ella (a cidade do Porto) é algumas vezes opprimida do dominio da humidade principalmente quando lhe falta o referido vento léste; e por esta causa as enfermidades mais predominantes são as

*

de *langor*, que se alliviam, e desaparecem, logo que este vento domina, e ha tempo sêcco ».

*(Descripção topographica, e historica
da cidade do Porto).*

PADRE AGOSTINHO REBELLO DA COSTA.

Os nevoeiros, que frequentemente toucam a cidade, são a causa das affecções do apparelho respiratorio, vulgares no Porto. Se não fosse a humidade atmospherica, a perfidia da neblina, o Porto, pela sua bella posição topographica, seria uma cidade capaz de dar e vender saude. Mas o que seria dos boticarios, dos medicos e dos cangalheiros portuenses se não fosse a praga do nevoeiro?

« ... as japoneiras erguiam-se no jardim, ao nosso lado mesmo, magnificas, prestigiosas, scintillantes, carregadas de camelias vermelhas, raiadas, brancas, — camelias como nunca as teve aquella infeliz heroína do drama e da novella, que d'ellas tirou a triste celebridade do seu nome, talvez porque a sua delicadeza nervosa lhe não permittisse o perfume de nenhuma flôr!...

« Por entre as japoneiras, — e deixem que eu lhes conte que as camelias no Porto brotam em arvores mais

altas e robustas que laranjeiras! — andava uma rapariga, etc. ».

(*Scenas da minha terra*).

JULIO CESAR MACHADO.

O lisboeta, que paga um tostão, e ás vezes mais, por uma camelia, fica sempre encantado com a belleza e abundancia das camelias no Porto.

As japoneiras attingem, nos jardins portuenses, um aspecto verdadeiramente arboreo, que ás vezes sóbe á altura de um primeiro andar.

Deve, por força, ser originaria do Porto esta quadra popular :

Que lindo botão de rosa
Aquella roseira tem!
De baixo ninguem lhe chega,
A cima não vai ninguem!

É aquelle um torrão fadado para a cultura das camelias. Mas como Deus dá as nozes a quem não tem dentes, Alexandre Dumas Filho, imitando o exemplo de Deus, teve razão para não fazer nascer no Porto a *Dama das camelias*.

« A maior parte da beberagem que hoje se negocia sob o nome de vinho do Porto, não é susceptivel de envelhecer. Como os relogios baratos, tem apenas equili-

brio para dois ou tres annos. É preciso bebel-o emquanto elle regula, isto é, immediatamente depois de prompto, como a sopa. Se o fazem esperar, por pouco que seja, elle embaça e transtorna-se. Mais alguns annos de experiencia, — o tempo preciso para os colleccionadores de garrafeiras começarem a provar como velhos os vinhos presentemente novos — e hão de ver que ninguem mais quererá vinho da vespera, e que os negociantes terão de o mandar pelas portas, fresco do proprio dia, precisamente como o pão ».

(As *Farpas*, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

É um trecho humorístico, que indirectamente parece querer celebrar a antiguidade gloriosa de certas garrafeiras do Porto. Mas o *Porto* moderno, apesar de algumas contrafacções, não está tão desacreditado nos mercados da Europa que a estatística accuse ruínosa decadencia.

Ahi vai um exemplo — com algarismos:

No mez de julho de 1893, exportaram-se pela barra do Douro 3.541:152,88 litros de vinho, no valor de 637:585\$000 reis, que pagaram de direitos 9:177\$208 reis.

Em igual periodo do anno anterior exportaram-se 3.660:505,67 litros, no valor de reis 615:382\$000 reis, que pagaram de direitos 9:014\$225 reis. Houve apenas uma differença, contra o anno de 1893, de 119:352,79 litros.

Destinos	Exportação		Diferenças
	em 1893		em 1893
	Litros		Litros
Allemanha.....	83:526,47	—	53:079,26
Belgica.....	12:038,59	—	452,30
Chili.....	—	—	1:335,60
Confederação Argentina.....	8:222,00	+	8:222,00
Dinamarca.....	31:611,79	—	7:070,73
Estados-Unidos.....	27:356,86	+	20:380,82
Brazil.....	2.105:492,17	+	48:306,21
França.....	10:730,26	—	2:506,76
Hespanha.....	—	—	66,78
Hollanda.....	40:478,88	+	25:514,48
Inglaterra.....	1.006:602,07	—	182:315,04
Italia.....	—	—	400,68
Provincias portuguezas d' Africa... .	20:357,00	—	5:849,80
Russia.....	91:918,22	+	25:141,34
Suecia e Noruega.....	5:832,07	+	5:272,83
Republica do Uruguay.....	6:797,50	+	697,59
Não mencionados.....	189,00	+	189,00
Total...	<u>3.541:152,88</u>	—	<u>119:352,79</u>

Se uma bella dama vejo
 Em bicos de pés a andar,
 Outra não perdendo o ensejo
 D'um — v—por—b — encaixar...

(Poesias).

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

« Um pequeno, ruivo, sardento, de olhos azues, apre-
 goa o *Jornal da Minhaum* ».

(As Farpas, tom. 1).

RAMALHO ORTIGÃO.

Escrevendo sobre a *Linguagem vulgar do Porto*, na *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro*, diz J. Leite de Vasconcellos, pessoa omnisciente: « Ao archaico *om*, ao moderno *om*, e ás vezes (por confusão) ao moderno *ão*, quando tonicos, corresponde *óum*, etc. »

E não costumando Leite de Vasconcellos abonar-se senão com auctoridades estrangeiras, cita d'esta vez, em seu reforço, Barbosa Leão.

Ora a verdade é que na linguagem vulgar do Porto o *ão* é pronunciado como *om* e não como *óum*; nas classes inferiores, esta prosodia é habitual.

Se é certo que o povo do Porto costuma dizer *Minhidum*, *Câmpanhidum* etc., não é igualmente certo que diga *paixóum* quando vicia a pronuncia de *paixão*.

Nem seria preciso deitar a livraria abaixo para fazer crêr que o *om* portuense é a antiga desinencia de *tabaliom*, *vendiçom*, etc., em que a população do Porto e toda a de Entre-Douro-e-Minho ficou estacionaria. O *óum* em vez de *om* resulta de uma falsa audição de Leite de Vasconcellos, que, querendo ouvir tudo ao mesmo tempo, ouve mal.

Na sua faina de saber tudo e explicar tudo, Leite de Vasconcellos crê que o verbo *inundear* foi uma fôrma privativa do poeta Guilherme Braga, empregada nas *Heras e violetas*.

Mas — e isto não descobriu elle! — nas *Erratas ás Heras e violetas*, ultima pagina do livro, lê-se que por erro typographico sahiu, na pagina 107, *inundea* por *incendeia*.

Se todas as outras observações de Leite de Vascon-

cellos forem tão conscienciosas, era uma vez um sabio! . . .

« O edificio do extincto convento da Madre Deus de Monchique tem nobre aspecto na fachada principal, que olha para o sul. Das suas janellas desfrutam-se lindos panoramas do rio Douro e suas apraziveis margens. Interiormente achava-se muito arruinado quando se vendeu e não encerrava coisa alguma, que mereça mencionar-se ».

(*Estudos historicos e archeologicos*).

VILHENA BARBOSA.

No *Amor de perdição*, de Camillo, é do mirante do convento de Monchique que Thereza envia o ultimo adeus, n'um aceno de lenço branco, ao infeliz Simão Botelho, que ia descendo o Douro na nau dos degredados.

« Distinctamente Simão viu um rosto e uns braços suspensos das réxas de ferro; mas não era de Thereza aquelle rosto; seria antes um cadaver que subiu da claustra ao mirante, com os ossos da cara inçados ainda das herpes da sepultura ».

Em 1861 chorava a gente ao lêr o *Amor de perdição*, e ficava querendo aos logares que elle memorava. Á conta de Thereza, olhei muita vez para o mirante do convento de Monchique, e julguei vê-la lá. Depois rodaram annos, os romancistas escacaram os velhos moldes da novella sentimental, nasceram romances que, Deus louvado! já não fazem chorar a gente. . . nem rir tambem.

« Junto da Porta do Sol o convento de Santa Clara, tão celebre pelos seus pasteis, quanto o d'Odivellas pela marmellada; porque isto de fazer dôces é uma occupação ascetica, que me fez sempre ter uma alta idéa da poesia dos mosteiros, e que me tem mostrado em beatificas visões as esposas de Christo em torno das fornalhas a calcularem o peso do assucar! »

(Contos e descripções).

PINHEIRO CHAGAS.

As freiras de Santa Clara
Andam n'uma roda viva:
Umás no côro de baixo,
Outras no côro de cima.

(Cantiga popular).

Nem só pelos pasteis se afamaram as freiras de Santa Clara. Tambem pelos manjares brancos que fabricavam, e que se vendiam nas ruas a dez reis cada um. E ainda pelo esgazeamento, que a trova celebra, e que lhes alegrava a vida no corropio de côro para côro.

« As dependencias do mosteiro (da *Ave Maria*; vulgarmente *Freiras de S. Bento*) são grandes, mas sem grandeza; a igreja de uma só nave é florida como os oradores do seculo XVIII, que tinham a particularidade de pré-garem duas horas seguidas, sem que, por acaso,

da floresta das estações — verdadeira *selva oscura* — das concordancias biblicas, e commentarios dos Santos Padres, ligado tudo por encadeados retorcidos de phrases gongoricas, luzisse uma idéa sequer.

« Em volta da crasta, sem primores architectonicos, sem aformoseamentos de jardins, e apenas com uma fonte ao centro, onde hoje se lavam os taboleiros do dôce, e as gaiolas de dezenas de papagaios, que habitam as cellas das meninas do côro, ha em baixo, no pavimento terreo, o antigo refeitório, de ha muitos annos abandonado, escuro e humido, a capella dos mortos, outras de menos importancia e um oratorio dedicado á Santissima Trindade, a cujo respeito se conserva no mosteiro uma lenda muito parecida com a que acompanha a conversão de Santo Agostinho.

« Passeiava na praia o douto manicheu, quando o distrahiu da sua concentração philosophica a insistencia com que uma creança andava trazendo agua nas conchas das mãos e a vinha vasar n'uma cova, que préviamente fizera. Agostinho, admirado da pertinacia do rapazito que, emquanto chegava com uma gotta d'agua, via se sumira a que tinha trazido, perguntou-lhe o que estava fazendo.

« — Quero vasar o mar para esta cova!

« — Pois não vês que isso é impossivel?

« — Mais impossivel será tu comprehenderes o mysterio da Santissima Trindade, em que andas pensando!

« E dizendo isto desapareceu ».

(*Frades e freiras*).

LINO D'ASSUMPTÃO.

Mal diria eu, ao abrir o volume *Frades e freiras*, que encontraria lá dentro esse pequenino espelho de algibeira, em que o espirito folga de mirar-se, como certos homens, cuidadosos do seu phisico, gostam de vê-se a cada momento n'esses outros espelhinhos redondos que trazem sempre comsigo.

Quando a gente principia a ter alguns cabellos brancos vai tomando maior amor ao passado, que é o melhor tempo da vida, — a mocidade, a alegria, a saude, que não voltam mais.

E então a saudade de nós mesmos transforma-se n'um como pequeno espelho de algibeira, que a cada momento consultamos com o *gosto amargo* de Garrett, gosto de recordar horas felizes da vida, amargura de para sempre as termos perdido.

O meu amigo Lino d'Assumpção sabe isto muito bem, por experiencia propria, porque é dos da minha geração, já tem cabellos brancos, já vai perdendo aquella saudavel alegria, que o tornava um homem feliz a despeito de todas as contrariedades da existencia.

Quando li o capitulo relativo ao convento da Ave Maria, do Porto, achei-me deante do espelho da saudade, e vi esfumar-se ao longe um dos dias mais ditosos da minha infancia, aquelle que passei n'esse convento, andando de cella em cella... a comer dôce.

Dá Deus as nozes a quem não tem dentes. N'aquella idade tanto me valia atravessar um convento como estar rodeado de nozes sem ter dentes. O que eu menos vi foram as seculares e as *encostadas*, e o que eu mais

apreciei foram os cartuchos de rebuçados com que ellas me atafalharam as mãos e as algibeiras.

Annos depois tinha eu os dentes, mas faltavam-me as nozes. Fui a um abbadessado, n'aquelle mesmo convento, com Guilherme Braga e Sousa Viterbo, mas não passei da *grade*, como todos os outros.

Esteve ali recolhida, durante longos annos, uma parenta minha, rapariga alegre, de uma phisionomia verdadeiramente meridional, que a tornava uma mulher insinuante.

Era muito mais velha do que eu e nascera de uma familia de ricos negociantes de vinho em Villa Nova de Gaia.

Como a sua familia empobrecesse, em virtude de uma fallencia, minha prima tivera o bom senso de recolher-se ao convento da Ave Maria, onde lhe era permittido viver honestamente com poucos meios. As suas criadas faziam dôce, em que ella propria negociava.

O melhor dôce do Porto, n'aquelle tempo, era o que se fabricava nos dois conventos de S. Bento e de Santa Clara. Os *sonhos* de S. Bento tinham grande fama, e os pasteis e manjares brancos de Santa Clara não tinham rival.

Meu pai era o medico assistente de minha prima, e de outras seculares. Para lhe serem agradaveis, disseram-lhe um dia que me levasse lá.

Fui. Entrei ao lado de meu pai, com a differença de que me pozeram ás costas meia duzia de achas de pinho. Era um sophisma á regra de S. Bento, que só

permittia a entrada, além dos medicos, a quem fosse em serviço da comunidade.

Riram muito as freiras e seculares de me vêr, qual menino Isaac, carregado de lenha. Mas, em vez de um sacrificio, esperava-me um alegrão. Não ardi, não ardi de modo nenhum, parece incrível! Se a infancia soubesse!... Aos nove annos de idade é-se incombustivel. Mas passei um dia regalado a receber beijos, rebuçados, e *bibelots*. Andei de cella em cella, levado em triumpho, a vêr imagens de santos e a recolher presentes.

Deu-me muito no goto a capella dos *Meninos*, que eu levaria para casa se podesse. « Era, diz Lino d'Assumpção, destinada especialmente ao culto do *Menino Jesus*, cujas imagens abundam de todos os tamanhos pelos altares e nichos desde o *Menino* rechonchudo do presepio, de mãos estendidas e perninha no ar, até outros maiores, mas não menos gordinhos, vestidos de grande gala, em attitude de quem lança uma benção pontifical ».

Quando cheguei a esta pagina do livro de Lino d'Assumpção, foi como se tornasse a vêr a capella, e tornasse a passar, a viver aquelle delicioso dia da minha infancia.

Gostei immenso de me vêr ao espelhinho...

Annos depois, já *com dentes*, arrastei a aza a uma das seculares recolhidas no convento da Ave Maria. Mas entre os dentes e as nozes estava uma grade. N'uma noite de abbadessado, paguei com generosidade, em versos, todos os rebuçados e os beijos que me haviam dado quando eu era pequeno.

E á meia noite, quando o abbadessado acabou, vieram á portaria as seculares despedir os seus convidados. Escaldava de febre a mão que eu apertei mais demoradamente. Era a tísica, que principiava a sua obra de devastação. Mezes depois morria no convento a secular que n'essa noite inspirára todos os meus versos.

Como a gente envelhece! e como é triste ir envelhecendo!

« Paremos agora; estamos na Victoria.

« Que admiravel panorama! O que dá ao Porto um aspecto inexcedivelmente pittoresco é a situação original das collinas, em que está construido, que se levantam logo da beira do Douro, e ficam empinadas sem transição alguma, inundadas de casaria, que parece afferrar-se á rocha, para evitar o despenhar-se.

« Lá em baixo o magnifico edificio da Bolsa; além a Sé erguida desassombradamente n'um pincaro, e arrojando ao céu as suas duas torres; um pouco mais abaixo, o Paço do Bispo, e no fundo os interminaveis e deliciosos meandros do rio, que a cada instante nos estão preparando surpresas que nos arrancam gritos de admiração ».

(Contos e descrições).

PINHEIRO CHAGAS.

Pinheiro Chagas refere-se á antiga bateria da Victoria, hoje romantizada em jardim particular.

Fiquei pobresinho, fiquei sem chimeras,
Tal qual Pedro-Sem,
Que teve fragatas, que teve galeras,
Que teve e não tem...

(Só).

ANTONIO NOBRE.

É uma lenda portuense, a do Pedro Sem, que se diz ter sido um negociante estrangeiro, de appellido Pedróssem. Era riquissimo, e quer o povo que tivesse no seu palacio uma alta torre, d'onde observava os seus navios que entravam e saham a barra.

Não possuia menos de uma centena de galeras. Chamavam-lhe por isso *Pedro Cem*.

Repellente de orgulho, o povo chegou a aborrecel-o. E quando successivos desastres maritimos o empobreceram, o povo, na sua eterna justiça, ficou-lhe chamando *Pedro Sem*.

Na minha infancia, o drama mais popular no Porto era o *Pedro Sem*, que Julio Cesar Machado classificou como « um inferno de gritaria, patadas, apostrophes e assassínios ». Tudo isso, e mais alguma coisa. O banqueiro arruinado passava em scena coberto de andrajos, implorando a caridade publica, de chapéo na mão :

Dai esmola a Pedro Sem,
Que já teve e agora não tem.

Diz o povo que a torre da casa dos Terenas é um vestigio sobrevivente do palacio de *Pedro Cem*. A len-

da está por estudar n'este e n'outros episodios. O que é certo é que ali perto, em Villar, tinham os Pedrossens propriedades. Ainda no seculo passado, segundo o testemunho do padre Rebello, Vicente *Pedrossem* possuia uma das tres quintas de Villar.

Porto, nariz torto.

(*Adagio popular*).

A meu vêr este adagio não significa que os portuenses sejam pessoas de mau humor e agreste trato; mas quererá porventura dizer que são *senhores do seu nariz*, naturalmente altivos de seus direitos e prerogativas.

Antes torto
Que do Porto.

(*Adagio popular*).

Tenho ouvido este adagio em Lisboa a pessoas de condição inferior. Não sei se estarão convencidas do que dizem. A consoante pôde muito n'este, e outros casos. É a consoante que obriga a *que seja branca a formiga*. É ainda a consonancia que obriga a que a palavra *Porto* suscite a rima *torto*, como sendo uma que logo lembra.

O Porto clama :
Constituição.
Toda a nação
Prompto a jurou.

*(Hymno constitucional do
Porto: 1820).*

Esta promptidão é... cantiga. A junta provisional do Porto proclamou e tornou a proclamar. Só quasi um mez depois de installada a junta, é que o movimento constitucional do Porto teve êcco em Lisboa. O regimento de infantaria 16 deu o signal de alarme, no Rocio, na tarde de 15 de setembro. No outro dia ficava constituído na capital o governo interino.

Ó Braga fiel,
Ó Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A Constituição.

Ó Braga fiel,
Ó Porto ladrão,
Que foste a causa
Da rebellião.

Ó Braga fiel, ó Porto ladrão,
Que tens consentido a Constituição.
Por vossa causa temos soffrido,
Temos soffrido tal perdição.

Estes *malhados* do Porto
Realistas querem ser;
Descoseram as casacas
Para as tornar a coser.

Os *malhadinhos* do Porto
Realistas querem ser;
Querem virar a casaca,
Não a sabem descoser.

Lá no alto de Vallongo
Uma velha apregoou:
« Quem quizer comprar, eu vendo
Os c. do *Rei-chegou* ».

Quando D. Miguel partiu
De Vallongo para a Areosa,
Não sei que roseira foi
Que deu tão linda rosa.

Batalhão de Mangualde,
Regimento 24,
Lá em Souto-Redondo
Aos *malhados* deram sapapo.

(*Cantigas populares*).

O conselheiro Felix Pereira de Magalhães, n'um livro já hoje raro no mercado, dá esta rapida mas viva noticia do combate de Souto Redondo:

« Tal era o estado em que se achava a cidade quando

*

n'ella entrou o imperador e as tropas que regressavam de Ponte Ferreira, por se ter retirado para Vallongo e Penafiel o general inimigo com as suas tropas; foi então que se verificou a falsidade do atterrador boato, e de que se haviam retirado de Villa Nova as tropas do general Povoas pela estrada de Grijó para tomar nova posição em Souto Redondo, onde foi atacado por uma divisão que sahiu do Porto commandada pelo conde de Villa Flôr.

«No principio d'este combate a victoria favoreceu a divisão libertadora; afinal tornou-se em deploravel des- troço, em consequencia da traição, covardia, ou qual- quer outra coisa, de um capitão de caçadores, que man- dando tocar a retirar, os combatentes suspeitando que estavam cortados retiraram em desordenada debandada, perseguidos pelo inimigo que aprisionou muitos, e ex- terminaria todos os fugitivos, se lhe não embargasse o passo o regimento de infantaria n.º 10, que retirando-se em boa ordem, se defendia e ao mesmo tempo protegia os debandados ».

Os *tripeirinhos* do Porto
Já não podem comer pão:
Comem papas de farello
Adubadas com sabão.

(*Cantiga popular*).

Esta quadra allude á fome que soffreram os por- tuenses durante o tempo que o cêrco durou. A carestia era tamanha, que uma gallinha, que até ahí valia ordina-

riamente 300 reis, passou a custar 5\$700 reis, e era raro apparecer quem a quizesse vender por esse preço. O arratel da carne de vacca, que estava a 60 reis, subiu a 720 reis. A quadra allude aos farellos, como sendo o unico alimento barato. Pois não era assim. O alqueire de farello regulava por 7\$600 reis, e, antes do cerco, a 300 reis.

O imperador, quando em julho de 1834 visitou, com a rainha, o Porto, como se por um presentimento de morte proxima quizesse ir levar-lhe o seu eterno adeus, recordou, n'uma proclamação dirigida aos portuenses, o muito que elle pessoalmente devia áquella cidade.

N'um dos periodos d'essa proclamação dizia D. Pedro IV :

« Eu me felicito a mim mesmo por me vêr no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos portuenses, d'aquelles a quem devo, pelos auxilios que me prestaram, durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que, honrado, deixarei em herança a meus filhos. Eu muito folgo de vos vêr gozar da prosperidade, da paz, e da liberdade, e de vos poder assegurar, bem como a todos os portuguezes, que enquanto eu tiver vida, defenderei por todos os modos a rainha, e a carta constitucional da monarchia ».

Certo dia lá no Porto,
Nobre Duque da Terceira,
Apesar de ser macaco,
Cahi na ratoeira.

Eu hei de ir ao Porto
 Vêr o Duque da Terceira
 As carantonhas que faz
 Dentro da ratoeira.

A junta do Porto
 Prometteu auxiliar
 O partido setembrista,
 Se a victoria ganhar.

(*Cantigas populares de 1846*).

As duas primeiras quadras alludem á prisão do duque da Terceira, realisada pelos *patulêas* do Porto em 9 de outubro de 1846.

A ultima quadra allude á Junta Provisoria, que então se instituiu no Porto, e que era composta dos cidadãos Justino Ferreira Pinto Basto, Francisco de Paula Lobo d'Avila, Antonio Luiz de Seabra (visconde de Seabra), José da Silva Passos, Sebastião d'Almeida e Brito, e conde das Antas.

Logo que chegou ao Porto,
 Luizinha,
 Nobre duque da Terceira ;
 Ora agora, agora,
 Luizinha, agora ;
 Dá volta e vira,
 Vamo-nos embora ;

Apesar de ser macaco,
Luizinha,
Lá cahiu na ratoeira.
Ora agora, agora,
Luizinha, agora,
Dá volta e vira,
Vamo-nos embora.

O Saldanha entrou no Porto
Ao toque de assemblea,
Com uma espada na mão
P'ra dar fim á *patulea*.

(*Cantigas populares de 1840*).

FIM DO « PORTO NA BERLINDA »

MEMORIAS DE UMA FAMILIA PORTUENSE

... não ficou coisa passada
que me não fosse presente.

CHRISTOVAM FALCÃO — *Écloga.*

Estas poucas paginas, onde archivei, n'uma hora de melancolia, recordações da minha propria familia, não serão de todo descabidas n'um livro que se occupa do Porto.

Os logares de que fallo, as paixões politicas a que fugitivamente alludo, n'uma palavra, as linhas geraes de um quadro de costumes, que representam uma época, vivem na memoria das gerações portuenses, embora os vultos humanos, que povoam a téla, apenas sejam conhecidos do espirito saudoso do pintor que a traçou.

I

« Depois de se passar a aldeia de Leandre — diz o auctor do *Minho pittoresco* fallando do concelho da Maia — avista-se para a esquerda a freguezia de Silva Escura, ou melhor um como vasto mar de pinheiral, onde a onde parecem fluctuar, como navios singrando nas ondas verde-escuras, uma ou outra aldeia ou capellinha, uma ou outra casa de lavrador abastado ou de brasileiro em descanso ».

Das janellas da residencia parochial de Silva Escura todo o horisonte que os olhos podem alcançar está cerrado pela faixa sombria dos pinheiros, tão bastos que plenamente justificam o nome posto á freguezia: *Silva Escura*.

Parece que uma eterna noite de tristeza cae, n'aquella aldeia, sobre a terra envolvendo-a na mancha negra, espessa do pinheiral. É preciso, durante o dia, levantar

os olhos ao céu para ter a sensação da luz e da alegria da atmospherá, doirada no alto pelo sol.

Tanto pelo seu aspecto, como pela sua significação, o pinheiro exerce sobre o espirito do homem uma suggestão vagamente melancolica. No aspecto é funebre como o cipreste e o abéto. Lá diz Plinio: «*Picea feralis arbor et funebri indicio ad postes posita*». Na significação é igualmente funebre, porque o pinheiro, explica frei Isidoro Barreira, cortado uma vez não cresce, nem reverdece mais. Imagem da morte, cuja foice produz uma destruição eterna, irreparavel.

Foi rodeado d'esse basto circulo de pinheiros, que fecham o horisonte de Silva Escura, que meu avô paterno, Fernando Antonio de Sousa Pimentel, viveu a maior parte da sua vida, segregando-se voluntariamente á convivencia e ao ruido da sociedade.

Tinha-se graduado bacharel em direito na Universidade de Coimbra n'uma época em que as grandes commoções politicas, que abalaram o fim do seculo passado, faziam estremecer o mundo. Bastará lembrar que se matriculou no primeiro anno juridico em outubro de 1790, quando a Revolução Franceza explodia já as suas lavas candentes. Tinha n'essa época dezeseis annos apenas ¹, estava na idade em que a emotividade do homem vibra mais sensível ao sopro tempestuoso das paixões. Era intelligente, discreto e applicado, o que fazia com que procurasse conhecer e ponderar todas as complica-

¹ Nasceu a 21 de janeiro de 1774.

das ramificações, todas as complexas consequencias dos graves acontecimentos que a França desenrolava, n'esse momento historico, aos olhos da Europa attonita.

Os que eram então moços poderiam dizer, com verdade, que viram desabar um mundo, e surgir outro.

Dos antigos ideaes politicos apenas ficaram rescaldando nos escombros uns tepidos vestigios, que a breve trecho se apagaram: era tudo o que restava d'esse velho mundo, que a theocracia dos reis absorvera. O que não ficou desfeito com o seculo XVIII acabou de ruir trinta annos depois. A Liberdade, conduzida pela mão do constitucionalismo, como em França, ou pelo espirito de independencia como na Grecia e na Belgica, ou por um e outro guia como em Portugal, que de um só golpe procurou libertar-se da influencia ingleza e do absolutismo, a Liberdade fazia a sua entrada definitiva no mundo, embora tivesse de exigir um tributo de sangue aos vencidos e aos vencedores: na França a guilhotina decepava a cabeça de Luiz XVI, um vencido; em Portugal, Gomes Freire d'Andrade e os outros conjurados de 1817 pagavam com a vida a victoria dos seus ideaes revolucionarios, que se não faria esperar muito.

Meu avô assistira, pois, a um dos mais sanguinolentos dramas historicos, que têm assombrado a Europa.

As impressões d'essa época de terror deviam ter-lhe ficado profundamente gravadas na alma de adolescente.

Tanto mais que a sua infancia fôra embalada pelas recentes tradições gloriosas do cazarismo em Portugal, creára-se a ouvir fallar do grande ministro que fizera temida a corôa real na cabeça de D. José, um cesar

moderno, que succedera a outro cesar, e comtudo meu avô vira levantar-se em França, desde a convocação dos Tres Estados, a nuvem sinistra, que foi crescendo, alastrando, e que acabou por envolver e offuscar o prestigio da realeza, humilhada na pessoa e na familia de Luiz Capeto.

Mas, como se este peculio de fortes, de vivas recordações não bastasse a encher-lhe a alma, um drama de amor, tão ardente como infeliz, viera dar á sua existencia uma definitiva orientação, que elle inalteravelmente seguiu, fugindo ao mundo, evitando a convivencia, isolando-se na concentração melancolica do seu proprio espirito.

A mulher amada com essa intensidade febril de sentimento de que só são capazes os corações em plena florescencia, quando a mocidade os retempera, morrera prematuramente, como a bonina cortada antes de tempo, na phrase delicada do poeta. Entre o tumulto que se abria e o coração que a saudade despedaçava, fluctuava na onda incerta do destino o berço d'uma creança.

Meu avô tomára desde esse momento uma resolução energica, inabalavel. Não houve conselhos de amigos, solicitações de familia que o demovessem. Formado n'um e n'outro direito, estava habilitado a tomar ordens de prompto. Tomou-as. Fez-se padre rapidamente, com uma determinação de animo, que assombrou parentes e amigos. Só ficára preso ao mundo, desde esse dia, pelos laços de amor que o interessavam na educação de meu pai. E, reconhecido geralmente o seu me-

recimento litterario, não tardou o despacho para a abbadia de Silva Escura, a pequena distancia do Porto.

Mas, longe ou perto, o que elle procurava era a solidão. Encontrou-a dentro d'esse como circulo de basto pinheiral, que fecha o horizonte de Silva Escura. D'ali não queria tornar a sahir, vivo ou morto. E não sahiu ¹.

Se as recordações da felicidade perdida e extincta perseguiam, na solidão do presbiterio, a alma do levita, quero crêr que meu avô, cuja illustração era copiosa, mais de uma vez havia de lembrar-se de que uma canção popular da Rumania celebra a morte de dois amantes metamorphoseados, no mesmo cemiterio, um em pinheiro, outro em vinha, eternamente abraçados n'um idillio de saudade inextinguivel.

Mas essas recordações eram intimas, secretas, se o perseguiam. Aos que lhe lastimavam o viver solitario entre pinheiraes, rodeiado de uma vegetação melancolica, que devia entristecer os olhos e a alma, respondia meu avô, sorrindo, que o pinheiro era, segundo a lenda christã, uma arvore bemfazeja e abençoada.

Accrescentava ter lido ou ouvido contar, não sabia bem, que no tempo em que a Sagrada Familia fugira

¹ «No dia dezeseis de março de mil oitocentos cincoenta e tres, falleceu da vida presente com todos os sacramentos o reverendo Doutor Fernando Antonio de Sousa Pimentel, abbade collado d'esta freguezia de Silva Escura e vigario da vara do terceiro districto da Maia; seu corpo foi enterrado na Igreja com as honras proprias do seu estado». (Certidão de obito passada em 1891 pelo abbade Luciano Monteiro de Araujo).

para o Egipto os tremoaes tinham a altura de arvores corpulentas, tão corpulentas pelo menos como o pinheiro. Um tremoçal egoista recusou-se a dar sombra aos pobres fugitivos, encolhendo os ramos que podiam offercer-lhes protecção e descanso, pelo que foi condemnado a rastejar como planta humilde; mas o pinheiro, amorosamente, distendeu os ramos para dar melhor abrigo á Sacra Familia, que lhe remunerou esta piedosa acção abençoando-o.

Assim, sob color de religiosa simpathia pelas arvores que o rodeiavam, disfarçava meu avô o seu firme proposito de preferir a companhia das arvores á dos homens, e o doloroso mobil que o havia arrastado para o fundo de uma aldeia solitaria.

II

Em 1832, meu avô, com os seus cincoenta e oito annos carregados de tristes memorias, esperava tranquillamente a noite eterna da morte na abbadia de Silva Escura. O paiz ardia em agitação politica. D. Pedro reunia na Ilha Terceira a esquadra equipada pelos liberaes, e por estrangeiros mercenarios, inglezes sobretudo. O exercito de D. Miguel occupava a cidade do Porto, esperando os acontecimentos, com o apoio da opinião, porque a cidade era n'essa hora tão miguelista como todo o resto do paiz.

Das irmãs de meu avô, aquellas que não estavam no convento viviam na nossa casa de familia, na rua da Sovella, um casarão antigo, com o feitio de um ferro de engommar, terminando em bico sobre o cõrte da rua das Oliveiras. Chamava-se a *sala do bico* aquella que, no segundo andar, rematava o predio. Era a sala do la-

*

bor, bem illuminada por quatro janellas, abertas nas suas tres faces.

Estou a vêl-a, essa nossa grande casa da Sovella, de que já não restam vestigios.

Nas salas do segundo andar, principalmente, predominava a feição do mobiliario antigo: cadeiras de coiro e de pau preto, quadros a oleo, um bello espelho muito alto. Nos quadros, os assumptos eram biblicos. Vinha de longe, na minha familia, a fé religiosa, que chegava até ao fanatismo. Não se conhecia outra educação n'aquelle tempo, em que deixar de jejuar seria um peccado insanavel. Havia entre os nossos quadros, que aliás não eram muitos, uma Nossa Senhora da Conceição, pintada por mão de mestre. Tinha um olhar tão penetrante, tão doce, mas tão dominador, que parecia seguir, do alto da parede, os passos de todas as pessoas, acompanhal-as com a vista. Outro quadro representava Jesus, Maria, José. Havia tambem um S. João Baptista adormecido, cheio de galante abandono.

Mas, entre o mobiliario religioso, deixem-me dizer assim, o *santuário*, que ainda sobrevive, era a peça rica da casa. Todo de talha doirada, ladeado por elegantes columnas, onde se enroscavam, em grosso relevo, cachos de uvas pendentes entre folhagens de oiro, conservava um brilho, uma nitidez, que resplandecia. Muitas reliquias, pedacinhos do Santo Lenho, ossinhos de santos, *agnus-dei* em miniatura, cravados dentro da talha e resguardados por pequenos vidros circulares, augmentavam o valor estimativo do santuario.

As tres solemnes figuras do Calvario, a Mãe Doloro-

sa, Magdalena e o Evangelista, dominadas pela cruz onde Christo agonisava, com o corpo retalhado de chagas e o branco rosto inclinado á Mãe, n'uma ternura dolorosa de martir moribundo, occupavam o fundo do oratorio.

Formando uma especie de pavimento inferior, o presepe: Jesus deitado nas palhas, em Bethlem, — o primeiro acto do grande drama do christianismo.

E aos lados, no rebordo dos plinthos, nas cavidades do entalhamento doirado, imagens de santos, uma côrte celeste, fazendo apotheose a Jesus recém-nascido e a Jesus moribundo.

Cortinas de seda vermelha velavam a vidraça do santuario. E uma lampada, accesa de noite e de dia, pendia do tecto, pondo na vidraça uma ardentia que palpitava como a luz phosphorecente do mar.

Nos lutos de familia, nas duras tribulações domesticas e nas occasiões de algum jubilo inesperado ou anciosamente esperado, era diante do santuario, abertas de par em par as cortinas de seda vermelha, que todos ajoelhavam de mãos postas, rezando em côro.

Em dezembro, pelo Natal, fazia-se a novena do Menino Deus, entoando versos, quadrinhas devotas, que convidavam amoravelmente o Messias a vir remir os peccados do mundo.

Ó Infante suavissimo,
Vinde, vinde já ao mundo,
Tirar-nos do captivoiro
D'aquelle abismo profundo.

Na vespera do Natal, começava a festa do Menino Jesus... e a minha. Vinha do sotão esconso, que corria sobre todo o segundo andar do predio, o presepe, do tamanho de uma caixa de chá. Era eu que o desempoa-va, era eu que desencaixotava as figuras de barro, guardadas de anno para anno n'um colchão de algodão em rama; era eu que as montava nos seus respectivos logares sobre a montanha de cortiça musgosa, os pastores descendo com as offerendas, os cavallos dos reis magos alinhados a um de fundo; era eu que por minha propria mão collocava a Sagrada Familia na lapinha de Bethlem, o Menino sobre as palhinhas frescas, Nossa Senhora a um lado, S. José a outro e, como unica *entourage* do Homem-Deus n'essa noite solemne, a carinhosa vacca, que com o seu halito acalentava meigamente o recém-nascido, e o burro adormecido n'uma indifferença mazomba.

Era eu que armava o altar, que dispunha os castiçaes de prata e as jarras com flores, que dizia a *missa do gallo*, que prégava o sermão da Natividade, e que comia, esfalfado de tanto trabalho, a maior pratada de *ovos mexidos* e a melhor *rabanada* molhada em mel.

No dia de Anno Bom era eu que cantava as *janeiras* á porta do quarto de meu pae, d'onde não havia forças que me arrancassem sem ter apanhado um pataco.

Tinha a nossa casa da Sovella um vasto quintal murado, com lindas flores, tão abundantes no Porto, roseiras do Japão do tamanho de um homem, com verdejantes umbellas de alecrim, alto e redondo, com bastos canteiros de lilazes e cravos, com arvores corpulentas,

entre as quaes avultava, pela singularidade do aspecto, um pinheiro do norte, que teve sempre um ramo amarello, sêco, no meio da sua côma verde e sadia.

Em 1832 não havia creanças na casa da Sovella, as irmãs de meu avô viviam ali reclusas e inquietas pelas noticias que da proxima chegada de D. Pedro se espalhavam na cidade.

Na noite de 7 de julho, tinha o sino da Sé tocado a recolher, ouviu-se de repente o rufar dos tambores pelas ruas: era o signal de alarme.

Abriram-se todas as janellas, os visinhos perguntavam uns aos outros que má noticia era aquella, o que significava aquelle estranho rufar de tambores.

— A esquadra teria chegado?

— Já estaria á vista?

E como as ruins novas se espalham depressa, logo constou que o telegrapho miguelista de Villar tinha dado signal da apparição da esquadra.

Ah! Foi uma hora de terror aquella! um *sauve qui peut!* uma debandada geral.

Quem pôde, fugiu. O bispo, os desembargadores da Relação, os membros da Companhia dos Vinhos, levando os seus melhores haveres, deram o exemplo.

Minhas tias, tremendo de medo, acautelaram n'um falso do sotão as melhores pratas da casa, as melhores louças, os mais importantes valores, fecharam a porta da rua e fugiram para a abbadia de Silva Escura, cançadas do caminho, espavoridas, tropeçando nas pedras da estrada, que a escuridão da noite tornava medonha.

Durante esse doloroso exodo, foram ouvindo vozes, avisos sinistros.

— Que D. Pedro trazia um horror de navios, que a esquadra estava fundeada em Villa do Conde, que se ia acabar o mundo no Porto com uma guerra de irmãos...

As pobres senhoras acreditavam tudo quanto ouviam e estugavam o passo, fugindo, n'uma precipitação offegante, anciada, tendo medo das sombras do caminho e do piar agourento do mocho nos pinheiraes cerrados.

Aquella hora sabia-se no quartel-general que ás sete da tarde a esquadra de D. Pedro estava fundeada em frente de Villa do Conde.

Toda a noite se passou em preparativos militares. O visconde de Santa Martha dera ordem para que, ao romper da manhã, a terceira brigada da sua divisão, sob o commando do brigadeiro José Cardoso de Menezes, marchasse sobre Villa do Conde, e se conservasse ao sul d'esta villa.

Ao amanhecer, a brigada partiu, effectivamente.

O proprio Santa Martha, com o regimento de milicias de Braga, e uns setenta cavallos do regimento de Chaves, marchou para as praias do Lavra.

Officiaes e soldados iam animados do melhor espirito militar, promptos a combater pela sua causa, convencidos da victoria.

O tempo estava magnifico, soprava uma leve viração do norte. O mar plano, macio.

A esquadra, pairando a pequena distancia de terra, compunha-se de quarenta transportes. Na fragata *Rainha de Portugal* fluctuava a bandeira almirante, e na

galera *Juno* o pavilhão real. Era ahi que vinha D. Pedro.

Logo pela manhã os constitucionaes tinham feito um reconhecimento da costa. Fôra encarregado d'esse serviço o primeiro tenente de engenharia Mousinho de Albuquerque, que apresentou a D. Pedro um relatório sobre o local em que lhe parecia melhor effectuar o desembarque. Esse local era a praia da Arenosa.

O povo acudia em chusma para vêr a esquadra. Parecia uma romaria! disse-me o velho João da Nova, o patriarcha dos maritimos da Povoá.

De parte a parte, os belligerantes julgavam facil o triumpho. D. Pedro illudiu-se, julgou que o aspecto da esquadra bastaria a impôr respeito aos adversarios. Mandou um escaler a terra, com um official, que trazia na mão um rolo de papel. Era um manifesto de D. Pedro, e uma proclamação convidando o inimigo a unir-se á expedição. E o official era o major de engenharia Bernardo de Sá Nogueira, mais tarde marquez de Sá da Bandeira.

O escaler, chegando a terra, arvorou os remos. O parlamentarario desembarcou.

N'esse momento o povo não poude conter a sua curiosidade. Correu para junto do brigadeiro José Cardoso, que estava na praia rodeado de officiaes.

— Trago uma embaixada do imperador D. Pedro iv, disse Sá Nogueira aproximando-se do grupo.

— Que embaixada 'é? perguntou com rispida secura José Cardoso.

— Pergunta Sua Magestade se consentem no desembarque do seu exercito.

— Emquanto eu tiver uma espada na mão combatarei por Sua Magestade o Senhor D. Miguel I.

N'este momento a multidão rompeu em apupos ao parlamentar. Ouviram-se gritos ameaçadores de « Viva D. Miguel I, rei absoluto ».

— Eu sou um parlamentar, disse com serena firmeza Sá Nogueira.

— E eu não o reconheço como tal, replicou José Cardoso. O meu desejo era responder-lhe com a espada.

— Se quer satisfazer os seus desejos, aqui estou, respondeu Sá Nogueira, voltando as costas, e dirigindo-se para o escaler, com o rolo de papeis na mão.

N'este momento, novos apupos, novos vivas a D. Miguel I estrugiram no ar.

O escaler atracou á galera *Juno* levando a resposta do brigadeiro José Cardoso. Decorreram algumas horas de viva e profunda anciedade. A multidão dos espectadores na praia augmentava a cada momento. Era um formigueiro de gente, que demandava os pontos mais elevados da costa.

As duas da tarde, os transportes da esquadra fizeram um movimento, collocaram-se pelo lado do mar; os navios de guerra, as escunas principalmente, avançaram para terra, avantajando-se a todos o brigade *Conde de Villa Flor*.

Tinha chegado o momento decisivo.

N'isto, dois soldados de cavallaria, a galope, vieram entregar um officio de Santa Martha a José Cardoso. Todo o povo julgou, disse-me o velho João da Nova, que era ordem para se oppôr ao desembarque.

José Cardoso leu o officio rapidamente, e, mostrando-se excitado, chamou todos os officiaes que estavam a pequena distancia, fallou-lhes com vivacidade, gesticulando muito.

Santa Martha ordenava que José Cardoso retirasse sobre Amarante.

— Que não ! opinavam todos os officiaes. Que já andavam ha longo tempo fóra de suas casas, que era preciso decidir, que queriam combater o inimigo.

José Cardoso respondeu a lapis laconicamente: « Que á brigada repugnava retirar na presença do inimigo ».

Entretanto o brigue *Conde de Villa Flor* aproximava-se muito de terra, era o primeiro a desembarcar gente.

José Cardoso observava, mordendo o beijo, raioso.

Não se fez esperar muito a resposta de Santa Martha, que estava junto a Lessa.

Ordem terminante para retirar, era a sua.

Os officiaes, desesperados, queriam quebrar as espadas, levantou-se borborinho entre elles. José Cardoso procurava serenal-os, aconselhar-lhes obediencia, disciplina. A brigada, no meio de um silencio funebre, retirou, marchando lentamente, de má vontade. O povo assistia a tudo isto sem comprehender nada do que se passava.

O velho João da Nova, testemunha presencial de todos estes acontecimentos, dizia-me outro dia na Povoá:

— Foi o visconde de Santa Martha, que perdeu D. Miguel.

Que secretas razões teve Santa Martha para proceder assim?

O que elle proprio diz, n'um officio dirigido a Aires Pinto de Sousa, é que tinha instrucções do governo para que, sendo atacado por forças superiores, se fosse retirando sobre a segunda divisão.

Os constitucionaes desembarcaram, sem opposição, e tomaram posições de modo a impedir a junção de José Cardoso com Santa Martha.

Ás seis horas da tarde desembarcou D. Pedro, que se dirigiu a Perafita, e d'ali ordenou um movimento de flanco sobre Pedras Ruivas, ameaçando Santa Martha pela direita.

A tarde principiava a declinar quando Santa Martha levantava o acampamento em direcção ao Porto. Marchou de afogadilho, açodado pelos atiradores de D. Pedro. Á meia noite chegou á cidade, e deu ordem ao brigadeiro Thiago para recolher todos os postos e guardas, e fazer sahir as bagagens e reservas para Villa Nova. Ao romper da manhã, Santa Martha estava na margem esquerda do Douro, tendo cortado a ponte a machado logo que a transpoz.

D. Pedro creou alento e bom humor com o magnifico exito do desembarque, porque não só o realisára facilmente, debaixo da protecção da artilheria dos navios, que se tinham collocado á distancia de um tiro de espingarda, mas tambem porque cortára a linha do inimigo, e obrigára a brigada de José Cardoso a fazer um rodeio de oito ou nove leguas para ganhar a margem esquerda do Douro e reunir-se a Santa Martha.

Effectivamente, só no dia 12 é que José Cardoso, depois de ter passado o Douro em Melres, conseguiu juntar-se a Santha Martha em Oliveira de Azemeis.

D. Pedro, nas Pedras Ruivas, entrou n'uma taverna e perguntou o que havia para comer.

— Peixe de tres F. F. F., respondeu o locandeiro, querendo mostrar-se jovial com uma visita, que não deixava de ser inquietadora.

— O que vem a ser isso?, perguntou o imperador.

— São fanecas, frescas e fritas.

D. Pedro sorriu-se para os seus ajudantes de campo, e comeu com voracidade.

Acabada a refeição, levantou-se e disse:

— Pois fica sendo agora de quatro F. F. F. F. o seu peixe.

— Meu senhor?

— Fanecas frescas, fritas e fiadas. Não trago dinheiro.

O taverneiro sorriu decerto com muito menos vontade do que aquella com que D. Pedro lhe havia comido as fanecas.

Diz o auctor do *Minho pittoresco* que o imperador pernolitára nas Pedras Ruivas em casa do lavrador Andrade. Póde ser que ahi tomasse algum descanso, mas o marquez de Palmella, n'um officio a Luiz Antonio d'Abreu e Lima, depois conde da Carreira, affirma que a marcha começou ás nove horas da noite, em duas columnas, *guiando o imperador em pessoa a da esquerda, e andando voluntariamente a maior parte do caminho a pé.*

Às nove horas da manhã do dia 9 entravam no Porto, pela rua de Cedofeita, os primeiros batalhões constitucionaes. Em algumas janellas estavam senhoras. Mas a verdade é que as tropas da expedição foram recebidas com doloroso sobresalto.

Os adversarios concentravam o seu odio; os liberaes, em muito menor numero, lastimavam a temeridade do imperador, que se aventurava com um pequeno exercito contra o forte exercito de D. Miguel.

Ao meio dia entrou D. Pedro, tambem por Cedofeita. Os seus olhos muito vivos, brilhando n'um rosto moreno que o clima dos tropicos acobreára, observavam a attitude reservada do Porto. D. Pedro parecia desalentado.

A minha velha Joanna, miguelista exaltada e corajosa, poz o seu chaile e foi para as escadas dos Clerigos vêr passar os sete mil e quinhentos.

— Vinham derreados, esfrangalhados — dizia-me ella muitas vezes. Não podiam com uma gata pelo rabo, acrescentava na sua linguagem pittorescamente plebéa.

Pois ali estive de plantão a n'esse tempo linda Joanna, desde as nove horas, quando as primeiras tropas chegaram, até que o imperador, depois de se ter demorado algum tempo nos Paços do Concelho, subiu os Clerigos em direcção ao palacio dos Carrancas, onde se aposentou.

D. Pedro estava, finalmente, no Porto. A tragedia do cêrco ia começar.

Os constitucionaes esforçavam-se por estimular o espirito publico em proveito da sua causa. A cidade estava

quieta, mas desconfiada. A 12 de outubro, anniversario natalicio do impêrador, os expedicionarios promoveram illuminações e fogos de artificio.

N'essa noite, os realistas mandaram-lhes, de Villa Nova, um valente graniso de bombas, granadas e balas como « presente de annos ». Causaram ferimentos, mortes e incendios.

Uma das bombas foi cahir sobre o telhado da nossa casa da Sovella. Pegou fogo no sotão. Acudiram alguns visinhos pondo escadas ás janellas, porque a porta estava fechada e o predio abandonado.

O incendio descobriu a existencia de um falso, onde todos os valores de familia, as pratas principalmente, tinham ficado escondidos.

O fogo poude ser dominado, mas as pratas desappareceram. Apenas ficaram algumas loiças antigas da India, coisa pouca, em relação ao que havia.

Desde essa noite o bombardeamento tornou-se activo, e a 28 de outubro com tanta valentia e insistencia visava ao palacio dos Carrancas, que D. Pedro teve de transferir-se para a casa dos Farias na rua de Cedofeita.

Chegou a Silva Escura noticia de que uma bomba tinha pegado fogo na casa da Sovella. Minhas tias não se mexeram, tamanho era o desgosto e o receio em que viviam. Mas não suspeitaram que, por causa do incendio, estivessem roubadas.

Quando o cêrco acabou e voltaram ao Porto apenas encontraram o lugar onde estiveram as pratas que tinham deixado escondidas no falso do sotão. Via-se, pe-

las largas fendas do telhado, que ficára queimado e roto, o céu azul. Tudo o que de bom havia na casa da Sovella desaparecera: apenas ficaram as mesas, as cadeiras e os quadros, por menos portateis.

Muitas vezes, olhando para os magníficos predios que um nosso visinho, pobre até então, construira depois do cêrco, ouvi dizer a pessoas da minha familia:

— As nossas pratas!... as nossas pratas!... no que ellas se converteram!

De resto, os inglezes ao serviço de D. Pedro haviam dado ao Porto lições de rapinagem: foram elles que roubaram alguns conventos da cidade, o de Santo Antonio da Porta de Carros, por exemplo.

Era eu rapazote do liceu, quando meu pai, forçado por um crédor, teve de vender a casa da rua da Sovella.

Sentimos com isso um profundissimo desgosto. Parecia-nos que ninguem podia ter mais direitos sobre aquelle predio do que nós, que lá haviamos nascidos todos.

Um rico negociante dos Clerigos, já hoje fallecido, comprou a casa. Mandou-lhe logo fazer grandes obras, de que o predio em verdade precisava, porque estava muito velho. Nós ficamos como inquilinos, agarrados áquellas paredes, que não poderiamos facilmente abandonar. Um dia o novo proprietario foi vêr as obras. Entrou de chapéo na cabeça, e assim se conservou. Ficamos espantados e indignados: era a primeira vez que viamos alguem de chapéo na cabeça dentro da *nossa* casa.

Tudo isto soffremos por amor d'ella. Todos tínhamos sido educados no apego ás tradições de familia, de que a *casa*, o tecto paterno, era o templo. Hoje um espirito de cosmopolitismo inconstante faz-se sentir até no viver intimo das familias, que se desaggregam facilmente, e que espalham as suas tradições, as suas memorias por bairros e predios differentes.

N'aquelle tempo o principio de educação era este: que uma pessoa pertencia á sua familia, e que uma familia pertencia á sua terra. A primeira vez que dois casados se separavam, era quando um d'elles partia para o cemiterio. Pessoas nascidas no Porto, nunca tinham ido á Foz para dar um passeio. Só havia uma excepção á regra geral da unidade tradicional das familias: era a separação por amor do convento. Se Deus chamava uma alma, attraíndo-a, essa alma partia contente para o seio de Deus, quer o seio de Deus fosse o convento, sepultura da vida, ou a morte, a clausura eterna.

Mas chegou um dia em que a renda da casa pesou tanto sobre o nosso orçamento de familia, que não houve remedio senão dizer adeus a esse querido tecto sob o qual tão felizes tínhamos vivido outr'ora, e fugir-lhe com os olhos cheios de lagrimas e o coração cheio de saudade.

Sucedeu-nos, como inquilino do predio, primeiro um director de collegio, depois um dono de *hotel*. Parecia-nos una irreverencia e uma usurpação aquillo, — que olhos extranhos podessem contemplar as paredes e as pedras que nós estávamos habituados a vêr desde pequenos.

E assim como o marinheiro invalido vai, nas horas de mais funda nostalgia, namorar solitario, do alto das ribas, o mar que já lhe não pertence, sempre algum de nós passando de longe, furtivamente, acariciava com o olhar saudoso e torturado esse antigo predio, de que haviamos sido expulsos pelo destino cruel.

Mas essa amargura intima, de que teriamos pejo se alguem pudesse adivinhal-a, durou, felizmente, pouco tempo. A camara municipal do Porto teve a abençoada ideia de ampliar a abertura da rua da Sovella, desde muitos annos chismada em rua dos Martires da Liberdade. Fallou-se n'isso, e todo o nosso receio estava em que a camara abandonasse o projecto, tanto elle satisfazia o nosso terno egoismo.

Um dia, porém, a questão resolveu-se, o predio foi expropriado. E nós sentimos com essa derrocada, que não prejudicava ninguem, uma grande, uma enorme consolação. Era certo que tivemos de abandonar a nossa antiga casa de familia, mas tambem ninguem mais, nunca mais, gozaria do privilegio que nós haviamos perdido. Ninguem mais! nunca mais!

III

Quando eu era pequeno ouvia, em minha casa, falar muito de Vairão, um dos mais grados e opulentos conventos de freiras no norte do paiz.

Uma tia direita de meu pai professára ali, e não sei ao certo, mas tenho d'isso uma vaga idéa, se chegára a ser abbadessa. Creio que sim. Não vale muito a pena tirar a limpo este caso. O que não padece duvida é que uma das irmãs do abbade de Silva Escura vestira n'aquelle convento o habito benedictino, e que, amortalhada n'elle, passára a vida e entrou na sepultura.

Foi principalmente esta remota memoria de familia, que me levou a visitar agora Vairão, de que tanto ouvira fallar em creança, e que nunca tinha visto.

Outras memorias, que no meu espirito acudiam a revestir de um certo interesse tradicional o convento de Vairão, como por exemplo o casamento romanesco do

♦

vernaculissimo cantor da *Primavera* e dos *Ciumes do bardo* com uma secular que ali estivera recolhida, — historia que esse immortal traductor de Virgilio largamente desdobrou na *Chave do enigma*, — poderam me commigo, para estimular-me a curiosidade, do que o facto de n'aquella casa de religiosas benedictinas ter estado, e morrido, uma pessoa da minha familia.

Quando os primeiros cabellos brancos apparecem, como guarda avançada do inverno da vida, compraz-se a gente em reunir as memorias dispersas d'aquelles cujos appellidos herdamos e que, na successão do tempo, hão de integrar commosco essa ordinariamente longa serie de pessoas, que tiveram um tronco commum, e cuja unidade collectiva constitue — *uma familia*.

É essa a idade propria para encelleirar saudades e recordações, como o outono é a época do anno marcada pela natureza para colhêr os pomos sazoados.

Ha, n'essa phase da vida e n'essa estação do anno, um fundo commum de tristeza, que intimamente as relaciona. São dois outonos, que se assemelham. No dos campos, amarellecem, despégam-se as folhas que foram outr'ora verdes, ricas de seiva, e amadurecem os fructos, que são a recompensa do trabalho annual. No da vida humana, desfolham-se as esperanças, que a phantasia alimentou, e colhem-se, recolhem-se as saudades, que são o prazer da velhice proxima, o gosto da vida gasta, retribuição providencial dos annos que se passaram trabalhando e aprendendo na dura experiencia do mundo.

Fui levado a Vairão por essa força docemente sug-

gestiva que vem das memorias de familia, embora, como agora acontecia, não chegassemos a conhecer as pessoas que nol-as inspiram.

Como a maior parte de suas irmãs, destinadas á vida conventual, minha tia, freira em Vairão, não tivera decerto biographia.

Entrára no convento por livre impulso da vontade, aspirando unicamente á pureza de costumes, que abre a porta do céu ás exaltações misticas da fé. Não houve n'esse passo, aliás tradicional nos registos de familia, um romance de amor desventurado, um d'esses dramas intimos em que o coração, ferido pela adversidade, que a imaginação juvenil avoluma, procura no seio de Deus a paz e a resignação.

Nada d'isso. Minha tia recolheu-se a Vairão com a espontaneidade de uma alma boa, que se impõe um sacrificio sem merecel-o. Buscou o convento por ser, segundo as suas crenças religiosas, a ante-camara do céu, que a avisinhava de Deus.

E mondando a trança dos seus cabellos negros, e toucando-se monasticamente com o véo de benedictina, sentiu fechar-se sobre si, com animo forte, a portaria do convento, sem olhar para traz, e sem dar uma lagrima ao mundo, que não a havia tentado.

Não releva n'este lance o romanesco que dramatiza a vida de algumas freiras, infelicitadas pelo amor, mal correspondido ou contrariado. Menos ainda lhe dá vulto uma falsa contricção, que a breve trecho se desbragasse em libertinagens clandestinas, como as que tristemente immortalisaram a *religiosa de Beja*.

Tudo se passou de um modo simples, com uma ingenuidade impecavel. Minha tia, sem conhecer o mundo, que voluntariamente abandonou, entrou em Vairão, e n'esse dia acabou para o mundo. Antes de morrer, sepultou-se. E sou eu agora, muitos annos depois, que lhe escrevo o epitaphio tão modesto como breve.

A estrada de Villa do Conde a Vairão é um d'esses trechos de paizagem, que são vulgarissimos no Minho. A natureza desata-se em prodigalidades de vegetação, que entontecem como uma embriaguez de panteismo. A terra narra a gloria de Deus não menos eloquentemente do que o céo.

Sucedem-se, alternam-se, confundem-se vastos campos cultivados, onde a bandeira doirada empluma a canna do milho; algumas plantações novas de eucaliptos perfilam-se á beira da estrada como em continencia a quem passa; pinheiraes, que a luz da tarde toca de um colorido suave e morno e que o occaso não tardará a empastar sobre a purpura do poente, immobilisam-se n'uma serenidade de umbellas fixas e abertas, franjadas de agulhas verdes cadentes; casas garridas, com que o dinheiro do Brazil aristocratisou n'uma pompa provincial na povoações insignificantes, cortam, de longe a longe, a sequencia dos muros que a madresilva e a hera principalmente revestem até meia altura das pedras toscas, esbeçadas em buracos e fendas caprichosas; parreiraes sonoros, cheios da musica dos passaros, alegam o ar e o silencio dos predios contiguos e fechados; tavernas solitarias, a cuja porta zumbem as moscas, e creanças engorduradas remexem na terra, esbatem-se n'um inte-

rior de balcão escuro, onde canecas de louça e copos de vidro destacam n'um fundo de penumbra cerrada; á beira de uma povoação, que a torre da igreja parece agrupar como um rebanho em torno do zagalejo, canta uma serra fendendo um tóro de pinheiro e enfarinhando de moinha amarella o chapéo do serrador que, sobre o leito da estrada, auxilia outro, encavalgado n'um muro; bois nedios, corpulentos, de larga armação recurva, passam pachorrentamente, olhando devagar, guiados por uma rapariga de varapau ao hombro e saia curta de serguilha refogada; montes, que o arvoredado ensombra n'uma espessura sem fim de devezas opacas, e que desaparecem ao largo, prolongam a riqueza da vegetação, fechando o horisonte n'um circulo de cordilheira e bosque, que se vai dilatando diante dos nossos passos e dos nossos olhos.

De Villa do Conde a Vairão medeiam talvez oito kilometros; e não deixa de ser notavel a circumstancia de que n'uma e outra povoação, tão pouco distantes entre si, avultem dois dos mais ricos e melhor conceituados conventos de freiras que teve Portugal.

Ambos vastos e poderosos, são comtudo bem diferentes na construcção e no aspecto. O de Villa do Conde, amuralhado até á altura das primeiras janellas, é macisso e duro como uma fortaleza da idade-média, dominando, sombrio e formidavel, a corrente do Ave, que se lhe lança aos pés na melancolia e na sujeição de um escravo. O de Vairão, menos imponente, é tambem menos severo e temeroso, menos feudal no aspecto. Olha da encosta para um valle suave que mantém um discreto

meio termo entre a alegria demasiada e a tristeza oppressiva. É, como muitos dos conventos de Portugal, um casarão sem arte e sem gosto, abrindo em janellas gradeadas sobre um pateo rectangular, com a portaria ao fundo.

Fui encontrar velado de crepe o brazão de armas que encima a portaria. Perguntei a razão d'isto. É uma espontanea demonstração de luto pela ultima freira professa, que falleceu ha dois annos. Pelo mesmo motivo as oito seculares, ainda ali recolhidas, trazem um véo preto de escumilha sobre o véo branco da ordem. Comprehende-se, sem esforço, esta homenagem de saudade, que enluta a familia religiosa de Vairão, desde que baixou á claustro a ultima dona da casa, e sua superiora hierarchica.

Nas janellas, que interiormente dão sobre o pateo, alinham-se, de encontro ás grades de ferro, vasos com flôres. Certamente n'uma d'essas janellas viria debruçar-se muitas vezes aquella das freiras professoras que fôra irmã de meu avô paterno. Mergulharia o olhar na solidão placida do pateo para se entreter com as innocentes distracções que elle podia offerecer á communitade. Uma d'essas distracções era proporcionada pela chegada dos rendeiros, que á porta do celleiro, sob um alpendre que quebrava a torreira do sol, descarregavam dos carros e das réguas os cereaes, as aves e os fructos que pagavam ao convento.

Os dois locutorios, que ladeiam a portaria, deviam ser pouco frequentados, porque Vairão era e é uma solidão monastica, d'estas que se retraíam distanciadadas

do povoado por montes e valles. Algum parente, alguma pessoa de familia ali iria de visita; mas côrte mundana, como a de Odivellas, e dos conventos que ficavam dentro das cidades e villas mais populosas, não a havia em Vairão. Quem queria cultivar o espirito frivolo do seculo, procurava, no norte do paiz, o Porto, e no Porto, o convento de Santa Clara, cujas freiras doidejavam, segundo a tradição, n'um *steeple-chase* aluado.

As freiras de Santa Clara
Andam n'uma roda viva:
Ora no côro de baixo,
Ora no côro de cima.

Minha tia, sendo natural do Porto, recusára Santa Clara, e procurára Vairão. Quizera fugir ao mundo, procurar o êrmo.

É antiga a mobilia que, coberta de crassa poeira, se conserva ainda nos dois locutorios: cadeiras de couro com pregaria amarella rodeiam mesas de pinho, que o tempo ennegreceu.

Tive saudades, ao vêr essas cadeiras, da minha casa paterna. Tambem lá as havia, como aquellas, com a tauxia oxidada, um cunho de antiguidade historica, que envergonha as contrafacções do mobiliario antigo hoje geralmente adoptadas, e que denunciam a imitação no verniz do espaldar e no brilho dos pregos de metal reluzente.

Que differença entre essas graves, solidas cadeiras, e as modernas, frageis e leves! E como pelas cadeiras

se pôde conhecer a differença dos trajos! Para as casa-cas de gola alta, para as grandes cabelleiras pendentes em cachos, era preciso um espaldar condigno, como o das cadeiras de couro. Para os fatos actuaes, sem relevos proeminentes, para as cabecinhas de risca ao lado e meia cabelleira bastam cadeiras de costas baixas sem rebordo resistente.

No pó que cobre os moveis dos locutorios em Vairão como que se lê o abandono, a decadencia de um convento, que foi dos primeiros de Portugal.

Anoitecia, quando entrei na igreja, que é modesta. A escuridão principiava a alastrar-se pela nave do templo, onde só uma lampada bruxoleava diante do altar-mór. No côro de cima, as recolhidas rezavam em voz alta na plangente cadencia das orações conventuaes, lugubres como um responsorio. Fazia tristeza aquelle psalmejar de vozes femininas que perderam a melodia dos rithmos profanos, tão gratos ao ouvido.

Sabindo da igreja, espraiei os olhos pelo adro, visinho do cemiterio, e accidentado em ondulações, onde duas capellinhas, do Senhor dos Passos e da Senhora da Lapa, avultavam, alvejando nos tons cinzentos da noite que descia.

Do interior do templo vinha, como uma onda mansa, que esmorece sobre a praia, o canto monotono das recolhidas. Ao longe, nos campos, a voz fresca de uma rapariga vibrava estridente como o assobiar de um melro em liberdade. E entre a disparidade d'esses dois rithmos, e d'essas vozes tão dessemelhantes, estava como

que aberto o livro dos destinos humanos, tão profundamente diferentes em toda a parte.

Com o cahir da noite, que na aldeia parece ser graduado e lento, a solidão, a melancolia iam escorregando do alto dos montes, subindo do fundo dos campos.

Ali ficavam, no meio d'aquella paz sagrada, as cinzas de uma mulher, que não tivera mocidade senão para amar a Deus.

E eu, descendo a encosta, relanceei ainda um olhar saudoso ao convento de Vairão, que era para mim como que um capitulo de memorias de familia, lido n'aquella tarde, que consagrei ao culto de uma parenta morta.

6-8-93.

FIM

INDICE

	Pag.
PROLOGO.....	v
I. Origens historicas — O Porto primitivo — <i>Portuscalles</i> — Cidade da Virgem — Tripeiros — Genio e caracter tradicional dos portuenses — Sentimentos religiosos — Amor ao trabalho — Commercio — Espirito liberal — O burguez antigo e o moderno — Apêgo ao dinheiro — Cuidado no trajar — O grande aldeão — O Porto e Lisboa.....	1
II. Ruas do Porto — Os transeuntes — O macadam — As casas por fóra e por dentro — Tamancos — Pregões — Os chapéos dos homens — Praça de D. Pedro — Jar- dim de S. Lazaro — Rua de Santo Antonio — Rua das Flores — Porta Nova — Rua dos Gatos — Locomoção antiga: o carroção.....	37
III. Usos e costumes — Carnaval — As maias — Arraiaes	

	Pag.
— Danças populares — S. Miguel — Natal — A terça-feira — O Porto ao domingo — O jogo — Touradas..	75
IV. Typos do Porto — Barões — Viscondes — Fidalgos — Pescadores de casamentos ricos — Fajardos — Brazileiros — Caixeiros — Janotas — Os que namoram na rua e os que namoram nas salas — Inglezes.....	95
V. A portuense — Sua belleza — A belleza e a saude — Trajos femininos — As mantilhas — Os marotinhos — As mulheres do povo — Ovarinas.....	111
VI. Bellas-artes e bellas-lettras — De como um escriptor no Porto não vale meio guarda-livros — O culto dos interesses commerciaes supplantando o das lettras amenas — Exodo forçado dos litteratos portuenses — O jornalismo do Porto.....	123
VII. Theatros — S. João — Baquet — Santa Catharina — Botequins — Aguia d'ouro — Guichard — Pepino — As tascas do peixe frito — Casa de pasto do Rainha — Feiras.....	137
VIII. Rio Douro — As suas margens — Passeio das Fontainhas, sobranceiro ao rio — Val-d'Amores — Antigo estaleiro do Ouro — As barqueiras — A Foz.....	151
IX. Arrabaldes — Avintes — Vallongo — As padeiras — Quintas — Campanhã — Gaia — O castello de Gaia — Candal — Mattosinhos — Lessa da Palmeira.....	173
X. Reliquias historicas — A espada de Affonso Henriques — Monumentos antigos — A Sé — O Paço do Bispo — Igreja de Cedofeita — Edificios monumentaes — O hospital real — Bolsa do commercio — Palacio de Cristal — Torre dos Clerigos — Cemiterios.....	193

	Pag.
XI. Os bairros da cidade — Seu aspecto geral — Vida do Porto — O Porto e a estatua de Garrett — O clima — — As camelias — Vinho do Porto — A pronuncia dos portuenses — Conventos de Monchique, de Santa Clara e da Ave Maria — Bateria da Victoria — Uma lenda — O nariz dos portuenses — O Porto politico....	215
<hr/>	
Memorias de uma familia portuense.....	243

12

Pimental

.....	200
.....	170
.....	100
.....	200
.....	700
.....	100

Barra de

.....	100
.....	100
.....	100
.....	100

Andrade Corvo

.....	1000
-------	------

Antero de

.....	200
.....	100
.....	1000
.....	100

Bernardim Ribeiro

.....	100
-------	-----

Bruzo

.....	100
-------	-----

Eça de

.....	1000
.....	2000
.....	100
.....	1000
.....	1000
.....	10000

Fialho d'Almeida

.....	100
.....	100

Francisco Palha

.....	100
-------	-----

Gervasio Lourenço

.....	100
-------	-----

Gomes de Amorim

.....	100
-------	-----

Jayme de Magalhães, 1.º

.....	100
.....	100

Júlio Barreira

.....	100
-------	-----

José Cugias

.....	100
-------	-----

Conde João Teles

.....	100
-------	-----

Luis de Magalhães

.....	100
-------	-----

Monteiro Ramalho

.....	100
.....	100

Oliveira Mesquita

.....	100
.....	100
.....	1000
.....	100

Ramalho Orsini

.....	100
-------	-----

Thomas Almeida

.....	100
.....	100
.....	100
.....	100
.....	100
.....	100
.....	100
.....	100





THE BORROWER WILL BE CHARGED AN OVERDUE FEE IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE NOTICES DOES NOT EXEMPT THE BORROWER FROM OVERDUE FEES.

WIDENER
NOV 17 1991
BOOK DUE

